

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

FÁTIMA MARIA ALENCAR ARARIPE

**JACARECANGA
PATRIMÔNIO E MEMÓRIA DA CIDADE DE FORTALEZA**

Orientador: Prof. Dr José Gerardo Vasconcelos

FORTALEZA

2007

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

FÁTIMA MARIA ALENCAR ARARIPE

JACARECANGA
Patrimônio e Memória da Cidade de Fortaleza

Tese de Doutorado em Educação, sob a
orientação do Prof. Dr. José Gerardo
Vasconcelos.

FORTALEZA

2007

A658j Araripe, Fátima Maria Alencar

Jacarecanga: patrimônio e memória da cidade de Fortaleza / Fátima Maria Alencar Araripe. – 2007.

230p. il.

Tese de Doutorado – Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, 2007.

Orientação: Prof. Dr. José Gerardo Vasconcelos

1 Patrimônio cultural. 2 Memória – Fortaleza/CE. 3 Educação Informal I Título

CDD 725.945

JACARECANGA
Patrimônio e Memória da Cidade de Fortaleza

Tese apresentada por
FÁTIMA MARIA ALENCAR ARARIPE

Aprovada em 01 de novembro de 2007

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Gerardo Vasconcelos (Orientador)

Prof. Dr. Casemiro Silva Neto

Prof. Dr. Rui Martinho Rodrigues

Prof. Dr. Raimundo Elmo de Paula V. Júnior

Prof. Dra. Sara Jane Holanda Costa Adad

Dedico este trabalho a todos aqueles que são amantes do espaço da cidade e, especialmente, amantes da cidade de Fortaleza e com ela se preocupam e dela cuidam.

Dedico, também, àqueles com quem conversei, por que possibilitaram a esta pesquisa mostrar uma fisionomia para o Bairro do Jacarecanga.

Dedico, ainda, a todos que, como eu, mantenham laços de afeto e de pertença ao seu lugar de morada.

AGRADECIMENTOS

É difícil para qualquer pessoa realizar uma tarefa sem que para isso não precise da ajuda de outra ou de outras pessoas. Para mim, como pessoa e como pesquisadora, não foi diferente: precisei de muita gente. E tudo começou quando eu ainda nem havia feito a seleção para o doutorado, quando conversava com meus filhos e filhas e os colegas e ouvia suas sugestões e incentivo para que enviasse meu projeto de pesquisa para o doutorado. Segui a minha intuição e o meu querer pelo tema escolhido e me apresentei como candidata. Sabia que não ia ser fácil. Os candidatos eram muitos e as vagas poucas, mas a minha vontade era maior e fui em frente. Passei na primeira fase. No dia da entrevista sobre o projeto me deparei com uma banca que me deixou muito à vontade para falar, mas também muito me perguntou. Não me furtei às respostas. Afinal era o meu desejo falar sobre a intenção de pesquisa e ouvir suas opiniões sobre o assunto. Saí da entrevista ansiosa, mas ao mesmo tempo esperançosa. Senti uma afinidade da minha proposta com os componentes da banca, intuição feminina talvez. Bem, não errei e agora aqui estou para dar conta do que me propus e agradecer à Professora Doutora Lourdinha, à Professora Doutora Ana Iório e ao Professor Doutor José Gerardo Vasconcelos, que me deram a oportunidade de fazer esse caminho. Foi uma grata satisfação, quando meus colegas, Lídia e Casemiro foram saber o resultado, já que a minha ansiedade impedia que eu fosse, e me deram a notícia alegremente. A esta banca, os meus agradecimentos, pois foi o passo decisivo para que aqui chegasse.

Agradeço muito a todos os professores com quem tive o prazer de ter aulas durante o curso: Professora Doutora Juraci Cavalcante, que, com sua competência e seriedade, despertou em mim um aprendizado além da disciplina; ao Professor Doutor Rui Martinho Rodrigues, cujo convívio me ensinou a admirá-lo; à Professora Doutora Ana Elizabete Bastos de Miranda, com quem fiz um passeio pelas teorias da educação; ao Professor Doutor Jacques Therrien, que, com suas exigências no seminário de tese, arrumou as discussões dos nossos projetos de pesquisa; ao professor Doutor José Arimatéia Bezerra, que, com sua simplicidade, tantas observações especiais apresentou; ao Professor Doutor André Haguette, que me fez fazer mil viagens nas aulas de Filosofia, as quais creio ainda quero e preciso ouvir e aprender; à Professora Doutora Bernadete Bezerra, especialmente, com quem aprendi a beleza do

caminho da pesquisa etnográfica, cresci para o meu estudo, além das suas aulas serem sempre muito animadoras para o aprendizado.

Agradeço aos meus colegas do Curso de Biblioteconomia, do Departamento de Ciências da Informação da Universidade Federal do Ceará, que estiveram sempre ao meu lado, acreditaram e deram força para essa grande empreitada.

Agradeço, especialmente, a Adriana Nóbrega, amiga e aluna do Curso de Biblioteconomia, que, com tanta atenção, fez transcrições de fitas gravadas por ocasião das minhas conversas com os entrevistados.

Agradeço a todos os que, ao longo do caminho percorrido, indicavam livros, emprestavam, discutiam sobre o tema. Aos que, em suas instituições, se dispuseram a me atender e prestar informações de forma tão solícita.

Muito especialmente agradeço a cada uma das pessoas com quem pude conversar e ao conjunto delas todas que possibilitaram o resultado da pesquisa. Sem elas nada teria acontecido, portanto, o meu MUITO OBRIGADA.

A família é parte fundamental da minha vida. Creio que seria difícil viver sem ela. Agradeço, portanto, àquela que chamo de macro família, pai, mãe (*in memoriam*), irmãos e irmãs, cunhados e cunhadas, sobrinho e sobrinhas, que me fazem sentir orgulho de com eles compartilhar a minha vida.

Aos meus filhos e filhas, Jôana, João Paulo, Carolina e Pedro, razão maior pela qual eu procuro melhorar com o passar dos anos, pois cada um é um pedaço de mim e a razão do meu existir, a compreensão nas inúmeras ausências e impaciências pela necessidade da pesquisa. Ao meu lindo neto Levi, que eu amo muito, muito, muito, e com sua chegada trouxe mais alegria e mais vida para a minha vida.

Ao meu namorado marido Zito, meu amor de paixão, que, para além do amor homem mulher, traz alegria e paz para a minha vida e foi um porto seguro nos momentos

difíceis que tive para enfrentar durante o tempo de gestação desta tese. Agradeço, também, pelo incentivo, confiança e em alguns momentos uma cobrança sutil para ver o término desse trabalho, e ainda, a infraestrutura do seu apartamento, no coração do bairro, a Praça do Liceu, com computador e muito amor, a tolerância da desarrumação com tantos papéis e livros, além da escuta sobre o que eu estava a fazer. Isso tudo foi e é muito importante. Creio que ele sabe disso.

Agradeço à banca da primeira qualificação, Prof. Dr. Arimatéia, Prof. Dr. Casemiro Silva Neto e o Prof. Gerardo (meu orientador) pelas observações valiosas para continuar o estudo.

Especialmente, agradeço ao meu orientador, Professor Doutor José Gerardo Vasconcelos, pessoa arguta e inteligente, que me deu liberdade para fazer o meu percurso e trilhar o caminho por mim escolhido, valorizou a minha maneira de escrever, sem descuidar das orientações necessárias para um melhor desenvolvimento do trabalho. Muito obrigado Prof. Gerardo!

Por fim, agradeço a Deus que, em todos os momentos, me deu a benção e a força necessária para, diante das dificuldades do cotidiano da vida, não desistir de continuar.

HINO DE FORTALEZA

Junto à sombra dos muros do forte
A pequena semente nasceu.
Em redor, para a glória do Norte,
A cidade sorrindo cresceu.
No esplendor da manhã cristalina,
Tens as bênçãos dos céus que são teus
E das ondas que o sol ilumina
As jangadas te dizem adeus.

Refrão

Fortaleza! Fortaleza!
Irmã do Sol e do mar,
Fortaleza! Fortaleza!
Sempre havemos de te amar

II.

O emplumado e virente coqueiro
Da alva luz do luar colhe a flor
A Iracema lembrando o guerreiro,
De sua alma de virgem senhor.
Canta o mar nas areias ardentes
Dos teus bravos eternas canções:
Jangadeiros, caboclos valentes,
Dos escravos partindo os grilhões.

(Refrão)

III.

Ao calor do teu sol ofuscante,
Os meninos se tornam viris,
A velhice se mostra pujante,
As mulheres formosas, gentis.
Nesta terra de luz e de vida
De estiagem por vezes hostil,
Pela Mãe de Jesus protegida,
Fortaleza és a Flor do Brasil.

(Refrão)

IV.

Onde quer que teus filhos estejam,
Na pobreza ou riqueza sem par,
Com amor e saudade desejam
Ao teu seio o mais breve voltar.
Porque o verde do mar que retrata
O teu clima de eterno verão
E o luar nas areias de prata
Não se apagam no seu coração.

(Refrão)

Letra: Gustavo Barroso
Música: Antônio Gondim

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 A INVENÇÃO DO PATRIMÔNIO	27
2.1 Patrimônio, Memória e Cidade: referências para uma educação além da escola	38
3 EVOCAÇÃO A CIDADE: UM LUGAR PLURAL	60
3.1 Fortaleza: “a loura desposada do sol”	68
4 JACARECANGA: UM PASSEIO PELO BAIRRO	75
4.1 O Coração do Bairro: a Praça do Liceu	83
4.2 Um Olhar da Praça em Movimento	109
5 CAMINHOS E CONVERSAS	114
6 PALAVRAS FINAIS: o que faz do Jacarecanga um patrimônio	195
7 REFERÊNCIAS	204
8 ANEXOS	208

RESUMO

Este estudo traz reflexões sobre patrimônio cultural, memória e cidade, na perspectiva de mostrar a importância que o patrimônio tem para resguardar a memória e a história dos lugares e da vida das pessoas e, portanto, da história e da memória do espaço da cidade. Traz essas reflexões na possibilidade de apresentar esse acervo patrimonial como fontes de informação para uma educação que ultrapassa os espaços formais das escolas e universidades, ressaltando que o aprendizado ocorre, também, mediante a educação informal e que o espaço cidadão se torna, com efeito, um lugar por excelência para se aprender. A pesquisa tomou para estudo o Bairro do Jacarecanga, na cidade de Fortaleza, que foi não só uma escolha pessoal, mas, também, o fato de a parte da Cidade ser da primeira metade do século XX, abrigando algumas instituições das mais significativas da história de Fortaleza, bem como pelo conjunto das pessoas que ali moraram, que deram, por muito tempo, uma configuração para que o lugar fosse considerado o bairro *chic* da Cidade, não só pelas belas casas, como também pelo nível social dos seus moradores em aspectos políticos, econômicos, educacionais. O estudo apresenta como núcleo da pesquisa a Praça Gustavo Barroso, mais conhecida como Praça do Liceu, por considerar que esse é o coração do bairro e por onde passa a vida das pessoas que ali residem. Para a colheita das informações, o universo estudado foi de setenta pessoas e, desse conjunto, foram escolhidas vinte e quatro falas representativas do total pesquisado e por intermédio das quais se pode ter uma visibilidade do que contém o Jacarecanga de memória e história da cidade de Fortaleza, aqui apresentado como bens patrimoniais.

Palavras-chave: Patrimônio; Cidade; Memória; Educação informal.

ABSTRACT

This study brings reflections on cultural heritage, memory and city, in order to show the importance that the heritage has to protect the memory and the history of places and people's life and, therefore, the history and memory of the city's area. It brings these thoughts on the possibility of making such patrimony as sources of information for an education that goes beyond the formal spaces of schools and universities, emphasizing that the learning takes place, also, through informal education and that the cited space becomes, in fact, a place of excellence learning. The research took into consideration for its study, the Neighborhood of Jacarecanga, in the city of Fortaleza, which was not only a personal choice, but also the fact that the part of the city is dating from the first half of the twentieth century, housing some of the most significant institutions of Fortaleza's history, as well as for all the people who lived there, who have given, for a long time, a configuration so that the place would have been considered the fashionable neighborhood of the City, not only for the beautiful houses, but also for the social level of its residents on political, economic and educational aspects. The study presents as a search core the Gustavo Barroso's Square, better known as the Liceu's Square, considering that this is the heart of the neighborhood and where the people's life goes by. For collecting data, the amount of people studied was seventy, and out of this set, were chosen 24 representative speeches of the total researched and through these ones it's possible to have a visibility of what Jacarecanga contains in terms of memory and history of Fortaleza city, here presented as property assets.

Key-words: Patrimony; Memory; City; Informal Education

1

INTRODUÇÃO

O texto que aqui começo tem como finalidade apresentar o desenvolvimento da temática **Jacarecanga: Patrimônio e Memória da Cidade de Fortaleza**.

Em primeiro lugar, quero dizer que a escolha deste tema é alguma coisa muito maior do que esta pesquisa apresenta. É algo que está em mim antes de pensar neste estudo, está no meu olhar curioso, na minha imaginação, na minha relação com o aprendizado e todas as possibilidades que a vida oferece para que possa descobrir suas pausas, seus silêncios, tempestades, bonança, fartura, estiagem, alegrias, tristezas, e as razões de existir. É um processo que vem ao longo dos anos se formando e agora alguma coisa desse pensar e sentir se materializa nesta pesquisa. É uma elaboração que me permitiu caminhar ao lado de muitos autores, de entrevistar muitas pessoas, de ouvir coisas de amigos que em nada se relacionavam com a pesquisa, mas em algum momento me despertou para determinados aspectos, dos colegas de trabalho sempre incentivadores e, especialmente, do meu orientador que me deu uma liberdade orientada na condução da pesquisa. Na escritura da tese, no entanto, tive que me isolar de tudo e de todos para dar cabo do que eu pretendia, pois essa é uma relação muito íntima que eu e o leitor sabemos ser necessário. Convido-o, portanto, a mergulhar nesse universo que fala de memória e história da cidade de Fortaleza para comigo refletir sobre seus bens patrimoniais.

O tema tem como preocupação estudar e analisar no espaço da cidade o grande acervo patrimonial e o reconhecimento deste como memória social, por parte da comunidade onde está inserido. Esse patrimônio é tomado na perspectiva da representação das manifestações sociais que fazem parte da vida cotidiana e têm relação com os sonhos, as conquistas e realizações de cada indivíduo e do conjunto de todos eles, constituindo a história e a memória social do espaço citadino.

Esta temática, em parte, é uma continuidade das leituras e discussões realizadas durante o Mestrado em História Social, na UFRJ, iniciativa acadêmica que me levou a trabalhar com memória e identidade, na busca de apresentar a biblioteca pública do Estado do Ceará – Biblioteca Provincial do Ceará, à época estudada – como instituição partícipe da construção da memória e da história deste Estado e, especialmente, da cidade de Fortaleza.

Em minhas leituras, conheci um pouco a história da Província do Ceará e a da cidade de Fortaleza. Esse passeio pela historiografia cearense intensificou o interesse pelo espaço da Cidade que, desde há muito, está presente nas minhas inquietações e questionamentos. Conhecendo um pouco desse passado, e as surpresas por ele oferecidas, fiquei cada vez mais motivada a descobrir que outras surpresas a Cidade pode mostrar se com maior cuidado e carinho olharmos para ela. Agora, com esta pesquisa, me encontro em estado de paixão, enlevada pelo que conheci e pelo que ainda não consegui perceber neste momento.

Quando se quer muito alguma coisa, geralmente, ou se peca para mais ou para menos. No meu caso, pequei para mais. Comecei a pensar nesta pesquisa, desejando estudar a cidade de Fortaleza. É certo que, estando atenta ao conjunto da Cidade, tive que escolher um *locus* de pesquisa, pois Fortaleza toda seria demais. Elegi, então, o bairro do Jacarecanga. A escolha se deu assim como num estalo. Apesar de saber sobre o bairro e da sua importância na desenvolvimento e no crescimento da Cidade, o meu contato direto ocorre há uns cinco anos e meio, antes mesmo de começar o doutorado. Isso porque, desde pequena, morei na Aldeota, e, só em alguns poucos momentos, andei pelos lados do Jacarecanga, já que minha madrinha morava lá, em uma grande e bela casa a meio quarteirão da Praça do Liceu, embora ainda não prestasse atenção nos arredores, tampouco na praça. Não me lembro nem de praça, nem de Liceu, um pouco só dos Bombeiros, mas, muito longe! Parece que, quando eu entrava no carro para ir ao Jacarecanga, fechava os olhos e só abria quando chegava à casa da madrinha.

Era gostoso quando eu ia por lá, pois além de bolos gostosos, ainda ganhava presentes. Portanto, as primeiras lembranças do bairro do Jacarecanga são tênues, muito poucas, mas gostosas. É interessante como as comidas, os sons e os cheiros sempre nos remetem a alguma lembrança. Agora, mudei quase que totalmente o local de moradia para o *locus* da pesquisa. Isso se tornou interessante por que posso ver e participar do dia a dia do bairro com maior facilidade, embora me preocupe em continuar dirigindo um olhar estrangeiro ao espaço pesquisado, na medida em que é ele que vai me mostrar aquilo que o morador comum às vezes não vê, ao mesmo tempo em que me permitiu uma observação muito mais detalhada do movimento do lugar. Esclareço, no entanto, que a palavra olhar é utilizada numa dimensão que vai além do puramente físico. O “meu olhar” aqui tem relação com sentir, ouvir, cheirar, ver e tudo o mais que realce aos meus sentidos. Poderia, entretanto,

usar a palavra percepção, mas ainda considero pouco para o que fui, aos poucos, conhecendo. Portanto quando falo do olhar contemplo os demais sentidos.

Com o caminho que fui percorrendo, minha relação com o Bairro ficou mais forte e íntima. Nasceu uma relação de amor: pesquisar o Bairro, já que toda pesquisa traz esse sentimento atrelado. É preciso, digo sempre aos meus alunos, que estejamos apaixonados pelo nosso objeto de estudo para podermos dar conta de estudá-lo. Sinto-me assim apaixonada por esse bairro, embora saiba que não posso perder de vista a objetividade de toda pesquisa e do trabalho científico.

Descobri-me interessada em estudá-lo numa noite, divisando do alto de um prédio, mais precisamente do oitavo andar, quando vi que, por um lado se descortinava imensa e linda paisagem do mar, que vai de leste ao oeste até o Mucuripe, e, por outro, a beleza da Praça do Liceu iluminada, parecendo um cartão postal. Nessa noite, a paisagem da Praça se apresentou mais bonita do que a do mar, talvez pela iluminação, já que à noite o mar se confunde com o céu. No dia seguinte, com sol claro e forte, a paisagem do mar se mostrou tão bela quanto a Praça iluminada, ou melhor, mais bonita ainda, com certeza, pela própria natureza e os mistérios e histórias do mar, presente nas poesias e nas muitas músicas que falam da beleza e dos amores do mar. Dorival Caymmi tem uma música da qual muito me agrado que fala das coisas que o mar pode oferecer para quem enfrenta as suas águas, que diz: “[...] para te agradar ah! eu trouxe os peixinhos do mar morena / para te enfeitar ah! eu trouxe as conchinhas do mar [...] / morena do mar fui eu que acabei de chegar, ah! Eu disse que ia chegar, cheguei. [...]” O Jacarecanga também é assim, cheio de histórias: de amor, de vida, de morte, mas também de mistérios, o que me deixou sempre curiosa para descobrir.



Vista da avenida Filomeno Gomes descendo para a praia



Vista da Praça do Liceu à noite

Se já mirava as belas casas antigas desta nossa Cidade, agora as atenções eram redobradas e passei a enxergar as potencialidades do bairro. Descobri, então, que aquele seria o bairro ideal para esta pesquisa e, desde então, comecei a observar o movimento do bairro e a maneira como poderia ou deveria estudá-lo. Denominei-me nesse momento “uma caminhante aprendiz”. Caminhante, pois foi esse o melhor meio que encontrei para poder me tornar parte de tudo que faz o movimento da vida dos habitantes do bairro. Só caminhando pude estar mais perto das casas, das pessoas, das histórias, sons, cores e cheiros característicos do Bairro, pois todos sabem que esses são aspectos importantes quando se quer conhecer mais a fundo os lugares. Aprendiz, porque fui descobrindo, aos poucos, as riquezas desse lugar, mas, com certeza, há muito ainda a conhecer.

Assim como o Brasil não é apenas um local geográfico, mas, especialmente é cultura, com sua gente, casas, lares, memórias, histórias, dentre tantas outras coisas, temos com ele uma relação especial e única. Existe, para nós, um país com uma feição de contornos especiais, com vida, pensamento e consciência, que se materializa nas manifestações sociais. Quero, da mesma forma, apresentar geograficamente o bairro Jacarecanga e, principalmente, tudo o que tem significação cultural e se mostra no movimento da vida cotidiana e exibe uma feição para o Bairro.

Por volta de 1992, houve um movimento de alguns moradores dali para formarem uma associação que se chamou Fundação-Sociedade dos Amigos do Jacarecanga, entidade não governamental, com o intuito de discutir seus principais problemas. A preocupação era com a memória do bairro e o senso de cidadania. Na verdade, a entidade não foi criada oficialmente, mas os interessados reuniam-se todas as quintas-feiras, às 19 horas, na Academia Goretti Quintela, situada na rua São Paulo, 1718. A Sociedade não teve continuidade, mas suas sementes não morreram. Em meados do ano de 2004 fomos convidados, eu e Zito, para retomar essa sociedade que há muito não tem nenhuma atuação. Aceitamos o convite e realizamos a primeira reunião formal, com dez pessoas, para discutir quais as ações possíveis para reativar a sociedade. Registrei tudo com fotos e gravei as falas dos presentes. Essa reunião foi muito interessante para esta pesquisa, na medida em que ouvi pessoas que tem envolvimento maior com o Bairro. A perspectiva era que fizéssemos um grande movimento para trazer mais pessoas preocupadas com a preservação do patrimônio

cultural do Bairro, no que diz respeito ao patrimônio arquitetônico e todas as manifestações culturais, que estão na dança, no pastoreio, no carnaval. O primeiro passo foi dado, mas já faz quase três anos e nada mais foi feito. Ainda acredito, porém, num final feliz.

Dessa forma, esta pesquisa tem como idéia principal descobrir o que existe de patrimônio do Jacarecanga, tendo como foco principal a memória proveniente dos seus moradores, bem como o conjunto de tudo o que, ao longo dos anos, compõe o seu acervo patrimonial, na perspectiva e na possibilidade de apresentar esse instrumental como a alternativa viável para uma educação informal que contribua para a formação de “indivíduos-cidadãos”, na medida em que considero “indivíduos-cidadãos” todas aquelas pessoas que, no convívio social, são cômicos dos seus direitos e deveres e, nesse caso, especialmente, mantêm uma relação de proximidade com o seu espaço de morada, não por que lá habitam, mas porque tornaram esse espaço o seu lugar de história de vida individual e coletiva.

Nessa perspectiva, acredito, foi meu caminho, no decorrer da pesquisa para descobrir como se dá a relação habitante / lugar, as memórias guardadas por eles e que podem ser consideradas como patrimônio, não só para a cidade, e porque foi instituído oficialmente como tal, mas, também e especialmente, aquilo que para o Bairro tem sentido é importante e mantêm uma relação de afetividade, na medida em que fala da sua gente e da sua história.

Algumas questões me moveram para o estudo: O que é considerado patrimônio? Quem inventou o patrimônio? Quem elege o patrimônio? Para quem é o patrimônio? Por que conservar o patrimônio? É memória dos seus habitantes? Faz parte da história da cidade, ou do bairro, ou da rua? Quais os usos sociais do patrimônio? Esta última pergunta é uma das minhas maiores inquietações, na medida em que acredito que o patrimônio deve ser algo dinâmico e que tenha usos e representação social.

Trata-se de uma problemática que me levou a percorrer os caminhos da história de Fortaleza, especialmente do Jacarecanga, nos aspectos político, social e educacional, mas não se satisfaz com isso, pois busca na memória social do bairro o que existe e mantêm relações de pertença e afetividade com seus moradores ou ex-moradores. Essa memória social é o que vou considerar como patrimônio cultural. É essa memória social que quero apresentar como

um grande acervo para a educação, na medida em que considero que, para aprender, necessariamente não precisamos estar na escola. Na verdade, o que estou dizendo é que o ensino e a aprendizagem não se encontram exclusivamente na educação formal, mas passam necessariamente pelo informal, isto é, por tudo aquilo que nos oferece o espaço da cidade, com suas diferentes vozes que falam do passado e do presente numa polifonia discursiva que contempla todos os fazeres sociais.

Vive-se um tempo em que tudo parece muito fluído, a rapidez com que as informações circulam no mundo mexe com os valores e a identidade das pessoas e dos lugares. A possibilidade de passarmos virtualmente pelo mundo está posta e, com isso, a interferência de outros saberes e outras culturas nas nossas cidades e lares. Difícil se torna fugir ou desviar essas influências caracterizadas pela globalização ou mundialização das culturas. Não pode, no entanto, deixar de perceber que, nessa turbulência massificadora, vemos emergir os sinais de vida da cultura local que, de alguma forma, está presente, mas parece andar de pernas cansadas para a caminhada.

O trabalho do pesquisador, portanto, se faz necessário. Vasculhando os diferentes caminhos por onde andaram pessoas e lugares, traz-se à tona aquilo que permite nos reconhecermos na história e parte dessa história. É assim que busco o meu itinerário metodológico, na perspectiva de juntar as informações que darão corpo a esta pesquisa. Meu caminho, portanto, tem dois momentos: um passado, que permite conhecer a memória do Bairro. Para tanto, busco notícias em jornais e arquivos, fotografias, bem como textos escritos por antigos moradores. Procuo, ainda, ouvir antigos moradores, na medida em que o encontro do pesquisador com o entrevistado possibilita colher informações além do que se encontra no documento escrito, mas transparece na voz, na fisionomia, no sentimento, no silêncio, no brilho do olhar.

O segundo momento é o tempo presente, a memória do tempo atual que, acredito, possa ajudar a formar, preservar e apresentar uma memória dos valores culturais que fazem sentido no cotidiano dos moradores desse Bairro. Para isso, recorri, mais uma vez, além de documentos escritos e observação do Bairro, à história oral, pois me possibilitou um mergulho no cotidiano do Bairro e de seus moradores, na perspectiva de conhecer o que está

sendo considerado /reconhecido e/ou apresentado como patrimônio e mantém relação de pertença com seus habitantes, ou até mesmo o total desconhecimento do que é um patrimônio.

Este é um estudo que intenta trabalhar com a história do tempo presente, haja vista que busca no cotidiano das pessoas as informações que podem compor uma memória social, aquela que compartilha o mesmo tempo, vivências, e percorre caminhos aproximados. A história oral é o recurso metodológico que considero essencial, na medida em que possibilita ao pesquisador uma aproximação maior com a comunidade de forma a colher informações diretamente com as pessoas e, dessa forma, discutir o estudo numa abordagem do cotidiano, mais próxima dos agentes sociais, observando seus modos de vida, para poder sentir, não só no falar, mas, também, nas expressões do olhar e do gesto por onde caminham suas memórias e o que elas representam, como memória social, e se caracterizam como patrimônio. Busquei, através das suas falas, fazer um mapa cultural do patrimônio que mostre uma feição para o Bairro e represente a memória e a história da sua gente.

Para dar fundamentação, contei com um referencial teórico de autores que possam arrimar as categorias solicitadas pelo tema, e que serão trabalhadas, sempre levando em consideração a dimensão do cotidiano. Busquei, também, uma bibliografia sobre o patrimônio instituído da cidade de Fortaleza para que possa conhecer esse universo patrimonial, mas sem a intenção de fazer qualquer análise comparativa do que existe.

Portanto, as fontes orais representam, nesta pesquisa, a metodologia que me dará a possibilidade de conhecer a legitimidade do patrimônio, e o que está oculto em cada um deles – em suas memórias - e podem formar uma ideia coletiva sobre o patrimônio. Dessa forma, tive um cuidado especial para tratar com essas fontes, já que, pelos depoimentos, terei um testemunho dessa história que estará permeada pelo sentimento e pela razão.

Procurei, ainda, e principalmente, mostrar o que o patrimônio pode vir a acrescentar em termos de educação cidadã, que possibilite melhor conhecimento sobre a vida, o ambiente de vivência cotidiana e o papel social desempenhado por parte de cada um.

Como o período a ser analisado é o tempo presente, embora a busca para as minhas respostas esteja, especialmente, na memória de um tempo passado, colhi informações nos sujeitos de idades diferentes, de variados níveis sociais e educacionais que se encontram no espaço da pesquisa. Portanto, trata-se de uma pesquisa qualitativa, pois somente dessa forma posso ter a possibilidade de colher informações que possam contemplar os objetivos intentados na busca de responder às minhas questões.

Ainda como recurso metodológico, fiz um passeio etnográfico de maneira que pudesse mostrar a estrutura do Bairro, bem como os materiais culturais que ali se desenvolveram e se desenvolvem. Trago, portanto, um passado e um presente em convivência contínua. Um passado que, para muitos, parece não existir, e para outros é a razão da existência, e estão sempre se expressando numa linguagem saudosa: “aqui no bairro era tudo diferente, era muito bom”.

Na verdade quando se resolve fazer uma pesquisa se escolhe uma metodologia, isto é, a melhor forma de obter as informações necessárias que atendam aos objetivos intentados. Quando dei início ao trabalho desta pesquisa, que não tinha certeza de nada do que havia escolhido como caminho. Portanto, comecei a caminhar sem destino traçado, apenas ia aos poucos me apropriando do chão, me aproximando do movimento da paisagem, numa relação entre corpo e rua (cidade), numa relação de descobertas, de mim mesma e do espaço pesquisado.

Desse caminho descobri e conheci muitas coisas e criei muitas expectativas. Ao mesmo tempo em que olhava as ruas, as casas, as pessoas, os sons, os cheiros, estava no tempo presente. Eu queria, no entanto, mais, e meu imaginário foi ao começo do século XIX, ao início desta história. Imaginava o que havia sido este Bairro há 50, 60, 80 anos, e olhava o que ele era agora. Animei-me, pois eu acredito que as pessoas se aninham nos lugares, no trabalho e com pessoas, por que gostam ou delas nos afeiçoam. Encantei-me e desencantei-me. Foram sentimentos múltiplos e aconteceram em diferentes momentos desta pesquisa.

Em alguns ocasiões pensei: como faz falta uma educação cidadã, uma educação da cidade, com a cidade e pela cidade! Senti, então, que as minhas expectativas em relação ao sentimento das pessoas com os lugares de morada não foram muito agradáveis, talvez porque

esperasse maior afetividade, um jeito de gostar diferente. Algumas pessoas, eu sei, moram nos lugares porque não têm alternativa, e mesmo as que moram porque escolheram não se ligam no seu espaço de moradia, não cultivam nenhum sentimento de pertença com o lugar, ou, por outra, não fazem nada para melhorar, embora apontem muitas coisas de que não gostam, apenas se recolhem as suas casas e não fazem nada ou mesmo dizem qualquer coisa. Algumas apenas utilizam o espaço para o trabalho, portanto, só interessa isso, o resto não lhes diz respeito, já que moram em outro lugar.

Em outros momentos, porém, o conversa com as pessoas foi muito boa, havia um jeito de gostar mais do que gostar. Não sei explicar em palavras, mas havia uma saudade, uma admiração pelo vivido naquele lugar, e, às vezes, uma tristeza por não ser mais como era. Enfim, me deu uma saudade deste Bairro, que não vivi em seus tempos áureos, das festas, dos jogos, da praia, da igrejinha, dos passeios na praça, do ônibus de madeira, do Liceu, dos banhos no riacho Jacarecanga, dos movimentos estudantis, e que agora tento desenhar na mente por meio daquilo que hoje se apresenta, no século XXI, e o que escutei dos meus amistosos entrevistados.

Cabe esclarecer, também, que o recurso metodológico da entrevista estou a chamar de conversas, na medida em que decorreu de maneira descontraída e privilegiou aquilo que de mais importante se apresentou para cada uma das pessoas com quem me encontrei. Decidi, portanto, dedicar um capítulo que chamei “Caminhos e Conversas”. Um caminho que me possibilitou conversar com o lugar, comigo mesma e com as pessoas. Nele estou dizendo como tudo foi acontecendo e trazendo as falas daqueles com quem conversei, ao mesmo tempo em que faço observações e avaliações. Considero esta a parte mais significativa deste trabalho e leitor com certeza vai concordar comigo.

Adotei na escritura deste trabalho uma espécie de diário, antiga prática que começou em 1808, com um livro de Maec-Antoine Julien, “Ensaio sobre o método ...”, porque me pareceu a maneira mais interessante de contar como fiz o meu caminho, e, também, por que escrever assim tem relação comigo. Encontrei reforço nessa escolha em Hess, quando diz que no diário vamos aos poucos sentindo as dificuldades, as surpresas, os fracassos que vão se apresentando e, dessa forma, nasce outra maneira de escrever, aceitando-

se a espontaneidade e a força dos sentimentos.¹ Acredito que, assim escrevendo, não só me envolvi mais com a pesquisa, como também consegui estar mais atenta aos movimentos do Bairro, na medida em que ia registrando todos os caminhos que percorri. Foi um trabalho prazeroso e me faz pensar que pode ser mais fácil mostrar o que vi, o cotidiano da pesquisa. Portanto, ficam aqui o registro da minha escolha e suas razões.

Intitulei esta pesquisa de Jacarecanga: patrimônio e memória da Cidade de Fortaleza, porque é exatamente isso que trago de resposta com esta pesquisa: a certeza de que esse Bairro é um grande patrimônio da cidade e parte da memória e da história da Cidade.

Da tese, fazem parte nove itens. Esta introdução onde trago as razões pelas quais escolhi este tema bem como a sua relevância para a área biblioteconômica na medida em que apresento o acervo da cidade como fontes de informação, para a educação, pois trago uma proposição que apresenta o espaço citadino como lugar de aprendizagem informal, e para a história já que o bairro do Jacarecanga faz parte da história de Fortaleza.

Em, “A Invenção do Patrimônio”, faço um passeio pelos caminhos que levaram à criação do patrimônio e a sua importância para a memória da humanidade. Para discutir o assunto louvei-me nos autores Nestor Garcia Canclini, Carlos Lemos e outros. A perspectiva é mostrar o que é patrimônio e porque deve ser cuidado, haja vista que o mesmo faz parte da memória social e da história das pessoas e dos lugares. A outra questão é apresentá-lo como possibilidade de referência para a educação. Isso porque acredito que para aprender se pode aproveitar os mais variados tipos de acervos, e, neste estudo, o espaço citadino é o que apresento como possibilidade, na medida em não se precisa organizar, o que existe está como a se oferecer para o aprendizado.

Essa discussão é feita na parte que intitulei “Patrimônio, Memória e Cidade: referências para uma educação além da escola”, uma reflexão teórica sobre a temática que envolve a pesquisa em autores como Paulo César Rodrigues Carrano, Jaime Trilla, Lana

¹ HESS, Remi. Momento do diário e diário do momento. In: SOUSA, Elizeu Clementino; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. (Orgs.). **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006. P.91.

Cavalcanti, Ítalo Calvino, Michel de Certeau, Roger Chartier, Clifford Geertz, dentre outros, e as fundamentações necessárias para seguir meu caminho.

Para a terceira parte, “Evocação a Cidade: um lugar plural”, coube trazer reflexões sobre como se formaram as cidades e acerca da formação de Fortaleza, com referências ao período de constituição do Jacarecanga. Tentei traçar um panorama da capital nos seus diferentes aspectos, para poder, então, apresentar o Jacarecanga. Para pensar sobre cidade, além de alguns autores já mencionados no parágrafo anterior, dialoguei com Lewis Mumford, Linda Maria Pontes Gondim, Sebastião Rogério da Ponte, Gisafran Nazareno Mota Jucá, Celeste Cordeiro, os quatro últimos autores que escreveram sobre a história do Ceará, entre outros.

Em “Caminhos e Conversas”, trago todo o percurso por mim percorrido na busca por conhecer o Jacarecanga e as falas das pessoas que foram, aos poucos, preenchendo e dando vida aos espaços por onde caminhei. Chego a sexta parte do trabalho intitulada “Palavras Finais: o que faz do Jacarecanga um Patrimônio”, onde mostro a colheita desta pesquisa, primeiramente do ponto de vista das pessoas com quem conversei, e depois uma apresentação minha que considero pode compor ainda mais o quadro colhido pela pesquisa. Em seguida a listagem das Referências com os autores que me ajudaram a pensar sobre o tema, e os Anexos, com algumas imagens do Jacarecanga, na perspectiva de poder dar visibilidade do que foi este estudo. Todas as fotos apresentadas foram feitas por mim em uma máquina digital, em diferentes dias e horários.

Pode ser que, para algumas pessoas, este trabalho precise de muito mais. Concordo com elas, pois, em alguns momentos, pensava que certas coisas que vi e ouvi já poderiam dar uma tese. Portanto, a intenção não é dar por acabado o estudo, mas animar a pensar outras possibilidades. Dizem os entendidos que, na verdade, uma tese não se termina ao parar de escrever. É isso que estou a fazer, parando de escrever. Como acredito que a vida é sempre um grande e constante aprendizado, o certo é que este trabalho me trouxe muitas coisas boas: deu-me bem mais maturidade e naturalidade para o trabalho de pesquisa; possibilitou-me conhecer pessoas e suas vidas – bem, isso é inigualável; fez-me ver um/o mundo diferente; trouxe-me e me confirmou a beleza de outros valores sociais, de família, de

amizade, simplicidade, sabedoria etc. E, por fim, me deu mais agudeza para olhar e viver a vida. Talvez este tenha sido o meu maior aprendizado, mais do que as teorias que aprendi nos livros, pois isso só se aprende vivendo.

Por outro lado, considero que quanto mais envolvimento e aprofundamento com qualquer conhecimento, mais aumentam as minhas indagações, e mais percebo o quanto ainda sei pouco. O mais importante dessas preocupações é como fazer para viver melhor e ajudar os outros a assim também fazer. Não encontrei as respostas, mas sei que existem muitos caminhos e possibilidades. Agora estou aqui me propondo a narrar aquilo que vivi. Não creio que consiga trazer em um texto tudo o que vi e ouvi, no entanto, ao apresentar este estudo, talvez possa dizer, ao falar, através do olhar, a importância do que foi tudo isso.

2

A INVENÇÃO DO PATRIMÔNIO

Parece-me que reflexões sobre patrimônio se tornaram preocupação mundial. Quando falo sobre patrimônio, no entanto, algumas questões emergem como primordiais para a sua compreensão. Algumas indagações podem ou devem ser feitas: O que é patrimônio? Para que serve o patrimônio? O que podemos eleger como patrimônio? O que o patrimônio representa para o Brasil? O que o patrimônio representa para nossa cidade, nosso bairro, nossa rua? O que o patrimônio representa na nossa vida? Quais os laços com o patrimônio da nossa cidade? Onde se aprendeu a conhecer o patrimônio?

Não tenho as respostas prontas, até porque as respostas estão em cada um de nós, na maneira como cada qual encara a vida e o que espera dela. A história do patrimônio e de seus modos de produção, contudo, pode nos dizer da sua importância e do seu significado para o fortalecimento e o desenvolvimento cultural, político, educacional e socioeconômico de qualquer nação.

Na sociedade atual, embora se verifique enorme avanço tecnológico, posso observar que a educação brasileira não obtém a qualidade almejada, especialmente no que se refere à formação cidadina como base para a formação de um indivíduo crítico, reflexivo e criativo, capaz de contribuir para a (re)construção da sociedade em que vive e exercer o seu papel de cidadão ou cidadã.

A minha experiência vê, a todo o momento, as dificuldades por que passam os bens patrimoniais. Esta situação tem raízes em um processo que se iniciou há muito tempo. Não há uma cultura patrimonial bem desenvolvida no País, nem no Ceará, e muito menos em Fortaleza, embora já se notem indícios de preocupação e de crescimento. Dessa forma, vou fazer um breve passeio pelos caminhos trilhados para a constituição daquilo que denomino de patrimônio.

Parto da premissa de que, onde quer que haja vida humana, alguma coisa de valor cultural mais significativo vai, aos poucos, sendo construído. Posso dizer, também, que qualquer que seja a natureza do patrimônio, ele essencialmente estará acompanhado pelas relações e interações do ser humano com a natureza e a cultura.

Começo, então, por entender o significado da palavra, sua origem e o caminho histórico percorrido. Etimologicamente, a palavra patrimônio vem do latim *patrimoniu* e significa herança paterna, bens de família, ou ainda, quaisquer bens ou conjunto de bens culturais ou naturais, materiais ou morais, de valor reconhecido para uma determinada região, país, localidade, para a humanidade ou pertencentes a uma instituição, pessoa ou coletividade que, ao se tornarem protegidos (tombados) devem ser preservados e mantidos para o uso de todos que formam a sociedade.

Patrimônio é, ainda, uma antiga palavra ligada às estruturas familiares, econômicas e jurídicas de uma sociedade estável, enraizada no espaço e no tempo. Requalificada por diferentes adjetivos, agora se tornou um conceito nômade, e é qualificada, utilizada e apresentada de acordo com o momento vivido pelas diferentes culturas e suas trajetórias e a dinâmica que rege as relações sociais.

Ao patrimônio foi acrescida a palavra “histórico”, ficando, então, a expressão patrimônio histórico para designar a acumulação de objetos que falam de um passado comum: obras de arte e trabalhos e produtos de todos os saberes dos seres humanos. Durante muito tempo, a denominação patrimônio histórico prevaleceu e revelava as “heranças” deixadas e apresentadas por meio de instituições e do pensamento (mentalidade) da época que direcionavam os rumos do desenvolvimento social.

Merece, portanto, mais atenção, pois se mostra como elemento revelador da sociedade e das idéias então vigorantes em cada momento de formação dessa mesma sociedade. É desse patrimônio, que contempla edificações, música, dança, folclore, comida e todos os demais fazeres sociais para o qual as pessoas se direcionam. É do patrimônio que contempla as pessoas e o seu modo de ver e viver a vida.

A primeira Comissão dos Monumentos Históricos data de 1837, em França, e apresentou três categorias de monumentos históricos: os remanescentes da Antigüidade, os edifícios religiosos da Idade Média e alguns castelos. Logo após a Segunda Guerra Mundial, as preocupações com os bens patrimoniais cresceram, e vieram se juntar a esses poucos

monumentos todas as formas de construir, eruditas e populares, urbanas e rurais; todas as categorias de edifícios, públicos e privados, casas e bairros, aldeias, cidades inteiras, expandindo-se para todas as formas de cultura, e que fazem parte da lista do Patrimônio Mundial estabelecido pela UNESCO.

Com toda a abrangência do patrimônio, ainda se continua a permitir e lamentar o desaparecimento de bens patrimoniais relevantes que contam e mostram o cenário político, econômico, educacional e cultural de uma determinada época, bem como a fala das pessoas e suas condições sociais, estilos de vida, lazer etc.

Na listagem elaborada pela UNESCO encontram-se, supostamente, os mais belos, raros e significativos bens patrimoniais da humanidade. Nessa lista, dentre muitos outros (ver lista nos anexos) cito aqueles que tomei conhecimento: Parque Nacional do Iguazu (1984) (Argentina); Catedral de Colônia (1996) (Alemanha); Centro Histórico de Viena (2001), Centro Histórico da Cidade de Salzburg (1996) (Áustria); A Grande Praça de Bruxelas (1998) (Bélgica); Parque Municipal dos Dinossauros (1979), Bairro Histórico de Quebec (1985) (Canadá); Parque Nacional de Rapa Nui (1995) (Chile); A Grande Muralha (1987) (República Popular da China); Cidade Antiga de Havana e seu Sistema de Fortificações (1982) (Cuba); Tebas Antiga e sua Necrópole (1979), Mênfis e sua Necrópole – Zonas das Pirâmides de Gizé em Dahchur (1979) (Egito); Gruta de Altamira (1985), Cidade Antiga de Santiago de Compostela (1985), Cidade Histórica de Toledo (1986), Cidade Antiga de Salamanca (1988), Mercado de Seda de Valência (1996) (Espanha); Pirineus - Monte Perdu (1997) (Espanha/França); Parque Nacional do Grande Canyon (1979), Estátua da Liberdade (1984), Parque Nacional do Vulcões do Hawai (1987) (Estados Unidos da América); Centro Histórico de São Petersburgo e Conjuntos Monumentais Anexos (1990), Kremlin e a Praça Vermelha, Moscou (1990) (Federação Russa); Catedral de Chartres (1979), Palácio e Parque de Versailles (1979), Teatro antigo e seus arredores e o “Arco do Triunfo” de Orange (1981), Catedral de Notre Dame, Abadia Antiga de Saint-Remi e Palácio de Tau em Reims (1991) (França); Budapeste: Panorama das duas Margens do Danúbio e o Bairro do Castelo de Buda (1987) (Hungria); Taj Mahal (1983) (Índia); Centro Histórico de Florença (1982), Veneza e sua Laguna (1987), Cidade de Verona (2000) (Itália); Memorial da Paz de Hiroshima (Duomo de Genbaku) (1996) (Japão); Cidade Antiga de Jerusalém e suas Muralhas (1981)

(Jerusalém); Santuário Histórico de Machu Picchu (1983), Centro Histórico de Lima (1991) (Peru); Centro Histórico de Cracóvia (1978), Campo de Concentração de Auschwitz (1979) (Polônia); Mosteiro dos Jerônimos e Torre de Belém em Lisboa (1983), Centro Histórico de Évora (1988), Centro Histórico do Porto (1996) (Portugal); Parque Nacional/Floresta Natural do Monte Kenya (1997) (Quênia); Torre de Londres (1988) (Reino Unido); Centro de Praga (1992) (República Tcheca); Cidade do Vaticano (1984) (Santa Sé); Região da Lapônia (1996) (Suécia); Convento de Saint-Gall (1983); Reserva Natural do Suriname Central (2000) (Suriname); Sítio Arqueológico de Cartago (1979) (Tunísia); Zona Histórica de Istambul (1985) (Turquia); Cidade Universitária de Caracas (2000) (Venezuela).

Esta é uma pequena amostra daquilo que é eleito pelo Comitê do Patrimônio Mundial para a Lista de Patrimônio Mundial da UNESCO. Pude observar que tudo foi apontado como patrimônio no século XX, o que confirma as considerações anteriores sobre as preocupações com a questão patrimonial, ou melhor, com aquilo que pode representar a memória do mundo.

A lista do patrimônio brasileiro na UNESCO também data do século XX, exatamente de 1980 a 2001. Vejamos: Cidade Histórica de Ouro Preto (1980); Cidade Histórica de Olinda (1982); Cidade Histórica de Salvador, Bahia (1985); Santuário do Bom Jesus em Congonhas (1985); Parque Nacional do Iguaçu (1986); Brasília (1987); Parque Nacional da Serra da Capivara (1991); Centro Histórico de São Luís, Maranhão (1997); Centro Histórico da Cidade de Diamantina (1999); Costa do Descobrimento – Reserva da Mata Atlântica (1999); Mata Atlântica – Reserva do Sudeste (1999); Área de Conservação do Pantanal (2000); Parque Nacional do Jaú (2000); Centro Histórico da Cidade de Goiás (2001); Áreas protegidas do Cerrado: Chapada dos Veadeiros e Parque Nacional das Emas (2001); Ilhas Atlânticas Brasileiras: Reservas de Fernando de Noronha e Atol das Rocas (2001). Recentemente o Cristo Redentor, no Rio de Janeiro (2007).

Para o contexto mundial, esses bens patrimoniais podem até ser os maiores e/ou os melhores, mas não significa dizer que somente eles devem ser considerados como tais. Há que se pensar que tudo isso é fruto dos saberes e fazeres do ser humano, portanto, é interessante observar que um bem patrimonial está além do puramente físico ou aparente.

Existe por trás de todo bem patrimonial um contexto social do qual fazem parte a educação, a política, a economia, a saúde e, especialmente, as pessoas que constroem esse universo cultural e suas histórias de vida. Portanto, pensar em patrimônio brasileiro apenas com o que se encontra nesta lista é muito pouco, apenas uma pequeníssima parte do que realmente se tem, e não condiz com a riqueza cultural do Brasil que conheço.

Costumo dizer que se pode ver na imensidão territorial que é o Brasil, vários “Brasis”: de ricos e de pobres; de brancos, amarelos, negros e índios; de grandes metrópoles e lugarejos; de desigualdades sociais das mais diferentes e cruéis e, portanto, com uma diversidade cultural inigualável. Dessa forma tem-se, certamente, uma gama imensa de patrimônio que pode desenhá-lo, de formas diferentes, a imagem do Estado brasileiro. É, especialmente, esse patrimônio que mais me interessa.

O século XIX viu se perder muitos monumentos patrimoniais. Aliás, até hoje, muito se tem perdido em questões do patrimônio. A Europa, berço do culto ao patrimônio e um todo monumental, com o seu grandioso potencial patrimonial, também sofreu muitas perdas. Pode-se observar isso pela França que, embora debaixo de protestos por todo o país e no mundo, perdeu parte dos seus monumentos da época de Napoleão, a Paris de Haussmann com apenas parte dela tombada; a arquitetura moderna de Guimard, Lavirotte e a escola de Nancy; os pavilhões suspensos que Napoleão e Haussmann haviam construído; e a Bélgica que lamenta a perda da obra-prima de Horta, a Maison du Peuple, em 1896, já destruíram obras primas da arquitetura que até hoje lamentam.

Vê-se, ainda, uma acanhada participação do Japão na questão patrimonial, na medida em que esse país vivia suas tradições no tempo presente e não se preocupava com arte antiga ou moderna, mas com arte viva. Nos Estados Unidos as preocupações se voltaram para o patrimônio natural, deixando de lado as edificações e, mais recentemente, passaram a se interessar pelas residências de personalidades nacionais. A China, também, não afeita a esses valores patrimoniais, só começou a valorizar seus monumentos históricos a partir de 1970.

Dessa forma, entramos no século XX com as portas ainda emperradas, com dificuldades para selecionar, preservar e conservar o patrimônio. Mais e mais perdas

patrimoniais despontam em diferentes lugares: Tóquio, Stuttgart, Filadélfia, dentre tantos outros. Fazendo parte desse conjunto, está o Brasil, que possui um dos maiores e mais belos sítios patrimoniais naturais do mundo, além daqueles construídos pela mão do homem e que retratam um pouco da feição do povo brasileiro e suas diferenças regionais, e vem ao longo dos anos perdendo muitas coisas que deveriam fazer parte do acervo patrimonial do País.

Em 1931, a Sociedade das Nações organizou, em Atenas, a 1ª Conferência Internacional para Conservação dos Monumentos Históricos, da qual só participaram países europeus. A segunda conferência, em 1964, aconteceu em Veneza, com a participação da Tunísia, México e Peru. Somente quinze anos mais tarde, oitenta países dos cinco continentes assinaram a Convenção do Patrimônio Mundial quando são contemplados três aspectos principais: o tipo, o tempo e o lugar.

O crescimento da valorização do patrimônio foi, aos poucos, se intensificando influenciado, principalmente, pela economia e pelo turismo, que, também, mexe com a economia dos lugares. Parece que tudo gira ao redor da economia.

Lembro, como já disse, que ao termo ainda foram acrescentados outros adjetivos, tais como artístico, geográfico e arquitetônico. Hoje, como patrimônio cultural, expressão que adoto neste estudo, é merecedor de mais atenção, não de uma simples aprovação ou aceitação, mas como uma condição de existência das sociedades, pois apresentam questões originadas no estado de ser e de pensar dos seus habitantes.

Portanto, a expressão patrimônio cultural é aqui tomada como referência a tudo o que é originário da cultura humana, não apenas aquilo representado pelas edificações, embora essas edificações retratem o momento social, quer seja na política, na economia, na religião, na educação e tudo o mais que diz respeito aos fazeres sociais. Dessa forma, o patrimônio merece de todos mais atenção e mais questionamentos, na medida em que constitui elemento revelador das condições da sociedade e das querelas que ela desenvolve.

Faz-se necessário, portanto, que as pessoas se atenham às razões e valores invocados pelo patrimônio, já que a ele estão agregadas várias dimensões: política,

econômica, social e histórica, que formam a memória da gente brasileira. Cada uma dessas dimensões pode significar muito ou nada, dependendo do contexto onde estão inseridas e a corrida desenfreada da urbanização contemporânea.

Esses aspectos, entretanto, não se esgotam em si mesmos, tampouco satisfazem como explicação para o sentido de existir do patrimônio. O que a mim interessa, além desse conjunto que parece dar conta do sentido de existir do patrimônio, é aquilo que faz sentido para a comunidade onde está inserido. Aquilo que traz à lembrança alguma coisa, que tem natureza afetiva e não se apresenta como informação neutra, mas carregada de sentido, de emoção. Uma memória viva!

Interessa-me, portanto, o patrimônio edificado, na medida em que ele traz, ou mostra, por meio dos prédios, monumentos, estilos arquitetônicos, esculturas, estátuas, móveis etc., o modo de viver das diferentes culturas, na medida em que apresenta a situação econômica, educacional, cultural e política de maneira que representam uma comunidade e/ou um indivíduo, fazendo valer uma memória como se fosse presente, ou ainda um passado que pode auxiliar nas mudanças sociais e preservar a memória, que permite evoluir com coerência histórica.

Nesse sentido, observo que, para o crescimento patrimonial, se faz necessária a existência de práticas de conservação e manutenção que acarretam custos, e é preciso que haja um retorno satisfatório dos usos e benefícios sociais que podem advir do patrimônio. Acredito que seja um dos mais significativos aspectos relacionados ao patrimônio: os usos sociais, isto é, a necessidade social de utilização do seu acervo patrimonial tanto no que se refere à história e à memória a eles atrelada, como sua importância para a economia, o turismo e, especialmente, aqui chamamos atenção, a educação, que, com certeza, fortaleceria a questão patrimonial, possibilitando condições melhores de manutenção e conservação.

Embora pareça fácil dizer da relevância do patrimônio e apontar a necessidade de manutenção e conservação de todo bem patrimonial levantado, para que possa ter utilidade em qualquer época, a história da humanidade mostra, em diferentes momentos e lugares, que, muitas vezes, o turismo mal direcionado, o alto custo com manutenção e o uso inadequado

deterioraram o bem patrimonial. É quando devemos pensar na relevância de uma educação patrimonial durante o ensino aprendizagem, que deverá acompanhar toda a vida de qualquer pessoa, na medida em que ocorrem mudanças, transformações e inovações oriundas de todos os lugares, invadindo e interferindo no modo de vida em qualquer lugar onde se esteja. É o que chamo de mundialização da cultura, como diz Muniz Sodré, ou globalização, uma invasão de novas maneiras de estar no mundo que, mesmo sem querer, atingem a todos, em menor ou maior grau.

Essa quebra de fronteiras, ao mesmo tempo em que traz mais conhecimento, novos saberes, novas tecnologias, traz também mudanças que interferem no modo de vida de todos. Entram nos lares através da televisão, do rádio, das revistas, dos jornais e pela internet. É todo um mundo de informações mediado pelas novas tecnologias, possibilitando se conhecer lugares e pessoas sem se sair de casa. Isso torna o mundo menor, pelo menos virtualmente, já que tudo pode ser conhecido em tempo real ou quase real. Faz parecer que tudo está perto, é um grande mundo virtual fazendo parte do pequeno mundo real, aquele que rodeia as pessoas.

O Brasil, fazendo parte desse mundo da tecnologia, também participa desse universo globalizado, tanto externa como internamente, já que é um país de grandes proporções territoriais com muitos lugares ainda desconhecidos no próprio território nacional. Essa quebra de fronteiras, ao mesmo tempo em que facilita as relações institucionais e pessoais, internacionais e nacionais, haja vista que até namorar hoje se faz pela internet, deve-se ver que existe também uma invasão de novos costumes, quer seja na maneira de vestir, na alimentação, no lazer (a internet é um deles), na economia, na política, na educação. Enfim, há um redesenho da cultura, permeado por um mundo marcado por grandes e profundas transformações, nem sempre adequado para todos os lugares e pessoas. Não é à toa que hoje, quando falo sobre identidade cultural, há todo um receio de afirmar que se possui uma identidade, isto é, alguma coisa que caracterize a cultura brasileira.

Concordo em parte com essa linha de pensamento, haja vista que se precisa observar uma cultura por meio da sua história e da sua memória, com todas as suas transformações e inovações. Se assim se fizer, poder-se-á ver que em determinados momentos

e épocas, qualquer país, e o Brasil também, apresentaram caras modificadas, inovadas, ampliadas, reduzidas, mas que ainda assim falavam da mesma coisa.

Embora conhecedora dessa tendência, ainda acredito que existe uma identidade cultural característica de cada lugar, grupo, comunidade, cidade, família, pessoa etc., que está sendo ou pode ser realçada por essas invasões culturais. Ainda se continua com a cara de Brasil, do Ceará, de Fortaleza e, porque não dizer, eventualmente, com a cara do Jacarecanga ... Ainda que os anos passem e todos envelheçam, passem por mudanças não só físicas como emocionais e psicológicas; ainda assim não se deixará de ser João, José, Maria, Joaquim ... Manter-se-ão, sempre, aquelas coisas que, de alguma forma, mostram a feição, ou a identidade. Acredito que, assim também, ocorrem com os lugares, as instituições e o que mais exista.

Existe, ainda, outra problemática: surgem artistas e arquitetos ansiosos por deixar suas obras no espaço urbano. Não se pode deixar de enxergar essa problemática e essa necessidade natural de todo profissional: a criação. Há, ainda, a possibilidade de coexistirem estilos diferentes numa mesma cidade ou até mesmo em um mesmo edifício. Isso pode ser visto em grande parte dos edifícios religiosos da Europa. Há toda uma dinâmica no espaço urbano que pode comportar inovações sem destruição do que já existe. Esse é o grande leque de possibilidades das cidades. Pode-se ver essas inovações ao olhar a pirâmide em frente ao Museu do Louvre. A princípio parece destoar do resto da paisagem, mas, ao mesmo tempo, traz uma nova maneira de observar esse espaço. Pode-se ver também essa diversidade em Viena, no Bairro Colorido, onde tudo é diferente: um só prédio de apartamentos tem fachadas diferentes, singulares, para cada apartamento; um mesmo restaurante tem piso, mesas e cadeiras, assim como taças e pratos todos diferentes e muito colorido. É, no mínimo, um espaço eclético, diferente, mas, acima de tudo, alegre, bonito, único e interessante de se ver.

Embora com todas as implicações que o conceito de identidade traz, é bom lembrar que para cada patrimônio que se apresenta ou se descobre revive pela memória, e pode ser localizado, em espaço e tempo, e funciona como um ponto de apoio do existir. É a segurança do existir para garantir as origens e, de certa forma, amenizar o esfacelamento que o tempo exerce sobre todas as coisas naturais e os construtos sociais, tornando-se testemunho de indivíduos e do conjunto das sociedades: a Esfinge e as pirâmides no Egito que atestam a

riqueza e a grandeza de seus reis; o Coliseu, em Roma; a Catedral de Notre Dame, em Paris; o rio Amazonas com a sua beleza e imensidão que surpreende; a floresta amazônica, com uma diversidade de plantas e matizes de verde; as Cataratas do Iguaçu, as cidades históricas de Minas Gerais, as igrejas de Salvador que contam da vida dos senhores e dos escravos; a cidade do Rio de Janeiro e suas favelas, a praia de Jericoacara no Ceará, com suas dunas brancas e um por do sol belíssimo, e tantos outros patrimônios espalhados por esse imenso Brasil.

O Ceará, em meio a esse conjunto, também apresenta um acervo patrimonial dos mais significativos para garantir a sua memória: são cidades, especialmente, como Aquiraz, Aracati, Crato, Juazeiro do Norte, que falam da história do Estado do Ceará; são os sítios arqueológicos, as danças, as comidas, a religiosidade, as praias, os casarões do século XIX, as praças, os bustos de homens e mulheres públicos, as festas, e são, especialmente, as pessoas, quer sejam elas de destaque social, cultural, intelectual ou político ou, simplesmente, pessoas “comuns”. São muitos os sinais que falam da história e da memória da gente cearense.

Quero, no entanto, situar a cidade de Fortaleza que, neste ano de 2007, completou 280 anos. Pela relevância da temática cidade nesta pesquisa, discutirei, especialmente, na parte 3: “Evocação à Cidade: um lugar plural” sobre questões que envolvem o nascer e razão de ser das cidades, como também colocarei em foco Fortaleza, lugar onde está inserido o meu objeto de estudo, o Bairro do Jacarecanga.

2.1 PATRIMÔNIO, MEMÓRIA E CIDADE: Referências para uma Educação além da Escola

Refletir sobre patrimônio, memória e cidade, e sua relação com a aprendizagem, traz a possibilidade de debater pontos que envolvem outra perspectiva para aquilo que não é novo, mas que parece não ser visto. A cidade é um objeto em constante evolução (mudança). Por isso é necessário descobrir sua gênese, a história, sua memória e patrimônio cultural, de modo a compreender como e por que ela é como é. Em um mundo globalizado e mediatizado pelas tecnologias, torna-se imperioso discutir o espaço da cidade como lugar da memória e do patrimônio cultural dos seus moradores; lugar onde se deparam, a todo o momento, o cotidiano da população e suas invenções. Assim, precisa-se perceber não apenas o lugar do tempo presente, mas, também, olhar o que existe de memória nas práticas sociais e que fazem parte da história; a história da cidade e dos homens e mulheres que a constituem.

A relevância de deter uma atenção mais cuidadosa sobre essa questão, seu teor simbólico e sua significação, é a chave de entrada para a compreensão de uma época, de uma sociedade, ou de um momento da vida social. Reflexões acerca das questões culturais são sempre pertinentes no mundo contemporâneo, ou pós-moderno, como chamam alguns autores, haja vista que trazem à tona discussões que envolvem a existência humana. Ver o espaço da cidade é perceber no conjunto, e nexos de cada coisa, o que nela existe: conhecimento, crenças, arte, moral, direitos, costumes, capacidade e hábitos adquiridos, transmitidos de geração a geração. Costumo dizer que as cidades têm a cara dos seus moradores. Portanto, a cidade é um palco de informações dos mais ricos para conhecer quem são as pessoas e para onde vão.

Estou pensando a cidade, portanto, como um lugar no qual encontro o patrimônio e a memória, observando as condições históricas, sociais e comunicacionais, e as exigências contemporâneas, unindo passado e presente e (re)criando imagens da cidade, do povo, da cultura. Uma cidade na perspectiva de encontrar reconhecimento e legitimação da sua identidade e o sentimento de pertença com esse espaço da vida cotidiana, e a possibilidade de tecer uma relação com o processo de aprender e educar.

Partindo da premissa de que a formação e a educação representam possibilidades em muitos âmbitos da vida, na medida em que as pessoas aprendem e se educam ao longo de toda a sua existência, considero o fato de que as diferentes formas de educação e aprendizagem não são independentes umas das outras. Há que se pensar que existe uma complementaridade de fazeres, e a cidade se oferece como um espaço real destes e, conseqüentemente, de aprendizagem.

Dessa forma, dialogo com o espaço da cidade como um grande campo educacional, compreendendo que a educação não se limita apenas ao âmbito das aprendizagens institucionais (escolas, em todos os seus níveis e conteúdos), mas como um grande processo social de partilhamento de significados que ultrapassam as fronteiras disciplinares. Quero alertar para outra ação educacional em que as disciplinas estão dadas em tudo o que faz parte da cidade: instituições, praças, museus, bibliotecas, músicas, danças, lugares, pessoas, e suas diferentes práticas sociais. Educação aqui é pensada como uma prática cultural, tomando como eixo uma compreensão da materialidade e dos símbolos da cidade, que se constituem patrimônio e fazem parte da história e da memória. Penso, portanto, uma cidade educadora. Embora lamente, que em meio a essa cidade educadora que proponho, exista, também, uma cidade excludente, deseducadora, violenta, que é necessário superar, fortalecendo a boa cidade, capaz inclusive de acolher os que migram dos campos cheios de esperança.

Carrano² nos diz que é preciso pensar e

[...] perceber como as cidades podem se constituir em objetos de investigação e territórios de práticas para o campo educacional. A experiência de vida nas cidades torna-se, a cada dia, mais decisiva para a formação da subjetividade, não apenas nas condições urbanas de gigantismo das metrópoles, mas também pela crescente complexidade dos contextos culturais que estabelecem o hibridismo cultural como forma e conteúdo preponderantes da existência e formação humana em todas as cidades.

²

CARRANO, Paulo César Rodrigues. **Juventudes e cidades educadoras**. Petrópolis: Vozes, 2003. p.158.

Percebo que a cidade provoca uma diversidade discursiva de grandes dimensões sendo, portanto, necessário que, ao olhar a cidade se entenda que, além de ser um conceito geográfico, é, especialmente, o símbolo irrefutável da existência de homens e mulheres. As marcas, apresentadas em sua epiderme, feitas tatuagem, deixam ver o mundo contemporâneo, mas, também, o mundo passado, uma cidade mesclada pelo novo e pelo antigo, em estruturas espontâneas oriundas de qualquer cidadão ou do conjunto deles, formando uma memória social.

O pensamento de Trilla³ confirma que o universo educativo diz respeito ao “[...] conjunto de fatos, sucessos, fenômenos ou efeitos educativos – formativos e/ou instrutivos, [...] instituições, meios, âmbitos, situações, relações, processos, agentes e fatores suscetíveis de gerá-los.” Seguindo essa direção, o processo educativo acontece compreendendo as relações humanas e os espaços sociais, ocasionando, assim, contextos e acontecimentos educativos, tanto nos espaços tradicionais de aprendizado, como a escola e a família, como também em *locus* e atividades não projetados como instâncias educacionais e, no entanto, se fazem adequadas ao aprendizado. Carrano⁴ diz ainda que “O processo formativo ocorre através de inúmeras práticas que se dão entre a continuidade e a descontinuidade, a previsibilidade e a aleatoriedade, a homogeneidade e a heterogeneidade; ou seja, no próprio movimento da vida e da práxis social.” Não é necessário estar na escola para poder aprender, mas, em conjunto com essas instâncias formais de educação, há situações do cotidiano que podem gerar efeitos educativos sem, na verdade, terem sido projetados para esse fim.

Quero esclarecer que aqui denomino de educação informal aquilo que não se enquadra no processo educativo intencional, isto é, o processo formativo pode vir de um filme, de uma música, de um costume social ou de uma tradição, de um lugar, os quais não tendo sido preparados com objetivos educacionais, trazem possibilidades de contribuir para a formação do indivíduo. Embora entenda que o processo educativo não possa se reduzir às práticas sociais ou ser fruto do acaso, acredito que a materialidade da vida, as configurações sociais e o encontro de sujeitos diferentes formam contextos que se qualificam como

³ TRILLA, Jaume. **La educacion fuera de la escuela** : âmbitos no formales y educacion social. Barcelona: Ariel, 1993.

⁴ CARRANO, Paulo César Rodrigues. Op. cit., p. 16.

educativos. Portanto, a educação informal, aqui, pressupõe uma ação educativa que ultrapassa os limites dos bancos escolares e vai buscar no cotidiano da vida as múltiplas possibilidades do aprender.

Esclareço, também, que em nenhum momento fica aqui desprestigiada a educação formal ou não formal, mas quero realçar aquilo que também é educativo e se classifica no campo da informalidade, mas, mesmo assim também está em forma. Quero dizer é que a educação formal vai dar um desenho do universo escolar que a sociedade convencionou pois há um formato planejado para os que vão para as instituições escolares. Há, entretanto, uma complexidade a se pensar, pois mesmo aquilo que se chama de educação informal é social e o que é social é fruto do conjunto de normas, regras, costumes etc., portanto, ainda que se fale em educação informal, existe uma formalidade implícita inerente à vontade, que regula aquilo que chamo de informal. A sociedade já é uma grande forma e atinge todos os aspectos da vida, mediante valores, ritos, contratos e protocolos.

Adoto, assim, os conceitos de Trilla e de Carrano, citados há pouco, quando falo de educação informal. E, mais do que um determinante conceitual para enquadrar as práticas educacionais, procuro voltar a minha atenção no intuito de perceber os caminhos invisíveis do ato de aprender que se encontram e se desenvolvem na cidade e, muitas vezes, se perdem ao se depararem com concepções rígidas do campo educacional.

Vive-se uma época em que não se pode atrelar o acesso ao conhecimento a uma única instituição, qualquer que seja ela, na medida em que as subjetividades dos indivíduos são tecidas em complexas redes de relacionamentos sociais que pedem uma ampliação dos possíveis caminhos da educação, tendo em vista os múltiplos contextos existentes na cidade, reais ou virtuais, mormente na atualidade em que se vive em um mundo permeado pela tecnologia.

Não se pode também deixar de perceber que as dinâmicas culturais da cidade em suas práticas cotidianas mostram a formação de valores, a troca de saberes, bem como a subjetividade dos seus moradores que fazem esse espaço e contribuem para maior completude do processo educacional do qual a escola é parte fundamental. Isso porque a cidade não é

apenas esse texto materializado que se pode ver, mas é, especialmente, aquilo que não é visível, mas é tecido por seus moradores de acordo com os seus movimentos e as necessidades cotidianas. Existem, como diz Certeau⁵, as artes de fazer a vida que não se encontram na ordem instituída pelo poder, mas que os sujeitos habitantes transgridem e subvertem, trazendo novos significados para o que existe no espaço da cidade, no lugar que é a sua morada.

A cidade que educa é, dessa forma, um espaço formado pelas intenções planejadas da ordem instituída, mas, também, construído pelos sujeitos sociais que, na singularidade e diversidade de suas práticas cotidianas, conseguem se articular e tecer uma rede social que contribui para uma ação educacional coletiva.

Considerando que o espaço citadino é uma elaboração social, portanto, coletiva, esse lugar apresenta contextos com significações heterogêneas e ganham legitimidade através dos sentidos culturais que os sujeitos habitantes dão aos lugares. Se de tal forma se sentir a cidade, se compreenderá que esse espaço é mais do que um simples espaço, pois é uma relação social que existe segundo as necessidades, trocas e ações dos seus habitantes. Encontrei em Carrano⁶ confirmação para esse meu entendimento quando ensina:

As cidades expressam política e culturalmente o traçado de seus relacionamentos humanos em determinado momento histórico. Nas cidades se formam e se negociam sentidos na forma de conhecimentos, sensibilidades, desejos e vontades, fazendo com que sejam múltiplas as possibilidades da existência de trocas sociais educativas.

Os relacionamentos que os sujeitos estabelecem entre si nos diferentes territórios da cidade são educativos (...)

Isto, na medida em que ajudam a formar identidades - com todas as implicações que o termo provoca no mundo globalizado, marcado por uma mundialização da cultura e por uma democracia capitalista - a desenhar os contornos do espaço de vivência cotidiana, que se

⁵ CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

⁶ Id. Ibid, p.31.

desenvolve entre aquilo que sistematiza – a ordem instituída, e o que é aleatório – as práticas cotidianas, o que está visível e o invisível, mas estruturam as relações sociais.

Dessa forma, o que é fruto da minha atenção e preocupação é observar como as cidades podem servir para as práticas do campo educacional. É olhar outra forma de compreender a aprendizagem transpondo espaços formalmente instituídos para o ensino e aprendizagem, na medida em que uma cidade educadora diz respeito tanto ao que se refere à organização das estruturas sociais e culturais como à qualidade e à quantidade das relações sociais que seus habitantes estabelecem.

Existe, ainda, a grande problemática da exclusão social, e o carro chefe dessa problemática se encontra na exclusão escolar. Isso se for verdade e acreditarmos, e eu acredito, que a educação sempre consegue sarar as grandes feridas sociais. Acredito, portanto, que, além da educação formal, pode-se e deve-se contar com a educação informal para ajudar a minimizar esse grande fosso social e os danos provenientes dessa lacuna.

Embora a rua possa ser utilizada para a circulação das pessoas nas suas atividades diárias e, nesse momento, também provoque insegurança, ainda assim, elas podem ser de utilidade para o campo educacional. São muitos os problemas que envolvem o espaço da cidade, mas, de outra parte, são várias as ofertas postas para a vivência educacional. Pensando nas experiências desagradáveis e muitas vezes trágicas que ocorrem nas ruas, fica difícil pensar nesse espaço como educativo. Seria preciso, portanto, retomar uma ocupação das ruas e tentar melhorar esse espaço numa sociabilidade cidadã, onde pode haver uma ação educativa e uma cultura pública de sua utilização.

Associo-me a Carrano⁷ quando afirma:

A cidade que educa não é apenas aquela que planeja pedagogicamente os espaços de aprendizagem {...} As formas difusas e contínuas, assumidas nos espaços praticados, surpreendem com as suas criativas experiências não planejadas. Aprender com o extraordinário da vida da cidade e se abrir para a surpresa de conhecer o mundo que

⁷

Id. Ibid., p. 163-164.

existe além das planificações. A transformação da cidade em objeto da educação se identifica também com a luta contra a exclusão, e significa buscar a superação dos elementos de mistificação da realidade que o urbano estrutura.

Há necessidade de que todos os cidadãos, em especial os que trabalham com educação, observem a cultura e as práticas sociais no sentido de se aperceberem e compreenderem a materialidade e os simbolismos existentes no espaço citadino. Pois tudo é a representação dos seus moradores, qualquer rua, casa, praça, instituição, governo e seus representantes, estilos arquitetônicos, ruídos, calçadas, religião, e tantas outras coisas mostram, de alguma forma, a feição dos seus moradores ou de pelos menos de alguns segmentos sociais de mais destaque, quer pela notoriedade do saber, do poder político e econômico, ou de poder nenhum que, muitas vezes, se apresenta e representa de maneira rebelde ou até mesmo de modo transgressor para o conjunto da sociedade. São as diferentes formas que os sujeitos habitantes encontram para transmitir as suas satisfações e insatisfações, as vontades, necessidades, alegrias e tristezas.

Caminhando pelas ruas existe a possibilidade de escutar ao mesmo tempo o silêncio e o barulho - nas vozes, nos olhares e nas práticas cotidianas, que formam teias de significados e falam do espaço, do tempo, sons, cores, imagens, de tal modo que não se pode separar uns dos outros. São misturas que passeiam do imaginário à realidade com as lembranças e os esquecimentos da memória. Comungo, assim, do pensamento de Vasconcelos e Adad⁸ quando explicam que

De cidade participam muitas coisas. [...] Olhares vessos, embriagados, santificados, distorcidos, emocionados ou simplesmente expressando saudade de alguma coisa que se foi, mas ainda permanece vivo, nos silenciosos acordes da memória, fervilhante no som das conversas desgastadas pelo tempo, daqueles que burilam lembranças, sentadas aos bancos das praças. Enfim, alguém que partiu no meio da noite e, evidentemente, arrancou muita saudade. Um abandono inesperado. A espera que se estende ao se configurar uma cenografia insidiadora de inúmeros encontros é favorável aos desencontros – expressões de teatralidade e de combinações infinitas.

⁸ VASCONCELOS, Jose Gerardo ADAD, Shara Jane Holanda. Coisas, fendas e inefabilidades nas ruas da cidade ou simplesmente uma apresentação. In: _____ (Orgs.). **Coisas de cidade**. Fortaleza: UFC, 2005. p. 13-14.

são registros de vidas, de imagens, de tempos, de lendas, de rabiscos, de suores que foram tecidos o transbordar das palavras. Todos os componentes de sua construção revolvem, adubam, transbordam e criam vida nas inúmeras coisas que podem consubstanciar uma cidade.

Esse pequeno trecho diz quase tudo sobre o simbolismo de uma cidade, e expressa poeticamente aquilo que tem importância vital para uma cidade, os seus moradores. São os habitantes que, cotidianamente, desenham o rosto de uma cidade com todas as cores, texturas, formatos e sons que emanam do movimento da vida. É que a cidade é assim, uma mistura de natureza e relações entre pessoas que, aos poucos, vão elaborando o que é de todos, e por isso mesmo comportam tantas diferenças e tantas semelhanças, numa diversidade de idéias e ações que dão a dinâmica especial de tudo aquilo que tem a mão do ser humano. Acredito que para entender como se fazem as cidades, é necessário verificar que, essa formulação, provêm dos desejos, necessidades, modos grupais de viver, habitar ou desabitatar esses espaços.

Observo, dessa forma, que as cidades se formam de acordo com diferentes pontos de vista. Talvez por isso possuam coloridos e sons tão diferentes, mas, ao mesmo tempo, parecidos, pois é uma elaboração cultural, desse universo humano que anda diferente, come, pensa, sonha, vive, veste, ama e faz tudo diferente, mas que, enfim, faz muitas coisas parecidas, mas de formas diferentes, no cheiro, no som, no gosto, no religioso, no político, no homem ordinário, no gordo ou no magro, no alto ou no baixo, no pobre ou no rico, no letrado ou não letrado etc.

Essa é a dinâmica da vida e todos influem diretamente nos nossos espaços, quer seja na estrutura física, nas instituições, nas ideias que circulam, na política, na religião, na economia, dentre outras coisas. E todo esse conjunto elaborado pelos habitantes também esta, em todo momento, influenciando as atitudes ante o que vai se apresentando socialmente. Na verdade, todos são a cidade e a cidade que se é. Quero dizer, eu sou a minha cidade e a minha cidade sou eu. Não vejo outra maneira de olhar a cidade que não seja pelos seus moradores. Imagine, então, a pluralidade cultural que existe em um lugar, de um e lugar de todos. Temos

que ter “de um tudo” para que haja uma mínima satisfação de cada um e do conjunto da sociedade. Silva⁹ acentua que,

[...] haverá uma cidade de mulheres segundo os pontos de vista femininos, ou uma cidade juvenil ou anciã, de acordo com pontos de vista de jovens ou de idosos. Cada urbe, do ponto de vista cultural, será entendida definitivamente como a soma hipotética de diferentes pontos de vista cidadãos. [...] [com] a experiência humana de construir percepções a partir de onde somos sociais, não somente por conveniência, mas por desejos, anseios e frustrações.

Imagine-se o que seria uma cidade feminina. Bem, não teríamos calçadas como as que vemos aqui em Fortaleza, cheias de pedras pontiagudas, buracos e diversas saliências outras que impedem ou atrapalham um caminhar – com qualquer tipo de calçado, de salto alto ou baixo, tênis ou sandália, despreocupada por praças e ruas. Em lugar disso, com certeza, haveria calçadas planas, ônibus mais confortáveis para subir e descer e motoristas mais educados e gentis, mais jardins em praças e ruas e mais flores, muitas flores, para embelezar e colorir. Se, por outra, se pensar uma cidade juvenil, teria com muitas rampas para *skates* e patins, praças, só para bicicletas e patinetes, muito sanduíche, pizza, sorvetes, espaços para dançar, casas de regue e outras coisas mais que encantam esse segmento social.

Já se pensássemos uma cidade para idosos, haveria que se mudar quase tudo, pois, segundo reportagem do Fantástico do dia 14 de janeiro deste ano, as dificuldades para os mais velhos são inúmeras, desde as calçadas irregulares, batentes muito altos nas escadas e calçadas, assim como nos ônibus, trânsito perigoso e desrespeitoso, falta de praças arborizadas para o lazer, letreiros mais visíveis, remédios muito caros, baixos salários, e, acima de tudo, a pouca valorização do trabalho e do saber dos mais velhos, que mexe com a dignidade da vida dos idosos, sem falar na nomenclatura que fala em velhos, idosos, melhor idade, terceira idade e até quarta idade. Creio ser necessário mudar muitas coisas, inclusive saber como essas pessoas gostariam de ser denominadas de forma a não desgostá-las.

Se seguirmos essa linha de pensamento, na verdade, vamos precisar construir novas urbes ou separar as pessoas em lugares diferentes. Acontece que as cidades foram feitas

⁹ SILVA, Armando. **Imaginários urbanos**. São Paulo: Perspectiva, 2001. p. XI.

para juntar pessoas em casas, bares, praças, avenidas, cinemas, teatros, trabalho, e tudo aquilo que possa representar espaço de encontros e desencontros. Precisamos, sim, cuidar de nossos lugares pensando em seus moradores, de todos os segmentos sociais, já que eles não são feitos só de mulheres, ou de jovens, ou de velhos, ou de militares, ou de enfermos, ou de pessoas sadias, ou de paraplégicos. Enfim, uma cidade é feita de tudo isso e muito mais, já que é feita de pedra e cal, de carne e sangue, de sentimento, de coração, de alma ...

Por isso, precisamos, sim, de uma educação que possibilite transformar os nossos problemas em soluções, que possa usar o espaço citadino em local de aprendizado. Cavalcanti¹⁰ anota que a cidade é educadora, e comungo com ele nessa reflexão, pois por meio dela e das suas imagens, suas escritas, sinais e espacialidade aprende-se muitas coisas, especialmente os valores, as normas e regras para o bem estar social, portanto, a cidade educa. Precisamos, então, de uma cidade educadora, que tenha como foco uma educação de qualidade social, uma democratização da educação e inclusão social que ajude na formação das pessoas, de modo a possibilitar melhor qualidade de vida. Essa deve ser a tarefa primordial da educação, transformar para melhorar e dignificar a vida humana.

Há ainda que se pensar naqueles que não moram, mas estão por perto ou apenas passam e ainda os que estão distantes e lá não aparecem - são os visitantes, os vizinhos e os virtuais, pois esses também trazem outras práticas que, aos poucos e de alguma forma, vão provocando alteração nos comportamentos e nas ideias e, conseqüentemente, no espaço da cidade. É o que eu chamo de mundialização da cultura. Embora considere esse fato importante, ainda acredito que, quanto mais os lugares se mundializam, mais crescem em singularidade, mais aparecem suas particularidades. Mesmo pensando dessa forma, não posso deixar de ver que somos uma mescla do que acontece pelo mundo, mas com raízes ainda fortes de uma identidade local, o que é muito importante e significativo para o desenho da feição que se quer mostrar, como também, para demarcar o espaço físico onde se atua. Esse conjunto forma os aspectos culturais intrínsecos de qualquer cidade e o qual não se pode, nem se deve, perder de vista, na medida em que estudar a cidade implica ver não só o seu aspecto físico, mas, especialmente, o que faz o movimento da vida.

¹⁰

Cavalcanti, Lana. **Geografia da cidade**. Goiânia, Alternativa, 2001. p. 23.

Assim pensando procuro, a visibilidade da sua história e da sua memória que se encontram nessa paisagem, conjunto de tudo o que descortina pessoas, instituições, arte, literatura, e possa falar e constituir a sua história. Penso-a, portanto, como um lugar de produção de sentidos, com uma visão plural e verificando que o seu verdadeiro significado se encontra na relação ser humano/lugar.

O que a cidade me mostra é um grande texto, com vozes que falam dos sinais da vida cotidiana, das necessidades e dos sonhos de cada um dos indivíduos e do conjunto de todos eles. São vozes que a expressão e que, aos poucos, vão formando a sua memória, uma memória que é social.

Memória, portanto, é um significante fundamental da minha reflexão. Por conseguinte, começo por mostrar, primeiramente, a origem do termo, para depois tecer o fio que tem relação com o tema proposto. A palavra memória a reporta ao latim, e tem em sua formação a raiz *men*, encontrada na palavra *mens*, *mentis*, como também em palavras como demente, comentar, mentir etc. Esta forma radical *men* designa a noção geral de pensar, o princípio pensante, a atividade de pensar, a inteligência, a mente, o pensamento. O que é guardado como memória tem relação direta com a ação de pensar e o pensamento. Portanto, a memória tem ligação primeiramente com as pessoas e com todas as suas ações, com o espaço e com o tempo, e todo o desenvolvimento da sociedade em qualquer dos seus aspectos, quer seja na política, na economia, na educação, na cultura, no desenvolvimento científico e tecnológico e todas as influências por que passa o mundo globalizado, em conjunto com aquilo que se guarda como lembranças pessoais. É um universo grandioso e maravilhoso o da memória. Tem indispensável utilidade para o planejamento social e serve aos nossos devaneios pessoais em viagens que só nós podemos entender.

Penso que a memória é como um alicerce para a estrutura social, aquilo que pode dar as diretrizes para o tempo presente de forma a minimizar as dificuldades e valorizar o que ainda se tem ou se pode ter. A memória é o que traz a história para o tempo presente e a projeta para o futuro. Sem a memória, não existe passado, só um presente que está sempre se recriando em cima do nada. Não é à toa que tantos se preocupam com a temática da memória; sem memória o povo não tem história.

O que digo é que a memória que é de um, também está no outro ou nos outros e forma uma memória coletiva que fala, por diferentes vozes, quem se foi e quem se é. Portanto, nos caminhos para compreender a sociedade, a memória é elemento indispensável, pois é por meio dela que se passa a conhecer a história política, econômica, educacional e cultural dos lugares. É a memória que integra passado e presente e orienta o futuro. É nessa diversidade cultural, elaborada pelo ser humano, que se estabelecem os lugares e seus significados e vão, aos poucos, “[...] atribuindo-lhes legitimidade e sentido, pois o que sobrevive não é tudo que existiu no passado mas o que foi escolhido [...]”¹¹, pois nem todas as coisas são lembradas, ou são memórias, existem alguns fatores determinantes para essas escolhas e isso depende do crescimento e do desenvolvimento da humanidade, depende daquilo que se foi motivados a olhar, cuidar, pensar. Depende, portanto, do conjunto de todas as coisas que fazem o movimento da vida, de tudo aquilo que é social e faz parte da coletividade, que pertence a mim, mas é, também, propriedade do outro ou dos outros.

Isso é tão verdade que, sempre que se lembra de qualquer coisa, essa lembrança não vem isolada. A lembrança traz pessoas, lugares, épocas, cheiros, músicas, e todo o contexto social desse momento vivido. Isso pode ser constatado nas falas das pessoas com quem conversei, existe sempre um contexto para suas lembranças quando dizem “naquele tempo”.

Parece-me que a cidade oferece um acervo cultural – uma memória - que pode representar importante papel de constituição da sociedade que minimize as desigualdades e diferenças, apreendidas na escola e, assim, contribua para uma educação transformadora. Observo, por conseguinte, que o conhecimento e o reconhecimento do que “esconde” a cidade é por demais significativo, como fonte de informação, no processo educacional e para a construção de um “indivíduo cidadão”. Esse “indivíduo cidadão” é aqui denominado como aquela pessoa que, apesar de um, ou única, tem relação com a cidade para além do simples fato de morar nela, mas, porque a conhece, e, como diz Calvino, faz parte do traçado da cidade tal qual o traçado da sua mão faz parte de você.¹² Ressalto, ainda, que considero fonte de informação todas as coisas – prédios, instituições, livros, discos, filmes, pessoas e tudo o

¹¹ ARARIPE, Fátima Maria Alencar. Biblioteca: lugar de memória. In: Vasconcelos, Jose Gerard: MAGALHAES JUIOR, Antonio Germano (Org.). Memórias no plural. Fortaleza: LCR, 2001. p. 71.

¹² CALVINO, Ítalo. **As Cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 14.

mais de onde se possa fazer qualquer leitura, pois cada uma dessas coisas e o conjunto de todas elas pode informar sobre estilo arquitetônico de determinada época, sobre o desenvolvimento intelectual por meio das instituições educacionais e livros publicados etc. Todas as coisas trazem uma razão para existir e, portanto, contêm informações que podem comunicar como se vivia, como se vive e sinalizar como se existirá.

Nesse contexto da cidade, quer-se descobrir o que se apresenta e representa como patrimônio e que parece não fazer parte da visão e do reconhecimento social. São reflexões que ultrapassam o limite do visível para pensar e entender um patrimônio que se encontra, também, no cotidiano do “homem ordinário”, como diz Michel de Certeau¹³, e que, seguramente, são de extrema relevância para o processo educacional.

Dessas reflexões, nasceu a necessidade de mostrar um patrimônio cultural que apresente os laços de pertença indivíduo / lugar, numa retomada de valores que intente a garantia de alcançar um futuro alicerçado numa educação que busque o passado e detenha relevância no presente, nesse presente de uma sociedade caracterizada pela chamada modernidade e outras denominações, e notadamente marcada pela tecnologia e pela globalização.

Discutir o patrimônio cultural observando a dimensão da força simbólica do seu significado, e a sua representação como expressão cultural do fazer social, através dos fatos, contextos, interpretações, significações e sentidos possíveis é, no mínimo, interessante. Quero apresentar um patrimônio cultural que possa exaltar a produção humana como bem cultural da maior significação para a conquista de um indivíduo socialmente ativo, não perdendo de vista as condições históricas, sociais e comunicacionais da contemporaneidade que, unindo passado e presente e (re)criando imagens da cidade, do povo, da cultura, são fundamentos para que se tenha perspectivas de falar de uma educação que reconheça as diferenças culturais do indivíduo e suas necessidades informacionais.

É o patrimônio como testemunha das mudanças, e não da permanência das sociedades, apresentando-se de forma dinâmica e ao qual se atribuem valores, não só materiais, mas, principalmente, culturais, com uma valiosa carga de representação simbólica. É o patrimônio cultural pensado, também e principalmente, na perspectiva dos usos sociais, das apropriações que a sociedade faz da sua memória, da sua história, para que haja reconhecimento e legitimação desse patrimônio e, conseqüentemente, o exercício da cidadania.

Na pesquisa sobre patrimônio interessa-me a fala dos moradores do Bairro do Jacarecanga, na medida em que o patrimônio cultural do Bairro se faz por diferentes textos, nem sempre escritos ou edificados, mas que se constrói em diversas formas de dizer e fazer. A edificação do mundo social está no “[...] modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler.”¹⁴. É importante observar a capacidade imaginativa do homem na elaboração do social, mediante uma diversidade de significados relacionados a momentos e épocas vividos. Nos caminhos da cidade, as histórias de vida (re)lembra brincadeiras, amores, trabalho, religião. Há encontros e desencontros no riscado das ruas, os quais não se encontram em guias turísticos ou placas identificadoras, mas tomam vida na fala de seus habitantes. Nesse momento, a cidade sai do imaginário e ocupa um lugar, com nome e endereço, com rostos definidos, com filhos e pais e famílias, com memória e história.

Para assumir seu caráter educativo, ela não necessita que coloquemos em exposição a sua estrutura, os seus materiais culturais, pois isso vem sendo tecido ao longo do tempo. É o que Geertz nos confirma quando diz “[...] que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, [...]”.¹⁵ O que se torna necessário, na verdade, é um comprometimento de olhar e escutar para ver que há uma relação dialógica de existência do cidadão com o lugar de morada e isso faz toda a diferença no momento em que se constitui alguma coisa como patrimônio. Somente por meio do procedimento essencial do “situar-se”, se pode ter uma compreensão mais próxima da realidade dos fatos. Somente mergulhando em

¹⁴ CHARTIER, Roger. **A História cultural**: entre práticas e representações. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 1988. p. 16.

¹⁵ GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 15.

meio aos simbolismos sociais, é possível fazer emergir as questões mais particulares das coisas que o homem ou a mulher falou e constituiu culturalmente.¹⁶

Em meio a essa teia simbólica, os homens, como cidadãos do mundo, com suas memórias, tornam-se fonte de legitimação da representação do passado e da história do tempo presente para os historiadores, já que existem coerência e relação entre passado e presente que podem ser percebidas nas práticas cotidianas.

Refletir sobre o patrimônio cultural, como expressão da cultura do homem, divisando a dimensão e força do poder simbólico, nos fatos e ações que se fazem presentes na construção do social tem importância significativa, na medida em que envolve a memória – como recurso de reconstituição histórica; e a identidade, com toda a complexidade que o conceito envolve – como forma de legitimação e reconhecimento do que se apresenta como patrimônio – e possibilita ao homem se encontrar, se identificar e acreditar que o que ele sente faz parte da sua memória, da memória do seu grupo.

Na perspectiva do patrimônio como memória social (coletiva), proponho se refleta sobre esse patrimônio, levando em consideração as condições históricas, sociais e comunicacionais da contemporaneidade e a sua utilização como fonte de (in)formação no processo de formar e educar pessoas.

Existe uma preocupação advinda de instituições, sejam públicas ou privadas, de organizações governamentais e não governamentais, de grupos sociais e algumas poucas figuras públicas, no que diz respeito ao patrimônio cultural, mediante a criação e/ou manutenção de museus, memoriais, documentários, centros de documentação e de memória, dentre outros.

Observo, no entanto, isso, partindo do meu conhecimento empírico sobre o tema, daí a necessidade de uma pesquisa científica, que, no referente ao ensino escolar, essa não tem sido uma preocupação apresentada. Parece-me que o patrimônio ficou entregue nas mãos dos

¹⁶

Id. *ibid.*, p. 40.

profissionais da área arquitetônica, que privilegiam, por conseguinte, as edificações, ou melhor expressando, o patrimônio edificado, esquecendo que os habitantes podem marcar os seus espaços de vivência e eleger aquilo que para eles representa um patrimônio, que se diferencia daquilo que é oficial. Esquecemo-nos dos caminhos percorridos pelos usuários de um determinado lugar em oposição àqueles criados como mais adequados para o mesmo percurso. Existe uma ordem prevista para o sistema social, e as práticas cotidianas, que são aleatórias, criando outra ordem social. Temos, então, o que Certeau discute no livro *A Invenção do Cotidiano*, onde os diferentes grupos sociais, ou cada um deles, isoladamente, criam outras formas de viver o cotidiano, o que o autor chama “as artes de fazer”, que, também deixam suas marcas nos lugares e nas pessoas.

Existe na cidade uma cartografia física, de formas e cores, e uma cartografia simbólica, expressa nas ideologias e percepções individuais que, juntas, formam o quadro daquilo que é patrimônio, desenho coletivo que representa, que conta e rememora essa cidade.

De acordo com a primeira legislação patrimonial do Brasil, o Decreto-lei nº 25/37 diz que:

Constitui o patrimônio histórico e artístico nacional o conjunto de bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da História do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico.¹⁷

A política que norteou a preservação dos bens patrimoniais, sob o comando do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN, desde o ano de sua criação, 1937, privilegiou, como salienta Oriá, “[...] igrejas barrocas, os fortes militares, as casas-grandes e os sobrados coloniais.” Esqueceram “as senzalas, os quilombos, as vilas operárias e os cortiços.”¹⁸

¹⁷ BRASIL. Leis, decretos. **Decreto-lei nº 25/37**, que autoriza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional.

¹⁸ ORIÁ, Ricardo. Memória e ensino de história. In: ALMEIDA, Adriana Mortara Org. . **O Saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1997. p. 131.

A ideia era passar ao País a imagem de um passado uno, homogêneo, não se reservando espaço para as diferenças étnicas e culturais da formação histórica nacional. Ficou, dessa forma, o patrimônio como um dos campos instituidores da memória, num viés particular de atuação do poder público, deixando de lado a participação da sociedade na legitimação desses bens.

As exigências contemporâneas fizeram com que se ampliasse a designação “patrimônio histórico e artístico” para “patrimônio cultural”, levando-se em consideração toda a produção humana como bem cultural.

A Constituição Brasileira vem reforçar essa tendência quando adota, no artigo 216, Seção II – Da Cultura, para patrimônio cultural a seguinte conceituação:

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I – as formas de expressão;

II – os modos de criar, fazer e viver;

III – as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV – as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V – os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, ecológico e científico.¹⁹

Isso sugere o patrimônio como importante elemento na conquista de uma identidade nacional. É o passado como referência para a constituição da nacionalidade e fonte de conhecimento para a história.

Pode-se, então, ter o patrimônio como suporte de evocação e de memória; como fenômeno social que une passado e presente (re)criando imagens da cidade, do povo, da

¹⁹

CONSTITUIÇÃO da República Federativa do Brasil, 1988.

cultura. Deve-se, portanto, entender o patrimônio como memória social, lugar onde se projetam as significações que delinearão e formarão as representações sociais.

De acordo com Canclini²⁰, as ciências sociais estão reconceitualizando patrimônio cultural, tomando alguns pontos como fundamentais.

Primeiramente, a afirmação de que o patrimônio não se restringe mais somente às expressões “mortas” da cultura – situando-se, nesse meio, antigos objetos, sítios arqueológicos etc. – mas, também, a outras formas de bens culturais – visíveis e invisíveis – como língua, conhecimento, documentação, comunicação, dentre outros.

Em segundo lugar, as apropriações e usos sociais que se fazem desse patrimônio ante as necessidades contemporâneas e a exigência de uma política de preservação e administração desses bens patrimoniais, que possam fazer valer a sua existência.

Em terceiro, o aspecto comunicacional, isto é, o reconhecimento de um patrimônio que se faz presente nos produtos da cultura popular – música, textos de camponeses e operários, bens materiais e simbólicos, originários de todos os grupos sociais.

Destaca, então, Canclini, seis questões teóricas e políticas a serem trabalhadas:

- 1) o patrimônio cultural e a desigualdade social; 2) a construção imaginária do patrimônio nacional; 3) os usos do patrimônio; 4) os propósitos da preservação; 5) o patrimônio na era da indústria cultural; 6) os critérios estéticos e filosóficos [que o avaliam, preservam e difundem].²¹

Sem descartar a relevância do conjunto dos seis pontos suscitados, aqui destaco três aspectos que considero da maior importância: a elaboração imaginária do patrimônio cultural; os usos do patrimônio e os propósitos da preservação, observando que esses três aspectos estão imbricados de maneira tal que falar em um deles requer uma relação com os

²⁰ CANCLINI, Néstor García. O Patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 23, p. 95, 1994.

²¹ Id. *ibid.*, p. 96.

outros dois, sem perder de vista a paisagem contemporânea que mostra, a todo o momento, uma quebra de fronteiras, uma desterritorialização, ou ainda uma invasão dos nossos espaços com uma enxurrada de novas maneiras de dizer, fazer e pensar, isto é, com novas formas de sociabilidade.

É interessante, portanto, além de pensar numa memória que mantenha conexão com os bens patrimoniais – tais como monumentos e fatos históricos - que se considere o indivíduo como um cidadão e, por conseguinte, portador de direitos de memória (individual e coletiva) – que lhe permita uma consciência histórica capaz de possibilitar a esse cidadão o (re)conhecimento desses bens como parte da sua memória e da sua história.

O patrimônio cultural precisa ser pensado não só nos princípios políticos que norteiam as estruturas jurídicas e sociais, mas pautado, especialmente, numa cultura formada pelas ações e invenções do cotidiano.

[...] é preciso interessar-se não pelos produtos culturais oferecidos no mercado de bens, mas pelas operações dos seus usuários; é mister ocupar-se com ‘as maneiras diferentes demarcar socialmente o desvio operado num dado por uma prática.’²²

Nesta perspectiva, destaco o segundo aspecto aqui mencionado: os usos do patrimônio. As contradições no uso do patrimônio, como espaço da disputa política, econômica e simbólica, ficam a cargo do setor privado, do Estado e dos movimentos sociais. A iniciativa privada trata o patrimônio como instância possibilitadora de ganhos econômicos, ficando o aspecto cultural, na maioria das vezes, à margem dos interesses empresariais: em especial, o setor imobiliário e o setor turístico. O Estado, ao mesmo tempo em que valoriza o patrimônio como elemento integrador de nacionalidade, de outra parte utiliza apenas os fatos e ações históricas que se ligam aos bens patrimoniais para formar um imaginário social.

Não se pode esquecer de que, nesse caminho, a ação do Estado, além de identificar, reabilita bens patrimoniais de grande valor artístico e cultural. Por outro lado, porém, se esqueceu de identificar em outros fatos e ações, provenientes das práticas sociais –

²²

GIARD, Luce. Introdução. In: CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. p. 13.

como diz Chartier – uma representação da memória que contemple o cidadão comum, o cidadão do mundo.

Os movimentos sociais em torno do patrimônio despontam com preocupações que vão desde as questões ecológicas, à urbanização descontrolada, com vistas à preservação de um ambiente urbano em condições saudáveis de vida, além de trabalharem na construção de centros de memória que possibilitem um registro de suas identidades culturais.

Temos, então, aqui, o terceiro aspecto destacado. E uma interrogação emerge: por que preservar o patrimônio?

Difícil se torna para uma sociedade a constituição e, principalmente, a preservação dos bens patrimoniais, se essa sociedade não consegue se ver nos ícones, símbolos e monumentos instituídos por concepções que envolvem, em maiores proporções, questões econômicas e políticas. É preciso que se preserve um bem cultural não só pelo valor estético, arquitetônico ou histórico, mas sim se esse bem tem significação para a comunidade onde está inserido possibilitando melhoria na qualidade de vida de seus moradores, contribuindo para a formação e o exercício da cidadania. É preciso atentar para o fato de que os sentidos atribuídos aos patrimônios não são doações gratuitas, mas permanentes construções dos sujeitos, em um mundo de constantes transformações.

Faz-se necessário que os bens patrimoniais sejam identificados por meio das coisas que falem das memórias do seu povo, da sua vida. Nessa perspectiva, há que se pensar num patrimônio que se faz na memória – individual e coletiva – que possa representar o passado, a tradição e a história de um país, estado, cidade ou comunidade. É na memória acumulada que os indivíduos se reconhecem como ser social e sujeitos partícipes na construção de uma identidade local, que apresente passado e presente numa sucessão de interligações. Sem memória é impossível ao homem situar-se no tempo da história e, portanto, sentirem-se sujeitos dessa história.

Precisamos conceber a memória através do “[...] homem ordinário. Herói comum. Personagem disseminada. Caminhante inumerável. Invocando, [...] o ausente que lhes dá princípio e necessidade [...] A este oráculo que se confunde com o rumor da história [...]”.²³

No sujeito simples, ordinário, no dizer de Certeau, se dá também, e principalmente, a manifestação de identidade e nacionalidade, pois sob a óptica do autor, “Os projetores abandonaram os atores donos de nomes próprios e de brasões sociais para voltar-se para o coro dos figurantes amontoados dos lados, e depois fixar-se enfim na multidão do público.”²⁴

Mais do que nunca, urge que se atente para o desenvolvimento social, em que a globalização e, por que não dizer a massificação das sociedades contemporâneas, interfere na ação cotidiana, com formas, valores e significados novos de sociabilidade, intervindo na construção e legitimação da memória social representada pelo patrimônio cultural.

Qualquer política cultural sobre os bens patrimoniais não pode deixar de tomar as práticas sociais, suas representações e interpretações como força motriz para o assentamento de um patrimônio pautado numa memória que possibilite um sentimento de pertença no que se refere ao seu ambiente social. Um patrimônio cultural pensado e considerado nos usos sociais, nas apropriações que a sociedade faz da sua memória, da sua história. Precisamos desses patrimônios que são memórias e dessas memórias que são patrimônios para que possamos utilizá-los como fontes (in)formacionais e adotá-las como conhecimento histórico, como ativação do sentimento de pertença e preservação, de maneira que fortaleça a educação e o exercício da cidadania.

Partindo da problemática a ser investigada a intenção desta pesquisa objetiva mostrar uma nova maneira de ver e conceituar patrimônio cultural mediante o sentimento e a memória dos habitantes do Jacarecanga.

Acredito que é importante realçar a possibilidade de ver no patrimônio cultural, como memória coletiva, como mais uma fonte de (in)formação para a educação. Isso implica

²³ CERTEAU, Michel de. Op. cit., p. 57.

encontrar um papel social e educacional para o patrimônio, que possa contribuir para cidadãos mais conscientes dos seus valores e, dessa forma, preservadores e construtores do seu espaço de vivência cotidiana.

3

EVOCAÇÃO A CIDADE: UM LUGAR PLURAL

Embora nenhuma cidade em que eu viva possa ser exatamente como gostaria que fosse, mesmo no melhor de todos os mundos possíveis, ainda assim a sua aparência e o seu funcionamento foram determinados por pessoas como eu e não por forças impessoais: você e eu também tomamos decisões, por menores que sejam [...]

Joseph Rykwert

Quando se está assim tão envolvido com o existir das cidades, como lembra Rylowert na epígrafe, com a qual concordo totalmente, o leitor e eu precisamos estar mais atentos para as nossas maneiras de fazer, ou com as nossas artes de fazer, nos caminhos de construção e preservação da cidade, na medida em que, ainda segundo a epígrafe, somos responsáveis pela sua aparência e seu funcionamento. Todas as nossas idéias e ações se mostram na feição e no modo como se desenvolvem as nossas cidades. Grandes ou pequenas, alegres ou tristes, arborizadas ou não, com construções arrojadas ou simples, as suas cores e os seus cheiros, a largura das suas ruas e calçadas, bem como todos os outros aspectos que caracterizam qualquer lugar, são determinados por seus habitantes.

Seguindo esta linha de pensamento, já faz algum tempo dedico atenção especial ao espaço da cidade, olho mais cuidadosamente para os lugares de vivência cotidiana e a riqueza cultural que eles oferecem. Muitas inquietações, mas, também, muitas surpresas e muitas indagações foram surgindo. As inquietações procedem do pouco zelo que observo ser dedicado pelos seus moradores às suas cidades; as surpresas por encontrar tantas pessoas e tantas coisas curiosas, diferentes e importantes no cuidado com esse espaço; e, por fim, as indagações: conheço minha cidade? Cuido da minha cidade? Reconheço-me na minha cidade? Conheço a sua história? Faço parte da sua memória? Gosto da minha cidade? Como vejo minha cidade? Estas e muitas outras indagações podem ser feitas, e estimuladas, dependendo das relações e da consciência que cada pessoa tem ou mantém com esse espaço da vida cotidiana.

Cidade é uma palavra comum para cada um de nós; faz parte da linguagem ordinária da vida. Talvez por isso não se dê muita atenção ao espaço citadino, apenas se habita a cidade, mas os moradores não se confundem com ela. A cidade é utilizada de

maneiras diversas, algumas vezes atribuindo grande valor, noutra momento realçando seus perigos e injustiças, em outros, as experiências, individuais ou coletivas, ou melhor, tudo o que envolve os saberes e fazeres da vida cotidiana. Produzida socialmente a cidade, local de troca, de encontros e desencontros, de protestos, festas, lutas, perdas e ganhos, de morte e vida, aos poucos, vai construindo em cada um dos seus moradores as referências mais importantes da história e da memória das suas vidas, ainda que, muitas vezes, de forma pouco consciente. Por isso, quando falo de cidade, da minha cidade, não posso fazê-lo sem paixão.

É curioso pensar como se formam as cidades: o que motivou as suas estruturas; a escolha dos lugares, dos nomes, enfim, são muitos os aspectos que podem ser realçados. Interessa-me, primeiramente, conhecer como nascem e por que nascem.

Sabe-se que cada vez mais pesquisadores intensificam seus estudos em busca de indícios da presença de seres humanos em locais e condições até então desconhecidos e impensados. O que se sabe é fruto do desenvolvimento do conhecimento apresentado até então, mas que, não raro, são alterados de conformidade com os estudos de historiadores e arqueólogos e suas novas descobertas.

Até descobrir que podia plantar e colher, além de caçar, o ser humano era nômade, deslocava-se permanentemente em busca de comida. O que a natureza oferecia de plantas comestíveis, e a caça, determinava o tempo de permanência dos agrupamentos humanos em cada lugar onde acampavam. Terminando os alimentos daquele lugar partiam em busca de outros lugares que lhes possibilitassem espaço e alimentação para todos do grupo por determinado período. E foi assim, até descobrirem que podiam cultivar. Foi a primeira grande revolução da humanidade: a agricultura.

A importância da Revolução Agrícola foi um grande impacto para a história da humanidade. Embora não tenha fixado de imediato os grupos ao solo, facilitou a sua permanência em espaços determinados por muito mais tempo, diferentemente de quando era somente coletor e caçador. Essa não permanência definitiva nesses lugares também foi interessante, pois, ao se deslocarem, possibilitavam uma difusão cultural dessa nova atividade que, paulatinamente, invadia novos espaços, alterando a vida não só no que diz respeito a uma

maior fixação do homem ao solo como, também, o fato de influir no aumento demográfico. Permanecendo por mais tempo nos lugares, facilitavam a procriação. Muitos outros aspectos podem ser explorados no que diz respeito à formação de grupos humanos e sua fixação ao solo.

Como toda grande revolução, a Revolução Agrícola trouxe novas formas de sociabilidades e, com isso, trouxe, também, novos conflitos, embora considere que os benefícios tenham sido maiores e melhores para o desenvolvimento da humanidade.

Seguindo esse percurso, pergunto: foi assim que começaram as cidades? O que é uma cidade? Que funções lhe cabem? Qual sua finalidade? A palavra cidade é proveniente do latim *civitate* e significa povoação de primeira categoria em um país. No Brasil, cidade é toda sede de município, qualquer que seja a sua importância.

É interessante lembrar que esses espaços, até se apresentarem na condição de cidade, na forma como hoje se apresentam, passaram por um processo de construção social grandioso. Antes da cidade, houve a caverna - e os seres humanos já viviam em pequenos grupos, o esconderijo, o acampamento, a aldeia e a pequena povoação. Quando ainda éramos aldeias e pequenas povoações, a proximidade das pessoas que ali viviam era mais forte, mais solidária e mais afetuosa e tinham como preocupação central a reprodução e a nutrição.

As cidades foram se formando, à medida que surgiram necessidades e novas habilidades e um contexto mais complexo que solicitava algo mais do que a mera sobrevivência. Além do caçador, do camponês e do pastor, outros tipos apareceram, transformando a feição da aldeia. Foram mineiros, lenhadores, pescadores etc. que trouxeram consigo instrumentos, habilidades e hábitos de vida adquiridos. Isso porque a vida é dinâmica, é movimento e repouso, tanto na vida animal como vegetal; no entanto, há uma busca por segurança, uma tendência por se firmar em algum lugar que ofereça alimentação e abrigo. Essa é caracteristicamente uma ação humana, embora haja algumas espécies de peixes que se reúnem em rebanhos e cardumes para a reprodução, alguns pássaros que se ligam ao mesmo ninho nas diferentes estações, e outras espécies que tendem a procurar se proteger por ocasião da reprodução.

Os arqueólogos começaram a descobrir sinais de colonização permanente talvez (aproximadamente) acerca de quinze mil anos, em pequenas aldeias mesolíticas. A permanência desses grupos foi identificada na medida em que precisavam de tempo para a produção de vegetais, e já se viam os primeiros animais domésticos, de estimação e guardiões da moradia de então: eram galinhas, porcos, gansos, patos e o cão, conhecido como o melhor amigo do homem. Esses aspectos facilitaram em muito a fixação do homem ao solo. A segurança da moradia e da alimentação veio alterar, portanto, o modo de vida do ser humano, interferindo, especialmente, na sexualidade, já que se encontravam mais comodamente instalados e alimentados e, portanto, em melhores condições físicas e para o exercício da afetividade.

Além da domesticação de plantas e animais, provocadoras dessa nova estrutura de vida, outra domesticação foi necessária: a do próprio ser humano que, até então, era nômade.

A aldeia e/ou a pequena povoação formavam uma associação permanente de famílias e vizinhos, animais, casas, celeiros etc., que proporcionavam segurança e bem-estar à comunidade. E isso foi transmitido para a cidade. Diz Mumford que a cidade deve à aldeia e/ou à pequena povoação uma “[...] energia vital e amorosa proteção que tornaram possível o maior desenvolvimento do homem.”²⁴ Diz ainda o autor que “[...] a cidade deve, tecnicamente, à aldeia [...] diretamente ou pela elaboração, o celeiro, o banco, o arsenal, a biblioteca, o armazém.”

Quando se procura as origens da cidade, é comum se olhar para os seus indícios físicos. São ossos, utensílios domésticos, armas, mas também linguagens (orais e escritas), rituais e outros fazeres humanos que não se materializam para a visão, mas podem ser percebidos através de outros sentidos.

As primeiras aglomerações humanas, ou as primeiras cidades, começaram há cerca de dez mil anos. Não porque houvesse fundadores ou idealistas com planejamento estruturado para fundar uma cidade. O processo que levou pessoas a se juntarem em espaços específicos

²⁴

MUMFORD, Lewis. **A Cidade na história**. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 22.

não é evidente, pois não havia uma consciência individual ou coletiva que levasse as pessoas a pensar em estruturas de agrupamentos urbanos. Primeiramente não havia modelos nem objetivos específicos para essas construções, nem projetos como todos os que fundaram muitas cidades, tal qual se pode ver em algumas cidades brasileiras como, a construção de Brasília para ser a capital do Brasil, assim como Jaguaribara, cidade do interior do Estado do Ceará, que não foi deslocada para outro espaço pelo simples fato de ficar mais bonita, mas que foi obrigada a desocupar o lugar para a construção da represa Castanhão. Não gosto das cidades planejadas, pois me parecem monótonas, frias, sem o movimento natural da vida daquelas que crescem com seus moradores, embora haja um traçado para que seus habitantes ocupem. As edificações, no entanto, são “a gosto do freguês”, como diz o dito popular; não há um modelo ou estilo a seguir.

Embora não houvesse referências ou parâmetros a seguir, sabe-se que muitos são os aspectos que podem levar à formação de agrupamentos humanos. São circunstâncias sociais complexas que dificultam um consenso quanto aos pontos de maior relevância, mas podem dar indícios para reflexões.

É fato comum, entretanto, o conhecimento de que as primeiras cidades se formaram ao longo dos vales dos rios Nilo, Tigre-Eufrates, Indo, dentre outros. Se se considerar que a água é um (ou o melhor) bem para o planeta Terra e que sem ela não há vida, inclusive porque não se descobriu, ainda, qualquer coisa que a substitua, nada mais natural do que essa busca essencial para a formação das cidades. E, embora não se possa fechar com essa afirmação, já que muitas cidades da América Central e do Sul foram fundadas sem o auxílio do transporte fluvial ou marítimo, não se há de deixar de observar que essa paisagem é uma constante nas imagens das cidades. Não se precisa ir tão longe para constatar o fato, bastando conhecer a história do Brasil e a história da formação da cidade de Fortaleza e de outras cidades do Estado do Ceará, para se ver, bem de perto, essa realidade.

Os mais antigos agrupamentos humanos do Velho Mundo, descobertos pelos arqueólogos, surgiram no Oriente Próximo, Çatal Hüyük, no sul da Turquia, e Jericó, na Palestina. Há quem afirme que a agricultura, iniciada no Oriente Próximo é a grande responsável pela urbanização. É como se a organização da agricultura produzisse auto-

suficiência e propiciasse uma estrutura de fixação no campo e, conseqüentemente, a urbanização. Se isso não é um determinante, têm-se, no mínimo, as condições favoráveis para uma estrutura urbana. O certo é que houve formações urbanas onde havia facilidade, abundância ou falta de água, havendo necessidade, portanto, de adaptação ou ajustamento das condições para prender o ser humano à terra. É comum ouvir que a necessidade é a mãe das invenções. À medida que se formavam agrupamentos, outras necessidades iam surgindo: o comércio (mercado, ponto de trocas), o transporte de mercadorias e de pessoas, a divisão do trabalho, a autoridade, dentre tantos outros aspectos que dão o contorno do que hoje se conhece como cidade.

Existem explicações sobre as formações urbanas através das escrituras, da mitologia, ou de tradições oriundas dos chineses, indianos, africanos, europeus ou centro-americanos; são muitas as versões. Fico com a proposição de que as formações urbanas surgiram à medida que o homem, a partir das suas necessidades vitais de sobrevivência, começou a descobrir as possibilidades oferecidas pela terra, em tudo aquilo que ela pode suprir a vida: água, alimento, vegetação, animais, proteção, dentre outras. Quando o ser humano se descobriu agricultor, isto é, cultivando a terra ele mudou a história e relação com a natureza. Passou de coletor/consumidor a produtor e agente transformador da natureza. Já fabricavam algumas ferramentas e se dominava o fogo. Sabendo utilizar as ferramentas, dominando o fogo, organizando caçadas de grandes animais e atuando em grupos, o ser humano passou para a Era da Revolução Agrícola, a primeira grande revolução da humanidade. Desde então, o homem pôde fixar-se na terra, não só no seu cultivo como, também, além de caçar, passou a criar animais.

Posso repetir, por óbvio que seja, que as cidades representam grande e importante revolução da humanidade, já que permitiram as formações sociais e de sociabilidade, a organização do trabalho, melhores estruturas de moradias, tantas outras coisas e, principalmente, a busca por uma melhor qualidade de vida. De outra parte, porém, trouxe disputa, poder, ambição, dominação, violência etc. Portanto, a revolução urbana ocorreu motivada por diferentes mecanismos, mas acredito que a atividade comercial se tornou um dos aspectos mais proeminentes.

No entanto, a cidade se expande, e, embora com o crescimento traga muitos benefícios para a população, arrola também estragos. Umas se desenvolvem mais, outras menos; umas são litorâneas, outras serranas ou centrais; umas se tornam pólos industriais, outras culturais; umas têm atrativos turísticos, outras são esquecidas. Enfim, independentemente do tipo, tamanho, localização, país, qualquer que seja a cidade possui uma história e uma memória. Essa história e essa memória são construídas por parte de cada um de seus moradores e pelo conjunto da sociedade. E mudam, se transformam, constantemente, conforme se pode observar nas cidades do passado e nas cidades onde se vive.

Como diz Munford²⁵:

Quando aconteceu tudo isso, a arcaica cultura de aldeia cedeu lugar à ‘civilização’ urbana, essa peculiar combinação de criatividade e controle, de expressão e repressão, de tensão e libertação, cuja manifestação exterior foi a cidade histórica. Em verdade, [...] a cidade pode ser descrita como uma estrutura especialmente equipada para armazenar e transmitir os bens da civilização e suficientemente condensada para admitir a quantidade máxima de facilidades num mínimo de espaço, mas também capaz de um alargamento estrutural que lhe permite encontrar um lugar que sirva de abrigo ‘as necessidades mutáveis e ‘as formas mais complexas de uma sociedade crescente e de sua herança social acumulada.

A tentativa de compreensão da cidade vai desde um espaço da imensidão, da multiplicidade, do fragmentário, do desordenado ou desorganizado ao espaço, por excelência, da civilidade, e aí funciona como um instrumento de regulação da vida social, isto é, o espaço das regras, dos papéis a desempenhar e da delimitação dos contornos sociais.

A cidade mostra, portanto, pela estrutura física e de toda uma tessitura do movimento da vida gerada por seus habitantes, a possibilidade de recuperar / reinterpretar / decifrar o passado, sua história, como também conhecer e entender melhor a cidade do presente, que deve trazer, sempre, as suas marcas fundadoras, já que transformação não deve ser o mesmo que perda de memória. É o conhecimento do passado e o entendimento do

presente que pode melhorar os caminhos transformadores do futuro, porque a cidade é um fazer permanente, na medida em que representa a própria experiência humana.

A cidade é caracteristicamente essa diversidade, e é isso que lhe confere um desenho e um ritmo singulares, sendo composta por cores, ruas, traços, roupas, cheiros, letras, sons, silêncios etc., e onde se criam até espaços da natureza, como bosques, florestas, parques e jardins que se configuram pela vontade de homens e mulheres.

A cidade, no entanto é, também, e principalmente, o cenário onde se desenrola o ritmo da vida, das práticas sociais e a construção de valores. Tudo isso forma a cultura e compõe a história e a memória dos lugares. Nesse sentido, encontram-se na cidade as referências empíricas que ancoram a memória, que contemplam aspectos como os costumes e as tradições, as datas, as personagens, a música, a arquitetura, o folclore, a arte, a religião, a culinária etc., e formam o patrimônio cultural. É esse patrimônio, que pode se revelar por cada habitante, para cada um e para o conjunto de todos eles, que considero como fontes de referências imprescindíveis para formação do cidadão, que quero descobrir e acredito exista no espaço da cidade. Para realizar o estudo, escolhi como *lócus* da pesquisa, na cidade de Fortaleza o Bairro do Jacarecanga. Portanto, vou percorrer um pouco os caminhos de formação da Capital cearense.

3.1 Fortaleza: a “loura Desposada do Sol”²⁶

Falar da bela capital cearense, Fortaleza, com mais cuidado compete a este estudo para que eu possa conhecer o patrimônio aqui existente e formar uma imagem de onde se encontra localizado o meu objeto de estudo. Com seus 281 anos de existência, e dois milhões de habitantes, a cidade de Fortaleza está localizada logo abaixo da linha do Equador, sendo a rota mais curta do Brasil para a Europa, Estados Unidos, Cone Sul e África. Possui área de 336Km² e uma altitude de 15,49m em relação ao nível do mar. Tem seus limites marcados ao Norte com o Oceano Atlântico, ao Sul com os municípios de Pacatuba, Euzébio, Maracanaú e

²⁶

Expressão utilizada pelo escritor Paula Ney.

Itaitinga, ao Leste com o município de Aquiraz e o Oceano Atlântico, e a Oeste com o município de Caucaia.

Banhada pelo sol praticamente o ano inteiro e com uma orla marítima de areias brancas e coqueirais, é hoje considerada um dos pólos turísticos mais procurados no Brasil, por brasileiros e estrangeiros. O visitante que vem a Fortaleza não imagina que a “loura desposada do sol” que evoluiu em todos os sentidos, atraindo não só turistas como também outros investimentos para a cidade e para o Estado do Ceará, em seus primórdios, parecia ter poucas possibilidades de crescimento. Isso porque o Ceará, enquanto foi capitania, não recebia quase nenhuma atenção, e somente após um século depois da chegada dos portugueses ao Brasil, em 1603, com Pero Coelho de Souza, foi edificado o forte de São Tiago, na barra do rio Ceará, ao oeste de onde mais tarde se ergueria a cidade de Fortaleza.²⁷ Passou pela jurisdição do Estado do Maranhão e Grão-Pará, em 1621, e pela jurisdição de Pernambuco, em 1656, e, durante esse período, toda a produção do Ceará ficou por conta do porto de Recife, passando depois a negociar diretamente com Portugal. Em 1649, o Território cearense foi ocupado pelos holandeses, liderados por Matias Beck. Quando os holandeses foram expulsos, em 1654, foi construída no espaço que já estava em desenvolvimento, e onde já havia sido começada a construção, em 1660, do forte Schoonenborch, uma capela dedicada a Nossa Senhora da Assunção e a Praça das Armas. Com a construção da capela, também se deu início à reconstrução do Forte que teve seu fim em 1698. A criação da Vila do Ceará ou de São José do Ribamar se deu em 1699, e com ela uma Câmara Municipal ou Senado da Câmara, prerrogativa concedida apenas aos núcleos elevados à categoria de vila. A discordância da Câmara Municipal quanto ao local escolhido para dar início à Vila levou a sede da capitania para Aquiraz, elevada à condição de Vila em 1713. Ainda não fora dessa vez que a Vila do Ceará seria a sede da capitania.

²⁷

Como aqui pretendo trazer apenas considerações gerais ou o que para mim se apresentou como fatos interessantes, para esta pesquisa, sobre a história da cidade de Fortaleza, para conhecer melhor os caminhos de construção da cidade veja: SOUZA, Simone de et al. **Fortaleza**: a gestão da cidade (uma história político-administrativa). Fortaleza: Fundação Cultural de Fortaleza, 1995; PONTE, Sebastião Rogério. **Fortaleza Belle Époque**: reformas urbanas e controle social, 1869-1930. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha / Multigraf Ed., 1993. GONDIM, Linda Maria de Pontes. **O Dragão do Mar e a Fortaleza pós-moderna**: cultura, patrimônio e imagens da cidade. São Paulo: Annablume, 2007; JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. **Verso e reverso do perfil urbano de Fortaleza**. São Paulo: Annablume / Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 2000; Raimundo Girão, Celeste Cordeiro, e muitos outros autores que escreveram sobre a historiografia cearense.

Somente em 13 de abril de 1726, haja vista os constantes ataques indígenas a Aquiraz, foi instalada a Vila de Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção. Ficava assim a Capitania do Ceará com duas vilas, Fortaleza, como sede da Capitania e Aquiraz como sede da Ouvidoria, que na estrutura da época era a autoridade suprema da Justiça. Fortaleza, todavia, até o final do século XVIII e começo do XIX, não teve nenhum destaque no contexto político-econômico, pois a economia do Ceará, centrada no gado e no algodão, tinha referência nas cidades de Icó, Sobral, Crato e Aracati. Esta última, por ser próxima à foz do rio Jaguaribe, se destacou mais do que as outras, na medida em que se tornou um entreposto comercial, pois desenvolveu o preparo do charque e exportava para outros lugares, abastecendo o mercado. Por essa razão, Aracati ficou conhecida como “o pulmão da economia cearense”; Icó também se desenvolveu com a pecuária extensiva; Sobral se destacou, porque, além de grande centro coletor de algodão, transportava a produção pela ferrovia Sobral-Camocim; Crato, por sua vez, tinha vínculos com a economia açucareira da Zona da Mata nordestina. A economia cearense, no entanto, só teve projeção nacional através do algodão, quando o mercado externo se interessou pelo produto e passou a fazer parte do capitalismo internacional que então se consolidava.

A Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, porém, não teve um bom desenvolvimento, não havia sustentação econômica, e a cidade se mantinha a reboque de Aracati, local de comercialização com Pernambuco, o que fazia de Aracati mais desenvolvido. Passou-se mais de um século e somente com a emancipação do Brasil de Portugal, em 1822, e a formação do Império Brasileiro, se deu a criação das províncias brasileiras e, em 17 de março de 1823, Fortaleza foi elevada à categoria de cidade, passando a se chamar Cidade de Fortaleza de Nova Bragança.

O desenvolvimento da cultura algodoeira no Nordeste teve relação direta com a Revolução Industrial inglesa que passou a utilizar em seus teares o algodão, em substituição à lã de ovinos e ao linho, e o Ceará tornou-se a região com maiores possibilidades para a cultura do algodão, haja vista as condições climáticas que favoreciam o cultivo do algodão de fibra longa, o chamado algodão-mocó ou seridó. A produção do algodão cresceu consideravelmente por toda a primeira metade do século XIX, chegando à segunda metade, por volta de 1860, a ser um dos principais fornecedores de algodão para a Europa, haja vista que os Estados Unidos, até então um dos maiores fornecedores de algodão para o mundo

européu, estava no conflito da Guerra da Sucessão, e escoava o produto pelo porto de Fortaleza, embora em precárias condições de funcionamento. Silva assinala que tudo era pecuária quando surgiu o algodão, eram carne-de-sol e couro. Então, Fortaleza, lugar de escoamento da produção algodoeira, se firmou como centro urbano, como a capital do Estado do Ceará, o centro do poder, e o Ceará passou a fazer parte da economia nacional.²⁸

A evolução da cidade de Fortaleza, no entanto, foi morosa e, até meados do século XIX, havia dificuldades primordiais que impediam o seu crescimento: terreno arenoso, falta de um rio e cais, praias com águas violentas que dificultava o desembarque, falta de transportes, ruas e praças descalças, a precariedade sanitária, os surtos epidêmicos e, fechando o quadro das dificuldades, o flagelo das secas que açoitava a região. Seu povo, entretanto, tinha, caracteristicamente, uma alma alegre, o que talvez tenha ajudado na superação das dificuldades presentes no dia-a-dia.

Mesmo com todas as dificuldades, a partir de 1866, Fortaleza apontou como um grande eixo de exportação de algodão e com os melhores preços no mercado internacional, possibilitando à cidade ser o centro aglutinador do algodão, bem como do açúcar, do couro e do café. Fortaleza, então, ganhou mais importância e hegemonia político-econômica sobre as demais cidades, tudo isso facilitado pela estrada de ferro Fortaleza-Baturité, construída no período que vai de primeiro de julho de 1873 a 29 de setembro de 1873, quando foi inaugurada pela Companhia Cearense de Via Férrea de Baturité. Outro fato que veio fortalecer a hegemonia da cidade se deu com a imposição do governo imperial para a centralização político-administrativa das províncias em suas capitais. Começando em meados da primeira metade do século XIX, Fortaleza chegou à segunda metade do século se firmando na sua condição de capital e na hegemonia econômica e político-administrativa.

Segundo Cordeiro, Fortaleza chega ao século XIX com “[...] uma área de 6 km² 61 ruas e 3 avenidas, 14 praças, 8 cafés, 3 restaurantes, 2 hotéis, 9 farmácias, 4 livrarias, 2 casas de jóias, além de 23 médicos, 16 advogados e 9 professoras de piano.” O século XIX trouxe para a cidade maior expansão, especialmente na sua segunda metade considerada por

²⁸ SILVA, José B. da. O algodão no espaço cearense. In: SOUZA, Simone (Coord.). **História do Ceará**. Fortaleza: UFC/Fundação Demócrito Rocha, 1989. p. 79-89.

muitos como o período de grande crescimento para o Ceará. Todos os grandes ícones de civilidade, para a época, foram se apresentando: o Colégio Liceu do Ceará (1845) e a Biblioteca Provincial do Ceará, a décima segunda biblioteca pública criada no Brasil (1867), que vieram fortalecer o universo das letras na cidade; os serviços urbanos, os transportes e as comunicações que melhoraram com a pavimentação das ruas (1857); em virtude de uma epidemia de cólera entre 1862-64 criaram-se, também, o Lazareto da Lagoa Funda e um colégio para órfãos; o Seminário da Prainha, o Colégio da Imaculada Conceição e a Escola de Aprendizes Marinheiros (1864); a iluminação pública a gás carbônico (1866); a canalização da água (1867); a Santa Casa de Misericórdia (1867) na área da saúde; a Assembléia Legislativa (1871); a construção da estrada de ferro (1873); Adolfo Herbster, arquiteto, apresenta um plano urbanístico de ampliação para a cidade de Fortaleza e subúrbios, seguindo o que já havia sido iniciado por Silva Paulet, recomendando três bulevares, modelo adotado pelo Barão Haussmann em Paris, isto é, três grandes avenidas que hoje são a Duque de Caxias, a Imperador e a Dom Manuel (1875) – o traçado das ruas em xadrez, além de facilitar o movimento das pessoas e dos produtos permitia uma maior fiscalização do poder público; a implantação do serviço de bondes a tração animal (1880); a Estação Ferroviária João Filipe que veio a facilitar o deslocamento dos habitantes e do comércio (1880); o Passeio Público, espaço de lazer e encontro da sociedade fortalezense (1880); o telégrafo (1881); o serviço telefônico (1883); Instituto Histórico e Geográfico (1887); caixas postais (1889); o edifício da Alfândega (1891); Academia Cearense (1894); e a construção do Mercado de Ferro (1897).²⁹

30

Aliado a esse cenário, por volta de 1881, surge o movimento abolicionista, com a mobilização dos jangadeiros, liderados por Francisco José do Nascimento, conhecido como Chico da Matilde (sua mãe) e com o apelido de Dragão do Mar, que se recusaram a transportar os escravos até os navios que os levariam ao seu destino. Como a população escrava já vinha decaindo, desde a década de 1840, num percentual que atingiu a 20%,

²⁹ CORDEIRO, Celeste. **Brinquedos da memória**: a infância em Fortaleza no início do século XX. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1996. p. 22.

³⁰ GONDIM, Linda Maria de Pontes. **O Dragão do Mar e a Fortaleza Pós-Moderna**: cultura, patrimônio e imagem da cidade. São Paulo: Annablume, 2007. p.99.

chegou-se, então, a 25 de março do ano de 1884 e com ele a abolição dos escravos na província do Ceará.³¹

Do final do século XIX (1896) ao início do século XX (1912) governava o Estado do Ceará a oligarquia de Nogueira Accioly e o Município de Fortaleza com Guilherme Rocha, que se preocupou com o embelezamento da cidade, com a remodelação das praças do Ferreira, da Sé e a Marques de Herval (atual Praça José de Alencar), com canteiros de flores, chafarizes, cópias de estátuas gregas e largos espaços para possibilitar a realização de retretas, patinação e ginástica.³² A população de Fortaleza chega ao final do século XIX com aproximadamente 50.000 habitantes.

Depois de Guilherme Rocha na Prefeitura, vem Ildefonso Albano, administrando entre 1912 e 1914, que veio dar continuidade ao desenvolvimento da Cidade, trazendo mais sinais de civilidade para a Capital cearense. Construção de grupos escolares, mais jardins em novas praças, melhoria no acesso à cidade através das pontes de concreto armado do Cocó e de Caucaia, melhoria de avenidas para facilitar o deslocamento dos habitantes da cidade.

O crescimento e o desenvolvimento da cidade contemplaram também o mundo das letras e viu-se nascer muitas instituições culturais e de lazer.

De acordo com Ponte, com esse

[...] rol de equipamentos, instituições e acontecimentos urbanos, Fortaleza apresentava um inédito quadro sócio-histórico. Aguçando a correlação de forças políticas e sociais entre burgueses, intelectuais, proletários, desempregados e desvalidos, esse processo estimulou a adoção de valores como a noção positiva do trabalho, a instauração de tecnologias voltadas para a produtividade humana e a emergência da medicina urbana local. Em resumo as primeiras marcas de um intenso, embora pontual, processo de reajustamento social da população.³³

³¹ FUNES, Eurípedes A. Negros no Ceará. In: SOUSA, Simone (Org.). **Uma nova história do Ceará**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000. p.107.

³² PONTE, Sebastião Rogério de. Remodelação urbana de Fortaleza na virada do século. **Revista UFC/NUDOC**. Série História. Fortaleza, n. 8, 1990

³³ Id. **Fortaleza belle époque**: reformas urbanas e controle social (1860-1930). Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha / Multigraf, 1993. p. 28.

Desse quadro que se foi estabelecendo, proveniente de estudos nas academias de Direito e Medicina, carreiras que surgiram no Brasil por essa época, e dos contatos com o mundo ocidental, surgiram mais idéias e valores - positivismo, pragmatismo e racionalismo científico - que bateram de frente com a centralização do regime imperial. O resultado desse impasse culminou com o trabalho assalariado, o movimento republicano, formação de clubes literários, de jornais de contestação, grupos militares insatisfeitos, comícios e conspirações contra o regime vigente.³⁴

Em meio ao contexto geral dos acontecimentos ainda havia que se pensar na problemática da seca, que interferia no movimento da zona da mata, sertaneja, serrana, prairieira e na capital fortalezense por ocasião dos grandes períodos de estiagem e, por conseguinte, da migração dos flagelados da seca para a Sede do Estado.

Esse cenário da cidade de Fortaleza tentava entrar em sintonia com o restante da sociedade brasileira que, também, crescia a passos largos, em busca de se tornar um país civilizado, com tudo o que o termo sugere, a exemplo do que acontecia no mundo ocidental. Novos hábitos e cuidados higiênicos, a preocupação com a saúde pública, a educação, as práticas esportivas, bem como o trabalho e a produção local. Estava Fortaleza e estava o Brasil à procura de uma feição que o situasse na trilha para uma cultura civilizada.

Ao verificar esse panorama da cidade de Fortaleza, há de se observar um aumento global no crescimento e desenvolvimento da cidade em todos os aspectos, embora nem sempre a contento dos seus habitantes e em meio a muitos conflitos, o que com certeza trouxe mais mudanças e também melhorias para o lugar. Foi em meio a esse cenário, e movido por ele, que surgiu a procura por moradias mais afastadas. Assim nasceu o bairro do Jacarecanga, do qual tratarei a seguir.

4

JACARECANGA: UM PASSEIO NO BAIRRO

Podem arrasar as casas, mudar o curso das ruas; as pedras mudam de lugar, mas [não podem] [...] destruir os vínculos com que os homens se ligavam a elas.

Ecléa Bosi

Bairro é uma comunidade ou região dentro de uma cidade ou município, e existem na maioria das médias e grandes cidades. No Brasil tem um papel apenas de localização, sem função administrativa específica, como acontece em outros países, e alguns municípios têm definição territorial quanto aos limites de seus bairros, enquanto em outros (a maioria) a divisão decorre do uso popular.

A origem da palavra bairro vem do árabe coloquial barrC e do árabe clássico barr(a). A palavra é utilizada para designar cada uma das partes em que se costuma dividir uma cidade ou vila, para mais precisa orientação das pessoas e mais fácil controle administrativo dos serviços públicos.

Não posso precisar quando nasceu o bairro Jacarecanga, mas, de acordo com as informações que ouvi dos meus entrevistados, o bairro surgiu no começo do século XX, a partir de 1915, quando as elites econômicas e intelectuais começam a se deslocar em decorrência da chegada de retirantes da seca, que tanto saqueavam como faziam depredações na cidade. O seu desenvolvimento e apogeu, entretanto, ocorreram por volta dos anos 1920, 30, 40 até 50, quando os seus moradores começaram a migrar para o outro lado da cidade. Portanto, tudo ocorreu na primeira metade do século vinte.

A formação do Bairro tem relação com a história política, econômica, cultural e educacional da cidade de Fortaleza. Após a seca de 1915, com a recuperação da economia do Estado e maior crescimento da esfera social mais abastada, houve mobilização desse segmento de se distanciar dos trabalhadores (operários) no que se referia ao social, mantendo mais próximas apenas as relações de trabalho.

Dessa forma, os fortalezenses de melhores condições financeiras já não se contentavam mais em residir no centro da Cidade, lugar ocupado pelo comércio, e começaram a buscar os arredores do centro urbano. Esse movimento ocorreu motivado, também, pela

facilidade, rapidez e conforto de ir e vir, proporcionados pelo sistema de transportes com as novas linhas de bondes elétricos e, ainda, a chegada dos automóveis e de auto-ônibus movidos a gasolina. Essa expansão do espaço de morada teve suas preferências de localização para a zona oeste da cidade, talvez pelo fato de não se constituir via de entrada dos sertanejos na cidade, especialmente, nas épocas de grande estiagem, e onde se encontravam os chácaras.

Nesse momento, nasceu o bairro Jacarecanga. O historiador Mozart Soriano Aderaldo disse que tudo começou por causa de uma linda lagoa que se tornou o centro das atenções no caminho de quem ia para Caucaia.

Antigamente era um grande sítio que pertencia ao coronel Guilherme Rocha, então intendente (prefeito) de Fortaleza. Naquela época, o Bairro começava na linha do trem e ia da praia até a avenida Duque de Caxias. Por esse sítio passava o riacho Jacarecanga, que em frente ao Morro do Ouro se alargava e formava a Lagoa Jacarecanga, utilizada para passeios de barco movidos a vela.

Jacarecanga é de origem indígena, e quer dizer “cabeça de jacaré”. O que se apresenta como explicação para essa denominação é um morro que despontava nas cercanias da lagoa e tinha uma forma semelhante a uma cabeça de jacaré.

A história do bairro Jacarecanga é marcada não só pela estrutura arquitetônica das suas casas, mas, especialmente, pela elite política, econômica e social da cidade. A intenção, naquele momento, era trazer para Fortaleza os contornos da civilização, inspirados no mundo ocidental. Dessa forma, as casas construídas na cidade procuravam entrar em sintonia com os estilos arquitetônicos mais consagrados à época nos principais centros brasileiros que buscavam (re)desenhar seus espaços de acordo com os padrões de civilidade projetados pela modernização européia dos centros mais avançados.

Fortaleza não ficou fora dessa febre que tomou conta do País. Naquele momento, a cidade ganhava novos ares, o embelezamento de suas praças, os primeiros cinemas e clubes, um grande teatro e um elegante passeio público, que, por sua própria estrutura, demarcava as

classes sociais da cidade. Vivíamos uma atmosfera de *belle époque*, nas lojas, no estilo das roupas, nos cafés, no traçado da cidade, no campo intelectual, nas estruturas arquitetônicas que, no entanto, não encobriam as características da formação cultural local.

As casas edificadas no Jacarecanga, desenhadas por Fernando Pequeno, se tornaram, então, símbolo de representação social dos seus moradores e trouxeram novas formas de sociabilidade: o gosto pela vida privada; modelo burguês de família como forma de proteção ao medo das ruas centrais pela intensificação do movimento, greves e a população menos privilegiada ou favorecida na escala social. Foram construídos, dessa forma, em pouco tempo vários palacetes, entre a Praça da Lagoinha e a Praça Fernandes Vieira, que tinham como núcleo de referência e difusão a Fernandes Vieira, mais conhecida como Praça do Liceu, e se espalhavam até as margens de um riacho, formando o arrebalde de Jacarecanga. Em sua maioria, as casas tinham nomes de identificação exterior, e em muitas delas aparecia a palavra *villa*, tal qual aparecia na de Alfredo Salgado, comerciante rico, denominada “Itapuca Villa”. Algumas traziam suas denominações no alto dos portões, em francês ou latim, como a de Francisco Salgado, em uma das esquinas da praça, que trazia escrito em seu portão *Festina Lente*. Os estilos eram variados: umas imitavam chalés; outras com torreões pontiagudos; outras, ainda, em estilo *art nouveau*. Formavam um conjunto que, pela variedade e beleza, se destacava de outros bairros da cidade.

Além do que fisicamente apresentava o Bairro, no entanto, havia o que de mais importante podia mostrar a sua alma: seus moradores e as instituições ali estabelecidas. Lendo alguns textos de antigos moradores ou frequentadores do Jacarecanga, pude enxergar o quanto o lugar representou na vida de cada um deles, que memórias são guardadas do tempo que por lá andavam. E não são de pessoas que estão longe, ao contrário, com alguns deles podemos todos ouvir as suas histórias, o que pretendo fazer no desenrolar deste estudo. Tenciono trazer, no entanto, neste momento, alguns trechos desses textos para que se possa perceber o que guardaram em suas lembranças:

Sempre que vou para os lados de Jacarecanga, meu coração se fecha. E fica mais apertado de saudades, quando deveria se alegrar em rever lugares tão familiares à minha infância e adolescência. Foi lá onde nasci.

.....
Naquela pracinha[...] dos meus verdes anos, havia um laguinho artificial que mais parecia um tanque, no centro [...] uma luminária em forma de globo, mais tarde substituída por [...] um busto do Padre e Poeta Antônio Tomás. [...] uma placa de bronze [...] gravado o poema [...] “Contraste”.
.....

Um dia, lembro bem, resolveram reformar a minha querida Pracinha. Levaram de lá o busto [...] sumiram os lindos versos [...] aterraram o laguinho [...] E a imagem querida da minha infância [...] certo dia [...] me surpreendi com um homem de bronze [...] no meio da Praça [...] Era o historiador Gustavo Barroso. Por que fizeram aquilo com a nossa querida Pracinha? [...] por que eles, os autores desse ‘atentado’ [...] não nos consultaram? Deveriam ter feito um plebiscito entre [...] os verdadeiros donos daquele espaço.³⁵

Tinha 12 anos quando saí de Ibiapina, em 1955, com meus pais. Entrei em Fortaleza pelo Jacarecanga. Quando parti, em 69, me sentia escolado. Foi lá que vi o mar pela primeira vez. Ali aprendi as primeiras letras com Yole Porto e fiz o clássico no Liceu que me deu base para o vestibular de direito.
.....

No tempo em que Jacarecanga esbanjava tranqüilidade, o Reginaldo, irmão do Renes e do Fanco, colocou um piano numa camionete e fez a primeira serenata com piano da história da boêmia da cidade. Eles moravam em frente ao Saps. Quem não lembra o bandeirão do Saps? Aprendi a reivindicar meus direitos acompanhando o movimento estudantil liderado por José Maria Pinto e Parangaba. Havia quebra-quebra de ônibus, baderna, mas deixou em mim o sentimento de luta de classe.³⁶
.....

Era importante morar em Jacarecanga. Naquele tempo da Itapuca Vila, de Alfredo Salgado, o bairro era o mais elegante da cidade. [...] Nós, da Imperador, tínhamos o máximo de admiração por aquele senhor idoso, todo de branco e com um cravo de defunto na lapela, bem roxo [...] Jacarecanga, além do bonde da light, dispunha da melhor frota de ônibus da cidade, a Empresa Pedreira [...] Jacarecanga era também o bairro das peladas de futebol [...] E era do bairro que saía o bloco ‘Marinheiros Popeye’, em direção ao Clube dos Diários[...]

³⁵ MARSHALL, Regina. A Minha pracinha. In: JACARECANGA. Fortaleza: Fundação Cultural de Fortaleza, 1994. (Caderno Cultural, 12). p. 22-23.

³⁶ IBIAPINA, Wilson. Jacarecanga: o bairro que ficou em mim. In: JACARECANGA. Fortaleza: Fundação Cultural de Fortaleza, 1994. p. 26, 28.

[...] foi lá onde apareceu o primeiro marido a se separar da mulher.³⁷

Quem não se lembra daqueles tipos singulares como a 'Ferrugem' [...] Era meio louca [...]; O Feijão-sem-banha [...] cheio de latas penduradas no corpo [...]; O carneiro [...] com o caixão na cabeça; A carrocinha da água da Floresta [...]

.....
Nunca reclamamos do barulho!!! Logo às 03h30min da manhã: era a voz forte e alta do Sr. Oscar orientando a saída dos veículos [...]

.....
Durante alguns anos a rua teve um movimento inusitado motivado pelo grande fluxo de políticos que acorriam à casa do Prefeito Acrísio Moreira da Rocha, à casa de Stênio Gomes quando Governador e também na época do General Cordeiro Neto como Prefeito.

Como poderia esquecer as quermesses [...] ³⁸

Adolescente solitário, nos fins de semana, à tarde, tomava o ônibus da empresa do Oscar Pedreira, na Barão do Rio Branco (ou ia a pé?), rumo da Praça do Liceu, no Jacarecanga. Fazer o que, não sei. Talvez turismo pra conhecer a cidade.

[...] ali morou muita gente de classe média, inclusive o vereador Dorian Sampaio [...]

Àquele tempo, a utopia comunista estava fazendo adeptos. Conta-se, a propósito, que um botador d'água por ele se deixara seduzir e, [...] fazia seu apostolado. [...] Olhando pra casa de Pedro Filomeno, dizia:

'Seu Pedro possui centenas de casas. Pra quê? Pode morar em mais de uma? Quando o comunismo vier, ele fica com a sua e distribui as outras com os necessitados. O Oscar Pedreira iria aonde com tantos ônibus? Fica com o seu e dá os outros pros seus motoristas'.

O compadre olhando, cúvido, os três jegues que retouçavam a relva escassa, perguntou, de súbito:

'E quem tem três jumentos? Distribui dois com os mais carecidos?'

O compadre teve bastante presença de espírito para liquidar, logo, a quimera distributivista do outro, dizendo-lhe:

'Compadre, nessa questão de comunismo, jumento não toma parte, não ... ³⁹.

³⁷ LIMAVERDE, Narcélio. Quem era Jacarecanga? In: JACARECANGA. Fortaleza: Fundação Cultural de Fortaleza, 1994. p. 19-21.

³⁸ GOMES, Beatriz Philomeno. Memórias de Jacarecanga: obairro que sempre teve, para mim, um encanto especial. In: JACARECANGA. Fortaleza: Fundação Cultural de Fortaleza, 1994. p. 3, 4, 5.

³⁹ COSTA, Lutosa da. O Bairro de Jacarecanga que conheci. In: JACARECANGA. Fortaleza: Fundação Cultural de Fortaleza, 1994. p.16-18.

Ao trazer estas falas, identifico aspectos significativos para compreender a importância do Bairro no desenvolvimento da cidade. Além do toque da nostalgia, natural de quem lembra de bons tempos vividos, as falas me possibilitam uma reconstituição social daquele momento: destacam a poesia e o poeta Padre Antônio Tomás, mostram o envolvimento com a literatura; a educação estava presente com o Liceu e outros colégios; a boêmia e as serenatas, agora tão longe; o movimento estudantil e o envolvimento com a política e a luta de classes; a importância e o destaque social oferecido aos que lá residiam; os sinais de desenvolvimento urbano com o bonde da *Light* e a melhor frota de ônibus da cidade; com o aparecimento do primeiro marido a se separar da mulher e sua aparição em público com a segunda mulher (chamada de “rapariga”) tem o despontar da mudança nas relações de sociabilidade e a demonstração do preconceito, muitas vezes ainda presente nos dias atuais, contra pessoas separadas; a quermesse, coisa hoje só vista em bairros muito afastados ou em cidades pequenas do Estado; o movimento político em torno de prefeitos e governadores que lá moravam; as figuras, consideradas estranhas ou meio loucas, que tanto divertiam, como faziam medo às crianças. Pode-se ver, dessa forma, um conjunto de fazeres sociais que permite traçar uma feição para a cidade de Fortaleza naquele momento.

Parece-me, no entanto, que é sempre assim que acontece: desmontam os lugares como se não houvesse pessoas. Mudar, reformar, transformar sempre é preciso, mas não se pode esquecer que existe uma relação de afeto dos habitantes com os lugares e, portanto, se faz necessário conhecer e preservar essa memória, na perspectiva de que essa memória seja um patrimônio cultural representativo da história da cidade.

Por meio deles e com eles, e além deles, podemos falar da história política, econômica, cultural e educacional da cidade de Fortaleza. A intenção é mostrar a relevância da pesquisa, na medida em que não existe uma história mais densa sobre o Jacarecanga, somente textos pequenos, mas, especialmente, a possibilidade de mostrar um patrimônio cultural, que é memória e um patrimônio cultural que, a todo o momento, se constrói e reconstrói na fala e no fazer dos habitantes do lugar.

O Jacarecanga foi um dos primeiros bairros ditos “elegantes” da cidade de Fortaleza, porque a maior preferência de localização residencial recaía sobre a zona oeste da

cidade. Isso se deu nos idos de 20, 30 e 40 do século XX. Mudaram-se para o local muitas famílias de destaque da cidade, que antes moravam nas proximidades do Passeio Público e no Benfica. Com a abertura dos loteamentos no local, a localização da Escola de Aprendizes Artífices no lugar da Escola de Aprendizes Marinheiros, a fábrica de cigarro dos Filomeno Gomes e dos Diogo e a construção das casas em torno da praça onde fica o Liceu, o Bairro passou a ser o mais elegante ou mais “chic” da cidade.

As famílias Philomeno Ferreira Gomes, Salgado, Meyer, Sampaio, Lorda, Leitão, Morais Correia, Figueredo, Proença, Silveira, Cordeiro, Moreira da Rocha trouxeram a fama de bairro nobre para o Jacarecanga, e era conhecido como o mais aristocrático. Isso se apresentava, logo à primeira vista, no estilo das casas copiadas de modelos europeus.

Além do bairro elegante e suas famílias de destaque, há registradas muitas das instituições que fazem parte da história da cidade no Jacarecanga: Corpo de Bombeiros; o Azylo de Mendicidade do Ceará, hoje Lar Torres de Melo; Escola de Aprendizes de Marinheiros; Instituto Bom Pastor; Instituto Penal Feminino Desembargadora Auri Moura Costa; Liceu do Ceará; Cemitério de São João Batista; Paróquia de São Francisco de Assis; Escola de Nutrição Agnes June Leight; Escola Juvenal Galeno; Centro Educacional Rosa Gattorno; Colégio Nossa Senhora de Lourdes; Tecnomecanica Esmaltec Ltda.; Escola de 1º Grau Marcílio Dias; Escola de 1º Grau Moura Brasil; Escola de 1º Grau Sales Campos; Centro de Estudos Supletivos Prof. Gilmar Maia de Sousa; Escola Paroquial São Francisco de Assis. No desenvolvimento do estudo, pretendo mostrar a construção de sentidos provocada por esse conjunto que por si falam dos suportes necessários de crescimento do Bairro.

Além dessas instituições aqui mencionadas, que contribuíram para o fortalecimento do Bairro, chegaram a indústria e o comércio que, aos poucos, foram fazendo que mais e mais pessoas se dirigissem para o lado oeste de Fortaleza.

O Bairro, no entanto, não é só passado, e, embora há muito tenha deixado de ser uma parte nobre da cidade, nem por isso deixa de contar no traçado das suas ruas, no desenho das suas casas, nas instituições de utilidade social e educacional, a história e a memória do lugar e das pessoas.

Hoje, casas antigas se misturam com modernos prédios de apartamentos; órgãos públicos ou privados ocupam algumas das antigas casas, outras ainda continuam com seus proprietários. São o novo e velho que, a todo o momento, se cruzam, em um movimento próprio da vida e da cidade que cresce de acordo com os interesses econômicos, políticos, culturais, mas, também, afetivos. Jacarecanga é assim, não sei se foi melhor, porque agora o Bairro não é mais privilégio de um segmento social, mas é de todos que queiram transitar na sua história. Apesar da sua proximidade com o Centro, o Bairro proporciona aos seus moradores as comodidades características da Modernidade: academias de ginástica, salões de beleza, sorveterias, *self-services*, *cyber* cafés, farmácias, padarias, lojas, postos de gasolina, faculdade, mercado, dentre tantas outras coisas. A paisagem do bairro mudou, mas as marcas e os marcos fundadores do crescimento da cidade ainda mostram os caminhos pontilhados.

4.1 O Coração do Bairro: a Praça do Liceu

Como adiantei em passagem anterior comecei esta pesquisa caminhando pelo Bairro. Naquele momento me denominei uma caminhante a observar o movimento na busca de descobrir o que fez do Jacarecanga o Bairro Jacarecanga.. Essa caminhada teve como propósito olhar, ouvir, sentir o movimento da vida do bairro, que começa muito cedo, antes da 05h00min horas da manhã, com os ônibus, bicicletas e pessoas. Andei, em diferentes dias e horas, ainda sem nenhum registro escrito e muito aleatoriamente, mas fotografando alguns espaços: estava curiosa para conhecer esse lugar.

Foi emocionante quando comecei a conhecer o universo espacial desta pesquisa. Inesperadamente fiquei sem saber mesmo o que registrar, ou registrar tudo, ou quase tudo. Optei por registrar tudo o que pudesse perceber. Descobri que, quando se detém a atenção para um lugar, um objeto, uma pessoa, uma paisagem, tudo ganha sentido, tudo tem razão de existir. Até mesmo o que parece velho e feio ganha um ar bucólico e de rapidamente fica belo. Agora, além da paixão pela pesquisa, que proponho não interfira no rigor deste estudo, me apaixonei pelo Bairro, pois encontrei sentido nas coisas mais simples.

Permiti-me, então, iniciar a narrativa concentrando-me em primeiro plano em um dos lugares mais conhecidos e movimentados do bairro: a Praça Gustavo Barroso. As praças desempenham uma função importante nas cidades, pois quer seja para embelezá-las, para o lazer ou para manifestações públicas, elas sempre são ponto de atração em qualquer cidade, não importam o tamanho nem o lugar, pois são as praças espaços por excelência para o encontro, o passeio, a brincadeira, dentre outras coisas.

Numa concepção bastante ampla, praça é qualquer espaço público urbano livre de edificações e que propicie convivência e /ou recreação para os seus usuários e, em geral, o espaço da praça está associado à idéia de prioridade para com o pedestre, não podendo haver acesso para veículos. No Brasil, a idéia de praça está sempre associada à arborização, ajardinamento e priorização para pessoas.

De acordo com cada sentido que assume a palavra praça, eles recebem classificações: praça-jardim: espaços especiais para a contemplação da formação vegetal e a circulação de pessoas; praça-seca: largos históricos ou espaços que suportam intensa circulação de pedestres; praça-azul: praças nas quais a água possui papel fundamental; praça-amarela: praias em geral.

Considera-se que os primeiros espaços urbanos projetados, intencionalmente, para desempenharem o papel que hoje é dado às praças sejam a *ágora*, na Grécia, lugar da discussão e do debate de idéias entre os cidadãos, onde se praticava a democracia direta, e o fórum, em Roma, que representava a monumentalidade do Estado, lugar onde o indivíduo estava espacialmente subordinado aos enormes prédios públicos que o configuravam, um espaço para discussão não mais em praça pública, mas em espaço fechado dos edifícios nos quais a participação era mais restrita. Esses espaços, no contexto das cidades onde se situavam, cumpriam um papel simbólico de grande importância na cultura desses povos, pois materializavam a idéia de coisa pública.

Historicamente, as praças se formaram nas cidades européias em espaços livres existentes nos planos de edifícios de construções consideradas importantes, como igrejas, catedrais e prédios públicos e são comumente chamados de adros ou largos. Pode-se ver essas

imagens nas cidades interioranas, onde as praças ficam sempre em frente à igreja, na verdade, a única igreja católica do lugar, em frente das quais acontecem as quermesses, os *shows* e os encontros ao anoitecer. Na Europa, até meados do século XVIII, o projeto de praças estava sempre ligado aos grandes palácios, normalmente não inseridos no espaço urbano. Somente no século XIX, por meio de urbanistas, como Hausmann, em Paris, e Cerda, em Barcelona, a projeção de praças passa a se constituir em si mesma, assim como a profissão de arquiteto-paisagista.

No Brasil, as praças são comumente associadas à idéia do verde e do ajardinamento urbano. É característica da praça na cidade brasileira a ocupação pela vegetação e pela arborização, e quando é fruto de maior atenção ou de algum projeto, aos seus usuários são oferecidos equipamentos recreativos e contemplativos, como *playgrounds*, recantos para estar, equipamentos para ginástica e *Cooper*, bancos e mesas com tampos para jogos. Torna-se um lugar, por excelência, para o lazer. A praça que aqui apresento tem tudo isso, e muito mais: tem a vida das pessoas.

A Praça do Liceu se localiza entre as ruas Guilherme Rocha, Oto de Alencar e avenida Filomeno Gomes. Para que pudesse registrar não só o que vi, mas a forma como vi, com as surpresas, as interrogações, as descobertas etc., resolvi guardar o que os olhos viam por meio da fala, e fui gravando aquilo que eu podia perceber com os meus sentidos.

Considerando as transformações que se sucedem nos lugares, e de acordo com a vontade daqueles que se encontram no poder, ao longo dos seus 126 anos de existência – neste ano de 2007, a Praça recebeu algumas denominações. Creio que andamos à procura de uma denominação que pudesse ter identidade com o Bairro. Senão vejamos. Antes de 1881, a praça era conhecida por “Jacarecanga”, por causa de um riacho com este nome que corria pelas redondezas. Em 22 de janeiro de 1881 recebeu a denominação de “Senador Fernandes Vieira”, por proposta do vereador suplente Joaquim Nogueira, para homenagear Miguel Fernandes Vieira – juiz de Direito, deputado, senador, jornalista, Secretário de Estado e 1º Chefe de Polícia do Ceará. Passados nove anos, a 29 de outubro de 1890, conforme Resolução do Conselho da Intendência Municipal, sob a Presidência do Major Manuel Nogueira Barros, passou a se chamar “14 de Março”, com duração de apenas seis meses, pois em 28 de abril de

1891, sob a Presidência de Joaquim d'Oliveira Catunda, o Conselho deliberou sobre a denominação anterior, "Praça Senador Fernandes Vieira".

Em 31 de dezembro de 1932, nova mudança, somente "Fernandes Vieira", quando o então Prefeito Raimundo Girão resolveu homenagear Francisco Fernandes Vieira, Barão e Visconde de Icó. O historiador Hugo Vitor, na obra "Praças de Fortaleza", diz que a proposta era homenagear um vulto de prestígio do seu tempo e que esse não seria o nome indicado, pois, em sua opinião, foi um simples coronel da Guarda Nacional, semianalfabeto e apenas um ricoço, portanto, a homenagem é ao Senador Fernandes Vieira, seu filho. Até 1960, a Praça continuou com essa denominação. Em 16 de dezembro de 1960, no entanto, na gestão do Prefeito Manuel Cordeiro Neto, recebeu a denominação que até hoje permanece: "Praça Gustavo Barroso".

Gustavo Dodt Barroso nasceu em Fortaleza em 1888 e morreu no Rio de Janeiro em 1969. Bacharelou-se em Direito e exerceu muitos cargos importantes em Fortaleza e no Rio de Janeiro, recebendo diversas condecorações no Brasil e em outros países. Mas, o destaque maior fica por conta dos mais de cem livros publicados por ele, sem contar que é o autor da letra do Hino Oficial de Fortaleza, com música de Antônio Gondim, e um dos fundadores e presidente da Academia Brasileira de Letras.

Apesar dessas mudanças, o lugar tem o nome que é uma representação social daquele bairro, é conhecido por Praça do Liceu, por se localizar em frente ao colégio do mesmo nome.

Para chegar à Praça, pode-se fazer diferentes percursos, tudo vai depender do ponto onde se estiver: pela orla marítima, na avenida Leste-Oeste, pela avenida Bezerra de Menezes, do centro pela rua Guilherme Rocha, pela rua São Paulo, pela rua Senador Alencar, pela Filomeno Gomes, pela rua Sargento Hermínio, pela rua Liberato Barroso, pela rua Francisco Sá, ou pela avenida Duque de Caxias e rua Oto de Alencar, dentre outras possibilidades. Os nomes dessas ruas e avenidas são todos de pessoas de destaque da sociedade cearense e do Brasil. Dos caminhos aqui citados, embora tenha feito uma passeios por todos eles, elegi seis para fazer um percurso mais cuidadoso. Os caminhos escolhidos

foram: rua Guilherme Rocha, rua São Paulo, rua Oto de Alencar, rua Liberato Barroso, avenida Filomeno Gomes e rua Francisco Sá.

Sempre que me dirijo ao Bairro e, especialmente, à Praça, minha chegada é pela rua Oto de Alencar, isso por que saio da avenida Antonio Sales e pego a rua Padre Valdevino até a avenida Tristão Gonçalves quando desço para a avenida Duque de Caxias. Logo na entrada para a Praça, me deparo com um dos grandes ícones do bairro e, por que não dizer, da cidade de Fortaleza, o Corpo de Bombeiros do Ceará. Prédio pintado em vermelho e amarelo, cores que simbolicamente representam o fogo, ou algum sinal de alerta, chama a atenção de todos que por ali passam, tornando-se ponto de referência. Sua história começa antes de 1934, ano de construção do seu quartel, mas só começou a existir como instituição em 1º de janeiro de 1934. Como Corpo de Bombeiros do Ceará, subordinado a Chefatura de Polícia e Segurança Pública, em 14 de agosto de 1935. Hoje, o Corpo de Bombeiros, além de exercer sua principal função, também faz um trabalho social muito importante, pois mantém uma escola e uma creche, e faz uma atividade física e dinâmica de relacionamento na quadra de esportes da Praça, destinada ao grupo da terceira idade. Essa atividade acontece às segundas, quartas e sextas feiras, às 06h30min, com música e muita animação, com os participantes, homens ou mulheres (em sua maioria) com roupas em vermelho e branco. É um trabalho de sociabilidade que merece ser imitado, na medida em que provoca a aproximação e a afetividade dos moradores e moradoras, comemorando com um café da manhã os aniversariantes do mês. Esse trabalho já foi reconhecido e veiculado pela televisão, nacionalmente.



Corpo de Bombeiros do Ceará

Ao lado dos Bombeiros, há, na cor ocre, o prédio de dois andares da Escola de Ensino Fundamental e Médio Juvenal Galeno. Começou como Escola de 1º Grau Juvenal Galeno e a pedra fundamental do seu prédio colocada em 3 de outubro de 1923, com sua inauguração no dia 11 de julho de 1924. Com 83 anos de existência, a escola atende a grande parte da comunidade local.



Escola de Ensino Fundamental e Médio Juvenal Galeno

Seguindo até o fim do quarteirão, estão algumas casas de sobrado, com um mesmo estilo arquitetônico, hoje não mais utilizadas para residência e, de acordo com informações obtidas, são de responsabilidade da Santa Casa de Misericórdia. Hoje, nessas casas funciona um escritório de advocacia, que modificou a fachada; uma loja de conserto de telefones celulares; um lugar onde se preparam as refeições servidas em um *self-service* na Praça; uma casa que está abandonada; e, na esquina com a rua Guilherme Rocha, há o bar do Fabiano, que há muitos anos é lugar onde se come e bebe até altas madrugadas.



Casa de sobrado da Rua Oto de Alencar

Ainda na Oto de Alencar com Guilherme Rocha, 1568, mas do outro lado da rua, há o Barril XXI, que foi casa de dança e palco de muito movimento no bairro. Anteriormente se chamava O Barril, restaurante e pizzaria com música ao vivo. Hoje nada mais funciona no lugar, mas ainda mantém a placa de Barril XXI.

No último quarteirão da rua Guilherme Rocha, em frente à praça, já que depois começa a avenida Francisco Sá, há uma loja de acessórios para computadores – *Star Print*; uma loja de variedades – Rosângela; uma casa grande com fachada em cerâmica, pois foi reformada, onde funciona um posto de benefícios do INSS; um casarão antigo de três andares, na tonalidade rosa pálido, que ainda mantém sua estrutura original, embora muito desgastada, onde funciona uma pensão normalmente ocupada por marinheiros; ainda fazendo parte desse prédio, há, no térreo, uma pequena lanchonete – Aki Lanches (caldo de cana, salgados e almoço), que é bastante movimentada já que fica em frente a uma parada de ônibus; um salão de beleza – Zuca; uma casa lotérica; uma locadora de vídeo – Aza Vídeo; um prédio residencial; uma loja de roupas femininas – Maria Paula; e a Farmácia 13 de Maio. Na esquina da Guilherme Rocha com a avenida Filomeno Gomes, lugar onde outrora existia a

belíssima casa de Pedro Filomeno Gomes, por isso o nome da avenida em homenagem a esse fortalezense que, além de morar no bairro e fazer todo um movimento social em torno deste, mesmo, também instalou a Fábrica de Tecidos São José e a Vila São José, com 263 casas para seus operários. Hoje há um prédio residencial no local, Edifício Pedro Filomeno, aquele ao qual me referi no começo dessa narrativa.

No lado que fica no quadrante já na Filomeno Gomes, lado oposto ao Corpo de Bombeiros há logo na esquina, um posto da Secretaria da Fazenda – SEFAZ; uma casa onde funciona a Caixa de Assistência e Pecúlio dos Bombeiros Militares; duas casas residenciais de sobrado, aonde tive a oportunidade de ver seus moradores sentados em cadeiras na calçada, costume, infelizmente, muito raro hoje em dia; um grande condomínio de dez andares – Edifício Carajás; um barzinho; uma padaria – Pão da Praça; outro condomínio com seis andares – Parque Jatahy; o Kareka's Bar, local bem informal e de encontro diário para alguns moradores do bairro, mas, especialmente, em finais de semana e nos dias em que ocorrem jogos de futebol, quando o número de freqüentadores lota todo o espaço, sendo o sexo masculino o prevalecente; terminando esse quarteirão, encontra-se o Instituto Bom Pastor; e fecho o quadrante da praça, com o Liceu do Ceará.



Núcleo da Secretaria da Fazenda do Jacarecanga



Padaria Pão da Praça



Kareca`s Bar

O prédio do Instituto Bom Pastor era um sítio que servia de escola para meninos, de propriedade de José Diogo. Por iniciativa do Arcebispo de Fortaleza, Dom Manoel da Silva Gomes e de Raimundo da Silva Frota, que compraram o local por 25 mil réis, foi criado em Fortaleza, em 22 de julho de 1925, o Asilo Bom Pastor – seu nome inicial, e as religiosas da Congregação Nossa Senhora de Caridade do Bom Pastor foram chamadas para dirigir o Asilo. As religiosas vieram do Rio de Janeiro e formaram a primeira equipe de trabalho, tendo como Diretora a Irmã Maria Nazaré Lazary e a participação das Irmãs Maria do Coração de Maria Almeida e Maria Melo Henriques⁴⁰. O Asilo tinha como objetivo “[...] reeducar as moças que tinham perdido a virgindade antes do casamento. Hoje o Bom Pastor trabalha com a menina prostituída e marginalizada, tentando resgatar o lado positivo do ser humano e conscientizá-las de sua cidadania.”⁴¹ Começou funcionando com internato, depois semi-internato, com meninas de nove aos dezesseis anos, assistidas com aula do primeiro grau

⁴⁰ Documento cópia registrado em cartório de 13 agosto de 2001, fornecido pela atual Diretora da instituição Irmã Maria Rita Ribeiro.. Informação obtida em agosto de 2004, inclusive com entrevista com a Diretora.

⁴¹ RODRIGUES, Estelita. Instituições do Jacarecanga fazem parte da história da cidade. **O Povo**, Fortaleza, 8 out. 1994. Suplemento O Povo nos Bairros: Jacarecanga: despertar para preservar. p.9.

menor, cursos profissionalizantes, orientação sobre cidadania e assistência médica, bem como assistência social às famílias.



Instituto Bom Pastor

Em conversa com a Irmã Maria Virginia (atual Coordenadora da Instituição), colhi algumas informações sobre o que é, hoje, a Fundação do Instituto Bom Pastor. Continua em regime de semi-internato destinado a meninas de rua da orla marítima, da periferia, de famílias com carências econômicas, moral e social ou famílias desestruturadas. As meninas chegam ao local por indicação do Conselho Tutelar, informação de amigas e muito dificilmente levadas pelas famílias. O envolvimento das famílias, com o trabalho do Instituto, é muito difícil, pois preferem se manter afastadas e, muitas vezes, acham bom se livrar das filhas por causa da dificuldade com alimentação. O movimento começa muito cedo com a chegada das meninas para o café da manhã, logo depois se encaminhando para o colégio – alfabetização de adultos, e na parte da tarde, há o ensino profissionalizante: bordado, corte e costura, violão, flauta, esporte – basquete, vôlei e educação física. A intenção é que essas meninas aprendam a trabalhar e possam ajudar aos pais ou até mesmo se sustentarem sozinhas. O orçamento para manter o Instituto é proveniente de um projeto da Prefeitura,

peessoas amigas, a aposentadoria das freiras, aluguel de pequenos imóveis, os professores e as professoras do Estado e os Amigos do Prato. Muitas das meninas que passam pelo Instituto, algum tempo depois, voltam para agradecer e matar a saudade, pois, para algumas, esse é considerado o melhor tempo de suas vidas. Quando termina o tempo de permanência no Instituto, algumas se casam, têm filhos, já outras voltam para a rua. A administração é internacional e fica em Roma. No Brasil, a administração é dividida por províncias, ficando o Instituto Bom Pastor de Fortaleza com a Província do Recife.

Por fim, encontra-se com o Colégio Estadual Liceu do Ceará, o prédio de maior visibilidade da Praça, que neste ano de 2007 completou 162 anos de existência. Referência por muito tempo na história da educação do Ceará, o Colégio foi criado pela Lei Imperial 304 de 15 de julho de 1844, sendo regulamentado apenas em 12 de setembro de 1845. O Liceu, durante muitos anos, não teve sede própria, funcionando em diversos prédios públicos e particulares, inclusive no prédio hoje ocupado pela Santa Casa de Misericórdia. Sem lugar para se instalar, mas com a determinação do seu primeiro diretor, Thomas Pompeu, e dos demais professores que formavam o que chamavam congregação, as aulas eram ministradas nas residências dos professores e as reuniões se davam na casa de Thomas Pompeu. Em 15 de março de 1894, foi instalado em sede própria, na Praça dos Voluntários, onde hoje funcionam unidades da Secretaria de Segurança Pública e Defesa da Cidadania. Com o crescimento do Colégio, foi construído outro prédio e, em 1937, foi transferido para o local onde hoje se encontra, na Praça Gustavo Barroso, à época Praça Fernandes Vieira, no bairro do Jacarecanga.



Colégio Liceu do Ceará

Até 1976, o Liceu ministrava aulas para o 1º e 2º grau. A partir de então, ficou só com o segundo grau e funcionando nos três turnos. Não é de admirar que a Praça Gustavo Barroso tenha ficado conhecida como a Praça do Liceu, já que é nesse local que ocorre todo o movimento dos alunos do colégio. Para qualquer cidade brasileira, naquele momento de sua criação, ter um Colégio Liceu era muito significativo, na medida em que isso representava um grande passo na educação e punha o Ceará em sintonia com os centros mais avançados do País, ou seja, entrava em sintonia com o processo civilizatório que, naquele momento, procurava uma feição para a Nação brasileira. Portanto, o Liceu teve importante contribuição na construção da cidade de Fortaleza e na formação do universo letrado da época. Dessa forma, o Liceu é um ícone da Praça, do Bairro e da Cidade, fazendo parte da memória do povo cearense e se constitui um patrimônio cultural. Não só pela beleza do seu prédio pintado na cor rosa salmão, mas por todos os intelectuais cearenses que tiveram sua formação primeira nesse estabelecimento.



Interior do Colégio Liceu tendo a cantina como destaque



Escadaria interna descendo para o pátio

Hoje a Praça é uma mistura do passado e do presente, do novo e do velho, do antigo e do moderno. Isso se mostra nas modernas edificações, em contraste com os estilos antigos, mas, especialmente, naquilo que de mais importante tem toda cidade: sua gente. Hoje não há a maioria dos seus antigos moradores, até porque muitos deles morreram, ou, por outra, há muito se mudaram para o bairro da Aldeota ou algum outro que nasceu para os lados do leste.

Diferente daquele lugar que formava um imenso campo de futebol de areia para a rapaziada do Bairro, quando da construção do Liceu, a Praça hoje tem os contornos da Modernidade. Quer seja no material utilizado na sua construção, ou na utilidade que hoje se faz da Praça, ela se tornou a referência maior para o Bairro, mas sem os cuidados necessários para sua conservação e sua beleza. Quando comecei esta pesquisa, esta Praça, apesar de manter razoável arborização, nos espaços para canteiros, não encontrei nem folhas nem flores. Com certeza, ficaria pronta para cartão postal se fosse jardinação por mãos cuidadosas. Mesmo

assim, a Praça possui seus encantos, e vista à noite, numa panorâmica, realmente é digna de cartão postal. Por isso me encantou.

Agora a Praça está mais bem cuidada, pois em 2006 foi feita uma recuperação, ajardinaram alguns canteiros com grama e plantas com flores, colocaram uma boa iluminação, recuperaram as barras de fazer exercícios, pintaram e consertaram os aramados dos dois campos; enfim, a Praça criou outros ares, dando mais prazer e segurança aos seus frequentadores.

Na sua infra-estrutura há muitos bancos (alguns são pichados); duas mesas de pingue-pongue; quatro mesas cujo tampo traz tabuleiro para jogos de pedras e quatro banquinhos ao redor de cada uma delas, tudo em cimento; duas quadras, uma de areia utilizada para jogos de futebol, e a outra em piso de cimento para basquete, vôlei e futebol de salão, onde também acontecem aulas de ginástica. As duas quadras possuem um aramado ao seu redor.





Quadra de areia



Barras e aparelho para fazer exercícios abdominais



Alunos do Colégio dos Bombeiros muito alegres por tirarem esta foto



Jovens no fim da tarde fazendo brincadeiras

No centro da Praça, ergue-se a estátua do Gustavo Barroso, de corpo inteiro, e com a estrutura em que está apoiada já muito pichada.



Estátua de Gustavo Barroso

A essa infra-estrutura física vieram se juntar muitas outras coisas. Do lado da rua Oto de Alencar, existem duas barracas, uma no canto da praça com comidas – baião de dois, lingüiça, paçoca, galinha a cabidela, vatapá; e outra com a venda de pastéis fritos na hora. Já do lado da rua Guilherme Rocha, há uma grande barraca (não sei se seria bem essa a denominação) com um *self-service* que funciona para o almoço e para o jantar. Essa barraca, com uma grande coberta colorida, de lona, existe há mais de vinte anos. Em épocas de festas recebe uma decoração condizente com os festejos: São João, Natal, Carnaval. Ainda do lado da Guilherme Rocha, existe um pequeno posto de combustível; a mulher do churrasquinho. Todos os dias, impreterivelmente, ela lá está com seu boné, de bermuda e camiseta, assando churrasquinho em um fogareiro pequeno. E não falta quem compre... Há sempre um cachorro por perto e um ponto de táxi.



Posto de combustível



Esta é a Maria Lucineide, a mulher do churrasquinho, agora já com uma churrasqueira maior



Ponto de táxi na esquina da rua Guilherme Rocha com Filomeno Gomes



Essa é a barraca que denominei de Grande Barraca, cujo dono se chama Silvestre

Do lado da avenida Filomeno Gomes, colocaram, mais recentemente, outra barraca, que começou bem menor do que é hoje e tem cobertura de lona em vermelho e branco, onde servem *pizzas*, lasanhas, espaguete e massas em geral. O dono dessa barraca fez um trabalho muito interessante: começou a fazer um jardim ao redor da sua barraca que hoje alegra o ambiente da praça.



Barraca vermelha e branca, primeira imagem à noite e segunda à tarde

Existem, também, as barracas das bebidas. A mais antiga e mais movimentada é a Carlinhos Drinks, que vende caipirinha e outros *drinks*, a preços acessíveis, e onde se ouve um som muito gostoso, com músicas de MPB, Barão Vermelho etc. e alguns *shows* em DVD, alguns bancos e, ainda, um espelhinho pendurado na frente da barraca. Essa tem freguesia certa durante toda a semana. Existem mais duas bancas de bebida, sempre com banquinhos ou até cadeiras para os consumidores, sem contar que em uma delas toca o maior regue.



Barraca dos pastéis e batata frita

Em frente ao Liceu há o carrinho da tapioca e um ponto das “topics”.



Ponto das topics em frente ao Liceu

4.2 Um Olhar na Praça em Movimento

Por esta narrativa, pude imaginar o quanto existe de materiais simbólicos nessa Praça e a representação que eles têm para a comunidade local. Para conhecer aquilo que é a alma da Praça procurei observar o seu movimento em diferentes horários. Comecei pelo amanhecer, quando, por volta das quatro e trinta para as cinco horas da manhã, começa o movimento. São ônibus, bicicletas e algumas pessoas que começam a voltar do trabalho e outras que vão para o trabalho. Acompanhando esse ainda tênue movimento ouvi uma sinfonia de pardais, que formam grande coral nas copas das árvores da Praça. É tudo ainda muito calmo, mas, aos poucos, tudo começa a acordar. Os primeiros, até por que lá dormiram, são alguns mendigos que utilizam alguns bancos da Praça para passar a noite, portanto, ali amanhecem. Chegam os táxis e os moto-taxista. O carrinho da tapioca chega para atender aos inúmeros clientes que todos os dias tomam seu café pingado com tapioca, o que muitas vezes

fazemos, eu e meu namorado-marido, logo depois de um *Cooper*. É ponto de encontro para alguns. Por volta das dez horas da manhã, ele se vai.

A Praça começa a criar vida. São pessoas fazendo caminhadas; o grupo da terceira idade em seus exercícios na quadra de cimento, comandados por professor do Corpo de Bombeiros; crianças que passam acompanhadas das mães para irem para os colégios; mulheres e homens que passam apressados para não perder a hora no trabalho; são os estudantes da Escola de Ensino Fundamental e Médio Juvenal Galeno, que se aproximam em uniformes branco e azul-marinho; são os estudantes do Liceu que começam a chegar, devagar, sozinhos, depois em grupos que, aos poucos, colorem a praça com o branco e o azul dos seus uniformes, e sentam nos bancos e nas mesas para papear, enquanto dá o tempo de entrar para a aula; há também o vermelho dos bombeiros, que, já tendo chegado com o uniforme da turma da quadra, agora chega também com os estudantes da Escola dos Bombeiros e os próprios bombeiros. E, quanto mais o tempo corre, mais e mais aumenta o número de pessoas e o movimento da praça; as “topics” já se encontram nos pontos à espera dos passageiros; a Farmácia 13 de Maio abre as portas, é um dos primeiros pontos comerciais que começa a funcionar, além do bar do Fabiano, que também abre muito cedo. E vem o trânsito cada vez mais intenso, permanecendo durante todo o restante do dia até a noite.

Aos poucos, vê-se diminuir o fluxo de pessoas na Praça, mas o movimento ainda é intenso de carros, ônibus, bicicletas e motos. E chega o meio dia, quando acontece outra agitação na Praça. Alguns almoçam na Praça, na Grande Barraca ou na Vermelha e Branca, e os que retornam para almoçar em suas casas, e outras, ainda, que chegam para o turno da tarde nas escolas.

No meio da tarde, o tráfego continua, mas menos pessoas na Praça. O homem da tapioca volta às quatro horas, quando já encontra os apreciadores da guloseima a esperar. Ao fim da tarde, o movimento se intensifica e a alegria de voltar aparece nos rostos de quantos passam por ali, aliviados por mais um dia de trabalho vencido. E tudo se colore outra vez, outros coopistas aparecem; nas quadras agora se vêem crianças, jovens e adultos a praticar esporte. Chegam os alunos do turno da noite do Liceu. Outros chegam para tomar cerveja ou jantar na Grande Barraca. Aparece o cheiro do churrasquinho, do pastel e da batatinha frita. E

no Carlinhos Drinks começam a chegar os apreciadores de uma birita, da música e de uma conversa fiada, alguns com cadeira cativa no lugar.

Os namorados começam a chegar e passear na Praça, e com eles os abraços, os sorrisos, e os beijos... e tudo o mais ... Os rapazes e as moças “solteiros” também vão chegando, sempre em dupla ou em grupos, e tudo em clima de paquera. Muitos dos rapazes são marinheiros, pois, além da Escola de Aprendizes de Marinheiros ficar muito perto da Praça, a pensão em frente é o lugar preferido por eles para se hospedarem. Sente-se, então, um cheiro de perfume no ar. São cheiros de sabonetes, cremes de cabelo, colônias, tão característicos daquelas pessoas, que se os sentir em outros lugares e em outras pessoas com certeza reconheceria o seu cheiro. Com o passar das horas, o movimento diminui, e a Praça anuncia que a cidade começa a adormecer, para começar tudo de novo ao amanhecer. Os mendigos, muitas vezes, permanecem e fazem da Praça sua casa.

Chega o final da semana. É sábado e na Praça o movimento é muito pouco, logo pela manhã, já não há mais os alunos, apenas aqueles que precisam ir para o trabalho. A Grande Barraca e a Vermelha e Branca do outro lado da Praça funcionam para o almoço, mas é só. Diferentemente dos outros dias da semana, o sábado à noite é mais calmo, às 18h00min não há quase movimento; algumas pessoas chegam para o *Cooper*, mas toda a infraestrutura para os frequentadores da Praça já se encontra preparada: a Grande Barraca, as outras duas barracas menores, uma na Filomeno Gomes e a outra em frente dos Bombeiros, já estão arrumadas; o rapaz do pastel e da batatinha, agora com seu negócio ampliado, já está a postos; a mulher do churrasquinho, a Maria Lucineide, agora com uma churrasqueira maior, de chaminé, e mais um suporte para trazer seu material também, já começou a fazer fumaça; a barraca dos *drinks* já se encontra arrumada, os bancos, a televisão e com muita música; apareceu outra barraca de *drinks* no centro da Praça, bem mais modesta do que a outra. A quadra de futebol-de-salão está repleta, são jogadores e plateia para assistir ao jogo; o campo de areia também tem movimento. Começam a chegar as bicicletas, os carrinhos com bebês, o rapaz que vende balões e brinquedos luminosos em sua vara encostada nos ombros; outro que vende brincos coloridos em um grande painel. Agora são 20h00min e a Praça está muito movimentada. Há cheiro de comida, algumas pessoas levam o lanche para comer em casa, mas a maioria senta nas cadeiras para desfrutar do lugar. Em todo canto se vê um vai e vem

de pessoas, os que chegam, os que saem, fazendo a alegria do lugar. Há vida pulsando em todo lugar e a cada olhar.

Agora, com a Praça reformada pela Prefeitura, bem iluminada, alguns canteiros foram feitos, os contornos dos canteiros pintados de branco, os aramados das quadras consertados e pintados, uma melhor limpeza, a Praça ganhou nova vida. Posso ver famílias inteiras chegarem em seus carros e descerem para sentar na Praça para jantar ou lanchar; mais casais de namorados procuram a Praça para se encontrarem; são crianças de colo que chegam com suas mães, pais ou avós, ou em carrinhos; crianças que correm e aproveitam os brinquedos que agora enfeitam o centro da Praça; jovens e adultos, que passeiam desfrutando de uma praça que agora parece ser nova, uma praça que é toda alegria. Nas proximidades da Praça também há muito movimento, na padaria, na pizzaria, no bar da cerveja e do churrasquinho, são conversas de todo lado, risos, muita música, afinal, hoje é sábado e, como diz a música de Vinicius de Moraes, os bares estão cheios de homens e mulheres vazios ... por que hoje é sábado. E a animação continua pelo menos até as dez horas da noite quando começa a diminuir o movimento até o completo adormecer da Praça. Ficam apenas aqueles que gostam de beber e conversar mais um pouco.

No domingo, a Praça é só calma, não se vê quase ninguém. Dizem que é porque é perigoso, mas talvez também porque estejam se preparando para o movimento da semana que vem com a segunda-feira. Assim mesmo, aparecem alguns coopistas, poucas bicicletas, uma ou outra pessoa sentada em algum banco. Às vezes, há treino de futebol de salão de um grupo de garotos com um treinador. Quando chega a noite, por volta das 18 horas começa o movimento da Praça. A Grande Barraca não funciona nesse dia, mas todas as outras se aprontam para receber seus clientes. E a Praça toda se alegra, são crianças de várias idades, jovens e adultos, famílias inteiras que chegam para jantar e passear, mas não vai até muito tarde, pois o outro dia é segunda-feira, dia de trabalho e estudo. E a Praça adormece junto com seus moradores.

Até aqui estou no universo do imaginário e não conheço, além do que vi, ouvi e senti os valores culturais que existem nas pessoas e no seu fazer cotidiano. Qual a relação de pertença ou afeto dessas pessoas com esse lugar?

Acredito que se resolvesse fazer esta pesquisa somente sobre essa Praça, teria, no dito popular, “pano pras mangas”, já que o local abraça alguns símbolos culturais da cidade, bem como uma diversidade de pessoas, com educação, nível social e estilos de vida diferentes, mas também com semelhanças. Uma delas é a Praça. Se esse não é o caso, porém, vou tomá-la como núcleo da pesquisa, pois acredito que este bairro se mostra por esta e com esta Praça.

5

CAMINHOS E CONVERSAS

Certamente, os processos do caminhar podem reportar-se em mapas urbanos de maneira a transcrever-lhes os traços (aqui densos, ali mais leves) e as trajetórias (passando por aqui e não por lá). Mas essas curvas em cheios ou em vazios remetem somente, com palavras, à ausência daquilo que passou. Os destaques de percursos perdem o que foi: o próprio ato de passar a operação de ir, vagar ou “olhar as vitrines” [...]

Michel de Certeau

É um domingo do mês de março de 2004, dia 14, às 10h35min. Há mais ou menos um ano havia começado o doutorado. Foi a primeira vez que sai para observar o *locus* da pesquisa. Zito, meu namorado-marido, havia saído com seus dois filhos para passear de bicicleta e eu preferi ficar em casa, pois pretendia sair a caminhar por algumas ruas do Bairro. Não havia planejado nada, apenas tinha vontade de começar a conhecer o Bairro. Vesti bermuda e uma camiseta, calcei tênis, pois são mais confortáveis para andar, e, ainda sem medo de assalto, peguei a máquina fotográfica digital para fazer alguns registros.

Comecei descendo pela avenida Filomeno Gomes a me inteirar daquilo que ouvia as pessoas falarem sobre o Bairro elegante do século XIX em sua primeira metade. Fui até a Escola de Aprendizes da Marinha. Poucas pessoas na rua, poucos carros passando, também. Fui olhando as casas, algumas conservadas com jardins bem verdes, outras, embora antigas, já com as marcas dos tempos modernos e do perigo, os muros altos sem visibilidade interior. Já outras, abandonadas por seus donos e com visível deterioração, estão a invocar a imaginação de quem passa para a sua existência. Fiquei a imaginar como deviam ser belas aquelas casas e por que seus donos não lhes davam os cuidados merecidos.

Do lado direito de quem desce para a praia, existem algumas residências, umas maiores outras menores, um prédio de apartamentos, e o grande muro dos fundos do Cemitério São João Batista. Do alto já o havia observado. Nunca fui muito afeita a cemitérios, embora já houvesse feito nas segundas-feiras algumas novenas para as almas com a minha mãe. Ainda que continue não gostando desse lugar, passei a olhar para este de forma diferente. Penso que é porque me dei conta de que ele traz muitas histórias, de vida e de morte. Neste dia, não entrei e, pensando bem, nem sei se preciso entrar, passei apenas pelos fundos, mas não posso deixar de falar um pouco sobre esse lugar, dentre muitos outros, à

época, que contribuíram para dar aspectos de civilidade para o universo da cidade de Fortaleza, além do fato de que considero esse cemitério uma grande fonte de informação sobre a história do Ceará.

O Cemitério São João Batista, fundado em 1866, encontra-se no Jacarecanga na rua Padre Mororó como entrada principal, ao fundo tem a avenida Filomeno Gomes, com um pequeno portão, e fica entre as ruas Tijubana e Aprendizes Marinheiros (Navegantes). Esse cemitério, ocupando uma área de 120.000 m, abriga cerca de 16.000 jazigos, com média de 150 sepultamentos por mês, e encontra-se aberto para visitação pública das 07h00min às 17h00min. São túmulos de pessoas que fazem parte da formação cultural, política, educacional e da construção da história da cidade de Fortaleza.

Diferente dos cemitérios modernos, onde tudo é muito igual, tudo é na altura do chão, o Cemitério São João Batista possui arquitetura mais trabalhada. Seus túmulos são geometricamente ordenados com sepulturas divididas em estilo mais popular e simples e sepulturas mais luxuosas e imponentes. Como diz Claudete, “uma cidade em miniatura, com suas ruas e divisões de classes sociais.”, que o atual administrador, o Senhor Elmo Castelo Benevides, pensa em transformar em mais um ponto turístico de Fortaleza, na medida em que grande parte da história de Fortaleza e do Ceará lá está adormecida, em túmulos que vão do mais simples adorno sepulcral a mármore e granito, numa demonstração do *status* social, do prestígio, da riqueza e do poder da pessoa ou da família que ali guarda seus mortos. Existem túmulos onde seus visitantes podem entrar e sentar para rezar por seus mortos, pois a arquitetura ali foi feita para mostrar, mediante representação simbólica, a importância daquelas pessoas para a sociedade. São verdadeiros monumentos, e, nessa perspectiva, o morto ou a morta ainda continua um ser social, e isso pode se verificar nas inúmeras manifestações e homenagens póstumas utilizadas para mostrar que, mesmo morta, a pessoa continua a influenciar cabeças e corações. O cemitério torna-se, portanto, um lugar de celebração e um elo entre vivos e mortos. Tem-se, portanto, mais um ícone da cidade que se localiza no Jacarecanga e que, com certeza, de lá não sairá.

É uma viagem ao passado da história da cidade de Fortaleza e do Ceará. No Cemitério São João Batista, estão personalidades como Barão de Studart, Senador Virgílio

Távora, Barão de Aracati, Barão de Aratanha, Moreira Campos, Martins Filho, Senador Pompeu, dentre muitos outros, e alguns deles foram moradores do bairro do Jacarecanga.



Frente do Cemitério São João Batista, pela rua Padre Mororó



Fundos do Cemitério São João Batista, na avenida Filomeno Gomes

Continuando esse caminho, do lado esquerdo, existem algumas casas residenciais, uma loja de móveis de cozinha, o arquivo da Prefeitura de Fortaleza, uma empresa de ônibus, a Editora Saraiva e a antiga Fábrica de Redes São José. Continuei a caminhar, atravessei os trilhos, porque ainda passa trem por estas bandas do Jacarecanga. Ouvi o apito, parei e esperei o trem passar. Eu gosto de trem, do barulho, do apito, da minha lembrança de adolescente quando viajava para o Crato.

Logo após os trilhos, à direita, encontrei uma igreja que me disseram ser a Igreja dos Navegantes, pequena e pintada de branco com frisos azuis. Igreja, trilhos e trem compõem um cenário interessante nesta paisagem que avista o mar. Conversei com o Padre Mirton Lavor, de 79 anos, nascido no Município de Iguatu e morador do Jacarecanga há 47 anos. Disse o Padre Mirton que “[...] a família veio da França deportada para a Guiana Francesa, para a Ilha do Diabo, e iam ser guilhotinados, mas fugiram [...] uma parte foi para o Maranhão num bloco de cigano, os outros foram para Pernambuco e vieram para cá em um

grupo de cangaceiros e se reuniram em Icó, Orós e Iguatú. Eu me ordenei com 23 anos quando o arcebispo era Dom Lustosa e fui trabalhar na cadeia pública como capelão dos presos, ali onde é atualmente a Encetur.”

O Padre Mirton é vigário da Paróquia de São Francisco de Assis, em substituição ao Pe. Hélio Campos. A matriz está em construção há 50 anos. e onde, todas as quintas-feiras, se reza uma missa na Capela de Santa Edwiges, lá mesmo na estrutura inacabada. É dessa paróquia que faz parte a Igreja dos Navegantes e onde funciona a matriz provisória da Igreja de São Francisco. A Igreja dos Navegantes é de 1914, tem quase 100 anos. Atualmente o Padre Mirton é auxiliado por dois padres cooperadores, o Pe. José Haroldo Bezerra Coelho e o Pe. Francisco Bezerra. Disse o Pe. Mirton que, dentro dos limites da paróquia, estão: “[...] o trem, a Marinha, Cemitério São João Batista, Liceu, Corpo de Bombeiros, Colégio Nossa Senhora de Lourdes, Lar Torres de Melo, Bom Pastor e estão ligadas à paróquia as família Filomeno Gomes, Acrísio Moreira da Rocha (prefeito), Cordeiro Neto (chefe de polícia) mais conhecido como homem da lata, Virgílio Távora, Paulo Cabral, Brasil Pinheiro, Torres de Melo [...] Esse bairro é muito importante para a cidade de Fortaleza por que é histórico e muitas famílias tradicionais moraram aqui [...] Agora o que considero de maior valor aqui é o mar, o cemitério, o Liceu, a Marinha, os Bombeiros e a Igreja dos Navegantes.”

Em seguida, e à esquerda, a Escola de Aprendizes de Marinheiros, lugar que não passa despercebido por quem passa, pela simplicidade e beleza do local. Muros brancos com letras azuis, não sei se para combinar com a Igreja ou se a Igreja para combinar com a Marinha. Do lado oposto da Marinha há uma estrutura do que seria a Igreja de São Francisco, que até hoje não foi concluída. Creio que seria um belo lugar.



Escola de Aprendizes – Marinheiros do Ceará



Igreja dos Navegantes

Voltei desse ponto pelo mesmo percurso até a avenida Francisco Sá e entrei à direita. Caminhei um bom pedaço olhando as casas, os prédios e o movimento da rua. Voltei, o sol estava muito quente, como é de costume na cidade. Cheguei à Praça do Liceu; não havia praticamente ninguém. Protegi-me um pouco do sol embaixo das árvores. Fui até a frente do Colégio, bonito prédio, subi suas escadarias para olhar a paisagem. Por essas alturas a minha cabeça, além da quentura do sol, já tinha informações visuais em demasia para a primeira caminhada. Voltei para casa, estava satisfeita para começar e por começar a observar um dos lócus do estudo. Mas, confesso, sem certeza do caminho a trilhar.

Em meio ao que me chamou mais a atenção, também havia pequenas residências, mercearias, bares, padaria, e pessoas, algumas varrendo a calçada, outras sentadas em suas

cadeiras na calçada ou apoiadas nas janelas da casa, algumas a ouvir música, outras só na contemplação do lugar, e tantas outras que só passavam pelo local para ir à praia. Depois desse dia passei algum tempo para voltar a caminhar, fiquei a maturar as idéias, mas continuei com a visão aguçada, observando tudo o que eu podia alcançar quando do meu movimento de ir e vir para casa, a qualquer hora que fosse, de dia ou de noite, contando com a madrugada.

Quero ressaltar que as falas que eu trouxe para este texto não são todas as que ouvi, mas, aquelas que me trouxeram mais informações sobre o lugar, quer seja por apreciar muito o lugar, independentemente de qualquer mudança, boa ou ruim, quer seja pela tristeza das transformações experimentadas, as outras pessoas com quem conversei estão contempladas por estas que apresento. Algumas pessoas foram escolhidas por serem moradoras antigas do bairro ou terem morado por muito tempo por lá, e, também, pelo fato de conhecerem melhor a história da cidade de Fortaleza. As demais não foram pensadas de antemão e os encontros se deram pelo fato de estarem trabalhando, passeando ou mesmo passando pelo bairro. A intenção é trazer uma amostragem do *locus* da pesquisa na medida em que não podia abraçar todo o universo do Bairro.

Dia 12 de julho de 2004, outro domingo. Começo a observar o movimento do lugar logo ao amanhecer, por volta das 04h30min para as 05h00min da manhã. Primeiro apenas pelo som que vinha da rua, depois do janelão do apartamento que, como já disse, tem vista para o mar e para o sertão. Quase silêncio, não fossem os pássaros, alguns poucos ônibus, um ou outro carro, algumas pessoas que voltavam do trabalho de vigília, outras de uma boa noite e algumas, quem sabe, já saíam para o lazer dominical. O resto era tudo calma. Penso que o Bairro ainda dormia. Desço por volta das 10h00min, desta vez somente para a Praça do Liceu. Embora com um pouco mais de movimento de carros e ônibus, na Praça não havia um pé de gente. Pensei que aos domingos as praças ficassem cheias de gente e com muitas crianças brincando, mas não é assim, pelo menos nesta.

Dirigi-me para o lado da Praça que fica de frente para o Liceu. Nem de longe parecia com o movimento semanal. Passado algum tempo, fui para o interior da Praça, onde está o busto de Gustavo Barroso, nome que oficialmente foi dado à Praça. Lá encontrei três jovens, duas moças e um rapaz, que me pareceram estar de volta de uma boa farra, pois, ao

lado deles, repousavam uma garrafa de cachaça vazia e outra pela metade. Não hesitei e parei para conversar com eles. Perguntei se eles sabiam o nome da Praça, já esperando que não soubessem responder. Qual não foi a minha surpresa quando o rapaz respondeu de pronto: “Praça Gustavo Barroso”. A surpresa se deu porque é de costume as pessoas não saberem nem o nome das ruas quanto mais das praças. Continuamos a conversar e perguntei-lhes se moravam no Bairro, ao que eles responderam que não. As moças disseram que moravam no José Walter e o rapaz no Álvaro Weine, relativamente longe do Jacarecanga. Fiquei curiosa para saber porque vieram para esses lados, ao que eles responderam: “Achamos esta Praça muito legal, aqui é calmo, a gente fica a vontade, ninguém vem atrapalhar.” Pelo visto, ninguém podia vir a atrapalhar, não havia pessoa alguma na Praça, só eles. Intrigados com as perguntas, eles quiseram saber por que eu estava interessada em saber aquelas coisas. Expliquei, então, que era professora da UFC e sobre a pesquisa que estava realizando no doutorado para apresentar um trabalho na universidade. Ficaram satisfeitos, nos despedimos e daquele ponto voltei para casa.

Desde então, meus sentidos se voltaram todos para observar o Bairro, e, por onde passava, dirigia o meu olhar curioso, visão de pesquisadora, eu acho, que quer ver além daquilo que se apresenta, quer ver aquilo que não se pode enxergar com os olhos, exigindo, portanto, muito mais agudeza dos nossos sentidos. Nesse momento começo, também, a refletir sobre os sentimentos que produzem a ideia de pertencer ou não a um bairro. O que significa a idéia de morar ou ter morado no Bairro do Jacarecanga? Acredito que, até o término deste trabalho, consiga encontrar as razões dos seus moradores.

Agosto de 2004, dia 30, segunda-feira – desço por volta das sete horas para fazer um *Cooper*. Ao terminar como tapioca com café pingado. Depois, sento em um banco no meio da Praça para fazer o relato etnográfico do lugar. Minha atenção neste momento é verificar tudo o que há em torno da Praça. Pensei inclusive em desenhar, mas, com o recurso da digital, me inibi para tal intento, pois a foto com certeza retrata melhor o lugar. Voltei para casa ao meio dia. Desci novamente às 16h00min. Logo que cheguei, fui para o meu banco de observação, lugar que me possibilitava boa visibilidade de toda a paisagem ao redor da Praça. Foi muito interessante, porque consegui identificar tudo aquilo que já havia visto por muitas

vezes com visão comum. Agora estava lançando um olhar estranho e as coisas se apresentavam de forma diferente e com significado diferente.

Logo fui interpelada por um quase-morador da Praça, um mendigo, que se dirigiu a mim, muito educadamente, dizendo entender que eu estava fazendo “algum estudo importante”, mas gostaria de saber se eu podia ajudá-lo depois que terminasse. Fiquei encantada com a delicadeza e a maneira discreta com que se dirigiu a mim, portanto, ao terminar minhas anotações, não pude deixar de perguntar o que ele queria. Como já supunha, queria alguma coisa para comer, o que atendi com prazer triste. Às 06h30min voltei para casa outra vez.

Entrei o mês de setembro caminhando pelo Bairro, a fim de conhecer outras ruas, outras praças e os diferentes espaços do lugar. Pude pontuar algumas outras coisas que formam a infraestrutura do Bairro. Penso que os bairros mais antigos da cidade de Fortaleza só serão conservados por meio de textos, de material iconográfico, de alguma música, talvez, ou, quem sabe, na poesia e na cabeça de uns poucos nostálgicos. O certo é que ainda é possível que se faça a história dos lugares, por intermédio das pessoas, da arquitetura e da relação com os demais acontecimentos de cada época, como o que estou eu a tentar fazer neste estudo. Parece-me que as pessoas ficam muito tempo sem pensar e sem pressa em cuidar da sua história.

São 14h08min de um sábado setembrino bastante ensolarado. Saio mais uma vez para caminhar pelo Bairro. Desta feita, dirijo-me para a avenida Francisco Sá e entro à direita. O prédio de onde saí fica na Filomeno Gomes com Francisco Sá, bem na esquina e, pela Francisco Sá, na parte térrea do prédio, existem algumas lojas, uma de produtos para animais, uma lanchonete / pizarria e um ponto de frango assado com baião. Do outro lado da rua, esquina da Praça do Liceu, fica a SEFAZ, e logo em seguida uma vila do Pedro Filomeno com umas casas de dois andares que eu acho lindas, a maioria ainda como residências e na que fica na frente da rua funciona um salão de beleza, o Paizinha: Studio de Beleza. Em seguida, tem o palacete, é como costumam chamar a casa do Tomás Pompeu, e, depois do palacete, outra vila do Pedro Filomeno, com casas também de dois andares, mas com arquitetura diferente da primeira, mas também muito bonitas. Em seguida um condomínio, o

Palácio Jardim, uma instituição - a FUNASA - e em frente, a CNEC – Campanha Nacional de Escolas de Comunidade. Logo a seguir, à esquerda, me deparo com uma surpresa, a ua Oscar Pedreira. Não pude deixar de conhecer, já que se refere ao dono da empresa de ônibus Pedreira. Logo na esquina, há uma casa cor de rosa e a vizinha, uma linda casa azul, as duas antigas. Continuei observando e encontrei o Colégio Olinto Studart, também funcionando em uma casa antiga, e, como a rua é sem saída, ao final há um condomínio de apartamentos. Uma rua gostosa, arborizada, aconchegante.

Continuo a caminhar e vejo muitas casas, pequenas, algumas antigas e estragadas, outras arrançadas; passo pelo canal, está muito sujo, e logo vejo o Colégio Militar dos Bombeiros, um ótimo colégio, e, em frente, a Missão Evangélica Pentecostal do Brasil, e chego aos trilhos, que é o limite do bairro do Jacarecanga para aqueles lados. Ando mais um pouco e, para voltar, venho pela avenida Sargento Hermínio. Atravesso os trilhos novamente, e agora já passando pelo famoso Morro do Ouro, que de morro não tem nada, nem de ouro também, só muita pobreza e sujeira, mas, acredito, com muita gente boa. À esquerda há uma empresa, a Aço Bom Preço, o Mercadinho Ibiapino, e um grande condomínio em construção, o Boulevard Jacarecanga, do lado direito a Escola de Ensino Fundamental Eduardo Campos. Continuando sem muitas construções, apenas grandes muros, um dos quais foi do presídio de mulheres, chego ao Liceu do Ceará passo pela Praça e me dirijo para casa. Amanhã retornarei, desta vez de carro, para tirar fotos, e depois andar por outros caminhos, na tentativa de desenhar com as palavras o meu *locus* de pesquisa.

Quinta-feira, dia 20 de setembro de 2004, 09h00min, é a primeira vez que saio para conversar com um morador do bairro, e fui à residência de Dona Leda Cordeiro, na avenida Filomeno Gomes, 793. Não a encontrei, mas conversei com a sua irmã, Clara Maria, que me recebeu muito animada para falar sobre o bairro do Jacarecanga.

Falar sobre o Jacarecanga para mim é muito fácil porque eu adoro o meu bairro, eu não troco por Aldeota nenhuma da vida. E pra seu governo Jacarecanga já foi a Aldeota de Fortaleza, pro que morava os barões aqui, os ricos, e hoje não dá nem pra lembrar por que as coisas lindas que eles tinham já foram derrubadas para construir apartamento, onde você mora era uma casa linda do Pedro Filomeno, tinha a casa do Pedro Sampaio aqui na

esquina que também era muito bonita; ali na pracinha do Liceu tinha casas lindas que foram derrubadas para fazer apartamentos e outras e outras mais de famílias antigas e ricas. Eu digo sempre que não saio do Jacarecanga nem morta por que eu tenho um túmulo ali no São João Batista, e nem que eu tirasse milhões na loteria [...] eu adoro o meu bairro [...] eu tenho 56 anos morando aqui no Jacarecanga. Dos meus 4 a 7 anos ainda passava o bonde, e nessa época eu morava com meu tio Cordeiro Neto, foi prefeito, secretário de polícia, e era conhecido como o homem da lata, por que ele colocava até os vizinhos para carregar lata das construções que ele fazia. [...] Era tudo muito calmo quando eu casei, levava meus filhos para brincar na pracinha do Liceu, a Praça Gustavo Barroso, mas ninguém sabe nem o nome, apesar de ter um busto dele no centro da praça [...]

Eu gostaria muito de ver a pracinha transformada, é a coisa principal que eu gostaria que fosse feito, embora já tenham feito várias reformas no dia em que acaba o trabalho o pessoal acaba com as luzes que é pra ficar escuro, vira motel, fumam etc. [...] Mas mesmo assim eu gosto do meu bairro, e tenho muita saudade é dessas casas lindas que foram derrubadas só por interesse financeiro [...] mas ainda resta aqui mesmo na minha rua a casa belíssima do Brasil Pinheiro [...] mas no geral é um bairro calmo, apesar de a gente ter que usar portões altos e fechados com cadeado, quando antigamente era murinho baixo, portãozinho de madeira, e era uma tranqüilidade. [...]

Fale-me sobre o Bom Pastor. É uma instituição maravilhosa, quando nós chegamos aqui, até minha tia que era casada com médico dava muita assistência ao Bom Pastor. Elas recebiam crianças abandonadas e mocinhas que se perdiam, quer dizer perdidas entre aspas, a gente costuma falar assim [...] mas agora com as dificuldades não tem mais vocações, a maioria das freiras estão velhinhas e o trabalho não é mais o mesmo, pra você ver como as coisas mudam.

O Bom Pastor aqui de Fortaleza foi utilizado na época da ditadura como prisão para as mulheres? Por que o de Recife foi? Não foi não, pra esse tipo de coisa não. O que eu sei é que uma parte do prédio do Bom Pastor era alugado para o presídio de mulheres, mas hoje fizeram um novo, o Olavo Oliveira, se não me engano, mas o Bom Pastor não tinha nada a ver com o presídio, a não ser o aluguel. E sobre as escolas do Bairro o que a senhora pode me falar? Bem, tem o Juvenal Galeno, que é uma escola do Estado e onde eu trabalhei por

trinta anos lá, tem o célebre Liceu do Ceará, o Rosa Gatorno que não tão antigo não, era primeiro um internato pequeno, o Internato São José, depois foi que passou para o Rosa Gatorno, e meus filhos até estudaram lá a partir da 4ª. série. Tem também o Nossa Senhora de Lourdes que agora tem uma parte que é faculdade, por que agora em cada esquina tem uma faculdade.

[...]

O que a Senhora lembra do bairro, como era a Praça do Liceu, o que acontecia de festas, de movimentos culturais? Tinha clube aqui por perto? Clube não tinha não, quando eu ainda estudava ali no Nossa Senhora de Lourdes, ainda muito nova, tinha um clube pequenininho. O Pangará, que logo fechou por que era muito pequeno, outro eu não conheço. Mas faz falta aqui. Faz falta também um supermercado aqui no centro do bairro, por que nós temos o Jumbo e o Bompreço, mas não é aqui. [...] Mas o que mais falta é melhorar essa pracinha, ela é o centro desse bairro aqui, que já foi uma maravilha, agradável, tranqüilo, levávamos banquinhos, ficava andando de bicicleta, brincando ...

Outra coisa, nós temos aqui uma praia linda e maravilhosa interditada da gente freqüentar, o povo chama a praia suja, mas não é praia suja não. É pro que ali tem o terminal de esgoto da cidade, mas vai levar para longe, então essa nossa praia é uma das mais limpas, por que o que joga para longe vai pra outras praias, e a nossa sempre fica limpa, viu? Mas é muito freqüentada, e tem a questão da segurança também, aí a gente não tem coragem de freqüentar, mas que é uma praia linda, deliciosa isso é.

Uma coisa importante também que tem aqui no Jacarecanga é o Mercado São Sebastião, a gente é muito bem servida pelo mercado, por que lá tem tudo. E bloco de carnaval, tem algum? Tem um bloco aqui que é o Ricardo, mas todo mundo chama de Ricardão, ali na Agapito do Santos, ele reúne o pessoal e faz festa de São João, faz carnaval, fecha a rua e faz, mas não é coisa assim que envolva muita gente não.

[...]

Outra coisa que tinha ai na Leste-Oeste era o Arraial Moura Brasil, e foi desapropriado pra construir a Leste-Oeste, na época foi o maior horror, foi um absurdo, por que tiraram o pessoal daí e jogaram lá no Conjunto Palmeiras. Hoje o Conjunto Palmeiras ta

é bem, por que tem até dinheiro próprio, o PALMAS. Mas isso foi um progresso pra nós, por que a Leste-Oeste facilita muito o escoamento aqui do Jacarecanga. [...]

O que a senhora ainda quer dizer, das suas lembranças? *Eu só tenho pensamentos bons aqui do Jacarecanga, eu amo isso aqui. Todas as minhas lembranças são desse bairro, e são boas, eu adoro o meu bairro, adoro, não saio daqui nem amarrada, não saio nem morta por que vou pro São João Batista.*

Está difícil deparar com pessoas assim tão apegadas ao seu lugar de morada, mas ainda se vê, assim como a Clara Maria, que não vai sair do Bairro nem quando morrer, já que vai se enterrar no cemitério mais antigo da cidade. Ao mesmo tempo em que me surpreendo com essa afetividade, fico surpresa também por observar que as pessoas só guardam na memória aquilo que lhes interessa, aquilo que de mais perto mexe com as suas vidas e com os seus corações.

Ainda estou em setembro de 2004, são 14h00min do dia 20, e me dirijo ao Instituto Bom Pastor, uma instituição antiga aqui no Bairro, que trabalha com educação. O Bom Pastor não fica bem na rua, pois existe uma entrada grande, toda asfaltada, do lado direito há um muro alto de um condomínio, e, do outro, um campo de futebol muito bem cuidado que pode ser alugado para aulas ou campeonatos de futebol. Em seguida, um prédio de apartamentos, é interessante essa configuração. Desde que entrei nesse caminho logo vi a igreja do Bom Pastor, bem ao centro. Em lá chegando, é como se fosse um grande pátio: do lado esquerdo há uma creche-escola e, do outro, a casa onde funcionam a administração, as atividades desenvolvidas pelas freiras e o lugar onde moram.



Igreja do Bom Pastor

Apertei a campainha e fui atendida por uma freira que me fez entrar e sentar numa salinha de esperar, enquanto chamava a freira com quem conversaria. Conversamos naquele mesmo lugar, em meio ao movimento de quem chegava e saía, do toque do telefone e do sino da igreja chamando para a oração da tarde. Foi uma conversa difícil de gravar, por causa do barulho e da voz da freira, que era muito baixa, além do receio que tinha ela de falar qualquer coisa, mas, assim mesmo, registrei a conversa. Trago alguns trechos dessa conversa que tive com a Irmã Maria Virginia.

O Bom Pastor é da primeira metade do século XX, de 1925. Agora esta fazendo sete anos que eu estou aqui, mas já estive aqui no passado, há quatorze anos, vim para cá em 1986. Quando a senhora veio para cá o Bom Pastor funcionava como? Como está hoje, né, como semi-internato, antigamente era internato, mas foi se modificando e agora to só dando continuidade ao que eu encontrei. Aqui a intenção é trabalhar com as pessoas que estão meio deslocadas socialmente, é isso? É, menores de situação difícil, não são meninas de rua, mas elas podem se tornar de rua se não houver essa ajuda, essa preocupação de tirar elas da rua,

elas estavam em risco principalmente as menores da orla marítima, periferias e todos esses bairros mais afastados, mais carentes, tanto no plano econômico, como no moral, social, elas não tem famílias estruturadas também, então estão muito expostas. Quem traz essas meninas para cá? Elas é que vêm, ou as famílias que mandam? Algumas são indicadas pelo Conselho Tutelar, agora porque o CT é uma coisa mais nova, às vezes um conhecimento de amigas que já tem entrado aqui, nada é forçado. Mas as famílias não se envolvem nisso? Envolve sim, tem que se envolver, é essa a nossa grande luta, por que as famílias elas não gostam da participação, então a gente exige muita a presença nas reuniões, as vezes a gente promove cursinhos assim pra elas, mas elas estão tão afastadas do social que elas não gostam, é muito difícil.

As famílias se interessam em colocar as filhas aqui? Às vezes, mas não abertamente, outras por medo das meninas se envolverem com os marginais. A grande maioria é essa a preocupação, mas têm algumas que se pudessem as meninas não iam mais nem em casa, mas nós não aceitamos esse tipo de coisa, às 05h00min elas vão para casa. Antes elas dormiam aqui, era o internato. E elas aprendem exatamente o quê? Bom, tem umas meninas que chegam à 07h00min da manhã, já tomam café, algumas não têm café em casa, aí tomam café e vão para o colégio. Por que nós temos aqui um curso de alfabetização de adultos adolescentes, mas alguns quando chegam na quarta série que é o módulo III, aí eles ficam um tempo sem estudar, aí nós estamos encaminhando para os colégios [...] Por que as nossas professoras estão se aposentando e como o número de alunos é pequeno, também agora com muitos cursinhos que abriram, o número cada dia diminui.[...] As alunas que chegam atrasadas nem tomam café, por que o colégio exige a entrada às sete horas. O dia delas é sempre cheio, em dias alternados tem curso de bordado, de pintura, de violão e de bijuteria, não tem espaço para brincar por que não dá tempo, nós queremos dá a essas meninas condições para poderem depois ter a própria vida e sirva para ajudar a ela e a família.

Quem é que dá ajuda para a alimentação, a sustentação desse trabalho? Nós temos um projeto, e o objetivo do projeto é educar as meninas a exercitarem a cidadania [...] então esse projeto paga os monitores e tem uma verba para alimentação. Nós temos também a ajuda do projeto amigos do prato, pessoas amigas e as nossas aposentadorias, todas aqui são aposentadas, e o aluguel de pequenos imóveis, a gente sobrevive com isso. O Estado e a

Prefeitura colaboram com alguma coisa? *Do Estado nós temos as professoras, e da Prefeitura tem a merenda escolar. O importante é ver o resultado desse trabalho, depois que elas saem daqui conseguem caminhar bem, arrumar trabalho, algumas arranjam casamento com um bom companheiro, outras não, acabam saindo por aí, mas a gente fica gratificada quando elas voltam e mostram que estão bem, vez por outra a gente recebe uma visita de uma aluna antiga dizendo que tudo que aprendeu foi aqui.*

Irmã Maria Virginia, existe alguma freira aqui no Instituto Bom Pastor da época da sua fundação? *Tem nada, todas da época da fundação já partiram para a eternidade. A mais antiga é a Irmã Maria de Santa Brígida, que está com 89 anos, e está muito doente não pode falar com você. E outra pessoa que tivesse bem mais tempo que a senhora? Não tem, por que depois que eu cheguei as irmãs se mudaram, por que você sabe nós somos uma província, quando precisam de trabalho a irmã vai e se desloca, por isso aqui todo o pessoal é mais novo do que eu. Província que a senhora chama é o quê? A administração, ela é internacional, nós temos nossa sede em Roma. E depois tem a provincial, a sede provincial fica em Recife, depois tem as várias casa no Brasil. Tem a província do Recife, tem a nossa e vai até o norte, de Salvador a Belém. O que a senhora ainda pode me dizer sobre esse trabalho do Bom Pastor? Bem, eu digo que todo ambiente é uma escola, a vida já é uma escola, é verdade. Então se bota essas meninas para estudar, educar, ter responsabilidade e pontualidade, tudo. É um trabalho conjunto, outra coisa a pessoa não fica presa a ensinar só a técnica.*

Bem, o Instituto Bom Pastor, como se pode ver, é mais um ícone do Jacarecanga, mostrando que educação é assim, se aprende em qualquer lugar, como disse a Irmã Maria Virginia, com a própria vida. O Instituto, além desse trabalho social e educacional, tem uma igreja que congrega muito fiéis em suas missas dominicais, muito frequentadas, e um coral excelente que se apresenta todos os domingos na celebração da missa, que também serve para congregar pessoas por meio da música. Portanto, é uma instituição que, embora com o rigor que é peculiar das religiões, tem dado uma contribuição valiosa para a sociedade fortalezense e, especialmente, para o bairro do Jacarecanga.

Quinta-feira, dia 29 de setembro de 2005, 15h00min, desço para a Praça do Liceu. Fico olhando o movimento por um bom tempo, faço minhas anotações. Tento falar com o

Silvestre, dono da Grande Barraca, mas ele não está. Vou então ao Bar do Fabiano. Ele também não estava, resolvi esperar e como ainda não tinha muito movimento fiquei conversando com a garçonete. Já estava no final da tarde e o movimento começou: pessoas chegando para tomar sopa, cerveja etc. O bar funciona o dia todo, para o almoço e para o jantar, com sopa e tira-gosto para acompanhar a cerveja. Fabiano chegou e logo começamos a conversar, mas ele não estava muito animado. Achei-o tímido. Com 61 anos de idade, nascido em Pacoti, veio morar no Jacarecanga em 1958. Lembra-se de que seu pai vendia leite, coalhada e queijo nesse mesmo lugar onde é o bar, que funciona numa das casas da Santa Casa de Misericórdia. Primeiramente a casa foi alugada. Depois que ele ficou com o comércio do pai, comprou a casa. Disse Fabiano que estava

[...] muito decepcionado com o bairro que considera decadente [...] nas três últimas décadas caiu muito, as famílias se mudaram [...] me lembro que em 1960 íamos à praia a pé, era um movimento completamente diferente [...] o Cláudio Figueredo nunca se mudou do bairro, ele é que deve saber muita coisa.

Pareceu-me evidente que Fabiano está meio triste com o Bairro que o viu crescer, mas não desistiu de continuar morando e trabalhando por aqui. Não foi uma conversa que me empolgou, como tantas outras. Tive dificuldade para conseguir alguma informação dele.

Saindo dali, fui até a Grande Barraca para falar com o dono, o Silvestre. Ainda era cedo e ele não estava lá. Avistei uma figura que me interessava conservar. Digo uma figura porque é uma imagem conhecida do bairro, um homossexual muito assumido, que todo mundo conhece e respeita, o Amarílio. Marquei uma conversa com ele para a semana seguinte.

Atravessei a rua e fui à Ana Paula, uma loja de roupas e acessórios. Confesso que ia mesmo era olhar as coisas da moda, mas, lá chegando, encontrei a Soraia, dona da loja, com a sua mãe, Maria Candelária Nóbrega Bezerra da Silva. Então, aproveitei e fiz as duas coisas, olhei as novidades e conversei com a Candelária. Moradora há 40 anos do Jacarecanga, na rua Conselheiro Estelita com Senador Alencar, Candelária gosta muito desse

bairro, falou com gosto, dava para perceber. Depois de explicar o que eu pretendia, ela não fez muitos rodeios, foi bem direta e disse:

A tradição do bairro está no Filomeno Gomes, no Acrísio Moreira da Rocha, na fábrica de redes [Fábrica São José], [...] na festa da Marinha que tinha todo ano, [...] na Praça do Liceu com as feirinhas, na Vila São José, que é muito importante, calma e boa. Eu lembro da tertúlia na Vila, eu arranjava paqueras.

Não notei nenhum tom de desalento em sua voz. É uma mulher muito alegre. Creio que continua gostando do bairro. Não me demorei muito. Candelária foi muito breve e eu não me interessei por nada da loja.

Voltei para a Praça e sentei para comer um vatapá na Grande Barraca observando o movimento. Foi a primeira vez que comi alguma coisa nessa barraca, e estava bom. Gostava de ficar sentada olhando o vaivém das pessoas e imaginando de onde vinham, para onde iam, por quem esperavam, por que tinham que comer sempre na rua. Por essas horas, além dos que sentam para lanchar, jantar ou tomar uma cerveja, há sempre muita criança, estudantes, coopistas e os que querem ficar sem fazer nada, só sentindo o ventinho que vem do mar.

Já é noite, 19h00min. Vou ao Liceu para tentar conversar com a diretora, um professor(a) ou um aluno(a). A diretora não estava. Então, chamaram um aluno: Carlos Alexandre Gomes de Castro. Estudante do Liceu desde o ano de 2002, Alexandre, como gosta de ser chamado, tem 19 anos, faz o pré-vestibular, e toma parte do Conselho Escolar como presidente. Anda pelo Bairro desde que começou a estudar no Liceu e, embora muito jovem, falou de coisas fora do seu tempo com a intimidade de um contemporâneo. Passa o dia todo no Bairro e considera o local um bairro normal, com banco, igrejas, escolas-referência, morro do ouro (marginais), festa junina. Muito interessado na conversa, Alexandre falou das coisas que achava importante de se ter na memória, como a valorizar o Bairro:

Aqui tinha uma casa de show, o Barril XXI, que era um ponto de nostalgia do Bairro; as festas de funk, regue, forró, na década de 80;

as tertúlias no Clube Santa Cruz onde se dançava coladinho, nos anos 60 e 70, auge da jovem guarda; o Lar Torres de Melo, instituição importante para a cidade; Igreja do Senhor do Bomfim, aonde teve minha missa de colação do 2º grau [...]; a Igreja dos Navegantes; a Fábrica Iracema de castanhas; o Liceu é um símbolo do Bairro; [...] no carnaval havia a Banda do Mamão, acho que ainda tem [...].



Alexandre na sala dos professores do Liceu

Terminada nossa conversa, dei uma volta pelo Colégio, que foi todo reformado, para os seus 160 anos de existência completados em 19 de outubro do ano de 2005. O Colégio está muito bonito. Fiz algumas fotos. Feito isso, voltei para casa; por esse dia, me dei por satisfeita.

Quinta-feira, 30 de setembro de 2005, 16h00min. Desci e fui direto para a Sorveteria Castelinho, há 25 anos funcionando no Bairro, quase na esquina com a Praça do

Liceu. Conversei com o Sr. Francisco Vilmar, dono do comércio, quase nada. Ele não mora no Jacarecanga, mas gosta do Bairro, até porque é nele que ganha a vida, mas disse que tem assalto, tem perigo. Não se referiu a nenhuma família especificamente com destaque, mas observou que “[...] *quando cheguei por essas bandas tinha muitas famílias morando aqui, mas foram embora para os lados da Aldeota, talvez pelo poder aquisitivo [...] às vezes ainda vem alguns só tomar sorvete aqui [...]*” Foi tudo o que consegui. A única coisa de que o seu Francisco se lamentava era disso, com certeza, porque caíram suas vendas de sorvete. Não me anima esse tipo de conversa, mas não posso evitá-las, faz parte do universo pesquisado e também é denotativa da falta de envolvimento dos habitantes com os seus espaços de vivência cotidiana e essa é uma das grandes questões que levanto: se não se cuida dos lugares de morada há sempre espaços que mostram um retrato feio, mas que é próprio, a cara do morador. Gostaria de encontrar mais entusiasmo quando converso com eles, mas parecem viver em um mundo quase só deles.

Saindo da sorveteria, dirigi-me para a Praça do Liceu e encontrei a barraca dos *drinks* sendo organizada para o movimento da noite. Quando desço para fazer Cooper na Praça, passo pelo menos umas oito vezes na frente dessa barraca, e sempre presto atenção ao que acontece nela e nas pessoas que a freqüentam, na sua maioria só homens, e quase com cadeira cativa, ou melhor, com um banquinho cativo. Perguntei ao rapaz que lá se encontrava se podia sentar num banquinho para conversar com ele. A resposta foi rápida e acolhedora, como é característico do lugar. Conheci essa barraca, que tem mais de 8 anos, com o nome de Carlinhos *Drinks*.. Hoje, de acordo com o Francisco Naldo Moura da Silva, de 25 anos de idade, sócio do Carlos, não pode mais ter nome em nenhuma barraca, mas é obrigado a ter registro na Prefeitura. O Naldo veio do Rio de Janeiro direto para o Jacarecanga, pois a sua família já morava no Bairro, e já faz dezesseis anos que mora por aqui. “*Tenho dois filhos e uma filha. Eu vivo do que ganho trabalhando na barraca*”. Contudo, Naldo esta muito desencantado com a Praça, disse ele que

[...] tem muitas coisas boas aqui no Jacarecanga, como a Marinha que é uma coisa importante para a cidade, a Vila São José onde morei com a minha avó de mais de 90 anos, [...] a Sorveteria Castelinho, o Presídio de Mulheres que não existe mais [...] já teve muitas brigas de

gangues e mortes aqui na praça que foi ficando esvaziada, hoje ainda tem assalto de pessoas que não são do bairro, as do bairro são mais respeitadas [...] agora veja, a praça está muito suja, tem mato, capim, não tem brinquedo, parquinho para as crianças [...] a praça está abandonada, falta segurança, cabine policial, um jardim bonito, a praça precisa mesmo ser mais bem cuidada pela Prefeitura, é um patrimônio para o bairro e para a cidade de Fortaleza.

Parece-me que até a sorveteria, nos seus 26 anos de fria existência, começa a ser valorizada no conjunto que compõe o Bairro. Parece-me, no entanto, também que o valor atribuído às coisas é dado pela relação que elas têm com a vida, e isso é o que observei nas falas das pessoas com quem conversei. Uma coisa interessante na barraca dos *drinks* é um espelhinho pendurado na frente e que Naldo explica “*O espelho pendurado aqui na barraca é uma atração para as pessoas que passam se olharem*”. Acho que já vi esse espelho em outros lugares também, e, apesar de achar pitoresco, ainda não entendi o sentido. O certo é que faz efeito: as pessoas gostam. Além das bebidas e do espelho, a barraca oferece música, que vai do regue, forró a MPB. Também possui TV e DVD, para assistirem a filmes e *shows* em DVD e, em dia de jogo de futebol, junta um bom grupo. No tempo em que fiquei conversando com o Nando, ele terminou de organizar a barraca e, quando a noite chegou, trouxe com ela os fregueses que foram ocupando os banquinhos que lá se ofereciam.

Gostei da conversa com o Naldo e de ficar sentada mais um pouco observando o movimento, e entendi por que aquelas pessoas todos os dias se reúnem no mesmo ponto para conversar. Creio que, além de conversarem sobre mais um dia de trabalho, também conversam sobre seus problemas, contam piadas, brincam, paqueram e de alguma forma conseguem liberar as tensões para equilibrar a vida.

Ainda fiquei por mais algum tempo pela Praça, observando os outros pontos de venda se organizando para receber os clientes. A Grande Barraca, de um lado, e a Barraca Vermelha e Branca, de *pizzas*, lasanhas etc., do outro, estão sempre prontas, pois funcionam para o almoço e para o jantar ou lanche. E quando a noite está finalmente instalada, a Praça já fica totalmente tomada. Voltei para casa por volta das 19h30min

Outubro de 2005, dia 06, às 15h00min de uma quinta-feira. Hoje vou conversar com Amarílio Proença Moraes, uma figura conhecida do Bairro, não só porque nasceu e morou a vida toda aqui, como também pela imagem extravagante que apresenta. Na verdade é um homossexual, ou melhor, ele se considera uma mulher, pois foi assim que se apresentou toda a vida. Trabalhou por muito tempo como cabeleireiro, era muito conhecido e muito bom profissional também. Amarílio mora na rua São Paulo, próximo a avenida Filomeno Gomes, numa casa antiga, com arcadas no pequeno terraço e uma divisão interna da casa e o mobiliário escuro, bem ao tempo da sua mãe.

Penso que a minha conversa com o Amarílio poderia ter sido melhor se ele não estivesse com receio de dar a entrevista, pois alguém o havia alertado para o perigo de conversar com pessoas que ele não conhecia. Na verdade, terminei descobrindo que já o conhecia e que ele é primo de uma cunhada. Enfim, e ao fim da conversa, ficamos muito amigos. Mostrou-me suas fotos “toda pronta” de vestido, “maquiada” e muito *chic*. Conheci sua mãe e sua irmã, que também participaram da conversa, mas, de qualquer modo, a conversa sobre o Bairro ficou um pouco prejudicada.

Nasci no Bairro do Jacarecanga em 04 de janeiro de 1947, estou com 59 anos. O bairro é muito conhecido pelas casas bonitas, mas agora quase não existem mais. Das casas que eu achava mais bonitas só tem a casa da Maria Luiza Pinheiro, filha do Brasil Pinheiro, vizinho ao Edifício Pedro Filomeno, no lugar onde existia a casa do Pedro Filomeno, é uma casa linda. Em frente à casa do Filomeno havia a casa da Núbia Sampaio e do Pedro Sampaio. Era uma casa em três andares em madeira, acho que era a casa mais bonita do bairro. Lembro também da Carmem Silva Sampaio considerada a moça mais bonita do bairro.

Você está vendo os muros da nossa casa são altos, mas antigamente os muros das casas eram baixos, as pessoas se sentavam na calçada para conversar todos os dias, a calçada era lugar de encontro. Não existia ladrão, só de galinha, era calmo. O comércio nunca foi bom, mas tinha a fábrica de redes, do Pedro Filomeno, em frente ao trilho, a Empresa de Ônibus do Oscar Pedreira, a fábrica de refrigerante do Carlos Alberto Pinto, o IBRAN, de laranja e guaraná, na Francisco Sá perto do trilho. Nós tínhamos aqui no

Jacarecanga uma espécie de clube, o Lorda, um grande campo de futebol na Avenida Filomeno Gomes, vizinho ao Castrol e lá faziam muitos eventos por volta de 1960. Lembro-me também de alguns nomes importantes, o Cordeiro Neto, o Acrísio Moreira da Rocha, o Paulino Rocha. O Amauri Vidal, o Sergio Filomeno, o Pedro Luis Filomeno, a Dona Isaura, professora que morava perto do trilho na Vila São José, e outros mais. A Praça do Liceu era uma praça de passeio [...] era bom para paquerar [...] eu arranjava namorado lá [risos]. Acho que é só o que me lembro, não sei de muita coisa não.

Gostaria de ter colhido mais informações, mas não consegui ou ele não sabia mesmo. Ao fim da tarde, depois de tomar um café feito por ele, me despedi de todos e voltei para casa.

São 14h30min de uma quarta-feira, dia 08 de novembro de 2005. Saio novamente para fazer uma caminhada pelo Bairro, hoje para os lados do Centro. Como o caminho a fazer é grande, calço tênis e visto uma roupa mais fresca. Sigo pela rua Guilherme Rocha procurando o lado da sombra que por essa hora quase não existe. O meu intento era ir até a Praça da Lagoinha, e fui, observando o movimento das pessoas, as casas antigas que hoje estão ocupadas por comércio, escolas, e muitas residências ainda.

Chegando a rua Padre Mororó fui até o Cemitério São João Batista para gravar na memória e na máquina fotográfica esse lugar de tantas histórias. Voltei pela mesma rua e perguntei pelo Clube do Chorinho, em um barzinho esquina com a rua São Paulo. Fui informada de que deveria descer para o lado das escolas de enfermagem, isto é, voltar para o lado da Guilherme Rocha. Assim fiz e fui perguntando até que consegui alguém do Filosofia Radical que saiu comigo até encontrar a casa onde funcionava o Clube do Chorinho. O Filosofia Radical funciona em uma casa antiga muito bonita, onde morou o escritor Jader de Carvalho. Bati palmas no número 1072. Apareceu-me um senhor e informou que agora, depois da morte do Seu Duílio, acabaram-se as reuniões em sua casa. Informou, também, que o grupo agora tocava no SESC dia de sexta-feira, às 19h30min. A informação foi valiosa, pois agora sei como encontrar o grupo.

Sexta-feira, às 18h00min me dirijo para o SESC. Queria chegar mais cedo para conversar com o grupo antes de começarem a tocar. Foi uma grata passagem essa pelo SESC, pois, ao chegar, dei de cara com uma feirinha, aliás, o lugar era todo alegria. Olhei as coisas e comprei umas toalhinhas de cozinha, tudo de bom gosto. Depois me dirigi ao rapaz que testava o som e perguntei pelo grupo. Eles estavam logo ao lado. Fui para lá. Apresentei-me como professora da UFC e pesquisadora, expliquei a pesquisa e todos me receberam com muito gosto. Todos se dispuseram a falar. Deixei-os à vontade para falar sobre o grupo.

O Clube do Chorinho começou na Rua Padre Ibiapina na casa do Seu Horácio, em 1960. Funcionou às quintas-feiras, como uma reunião de amigos, e foi até 1976. Na Rua Padre Mororó começou em 10 de maio de 1976, na casa do Seu Mundico Calado, que faleceu em 1984. Houve até uma homenagem muito bonita para ele, mas antes de morrer ele chamou os filhos e pediu para que não acabassem com o Clube. Então, o Seu Duílio Barbosa Justa, e sua mulher Maria de Lurdes, assumiram a responsabilidade de não deixar o grupo morrer. As reuniões eram às terças-feiras, das 20h00min às 23h00min horas, e quando dava a hora terminava mesmo. Tinha outra coisa, só se bebia chá e cafezinho, a bebida com álcool não tinha, só em dia de festa, Natal, Ano Novo e outras.

O local onde nós fazíamos as reuniões era um auditório, na própria casa do Seu Duílio, que cabia 120 pessoas, e ficava sempre cheio. Vinham pessoas de fora [...] era visitado por turistas nacionais e internacionais [...] o Clube tinha quase 800 pessoas associadas e funcionou mais ou menos até maio de 2003. Depois do falecimento do Seu Duílio a Dona Maria de Lurdes chamou os amigos e disse que não podia mais continuar com o Clube, que não fazia mais sentido depois que seu marido havia morrido e nós deixamos de fazer as reuniões lá na casa dela.

Hoje o Clube do Chorinho se apresenta todas as sextas-feiras, das 19h30min às 23h00min horas, e usamos o mesmo nome como uma homenagem à iniciativa do Seu Mundico. Agora deixa eu lhe apresentar os componentes do grupo e os instrumentos que tocam: Francisco Felix do Nascimento – violão de sete cordas; José João Alexandre – pandeiro; Ontara – violão de seis cordas; Jonas Marques – cavaquinho base; Aluisio

Gonzaga – cavaquinho solo; Vicente de Paulo – surdo; Zilton Teixeira – saxofone; Henrique Ramos – percussionista; Antônio Montenegro – cantor e apresentador.

No nosso repertório tocamos músicas dos clássicos do chorinho: Pixinguinha, Jacó do Bandolim, Abel Ferreira, Valdir Azevedo, Cachibinho, Ernesto Nazaré, e ainda tocamos algumas composições de compositores do próprio grupo para valorizar o trabalho dos nossos conterrâneos que são de muito boa qualidade. [...] Agora nossas reuniões são na casa do Felix no domingo pela manhã, não queremos deixar o nosso chorinho morrer, por que também tocamos como um trabalho, para ganhar mais um pouco.

Desde que comecei a estudar o Jacarecanga, ouvia falar da Vila São José, a Vila Operária. Então resolvi que estava mais do que na hora de dar uma caminhada até o lugar. Era uma segunda-feira, dia 03 de outubro de 2005, e sai logo pela manhã às 08h30min. Desta vez, levei apenas um caderno e uma caneta para possíveis anotações. Logo que desci, me informei com o porteiro do prédio para que lado ficava a Vila São José. Desci, então, pela Filomeno Gomes até a São Paulo, entrei à esquerda e andei um pouco, observando o movimento e as casas. Por essas horas, não havia muita gente pelas ruas, já que todos saem cedo para o trabalho e para as aulas, mas carros, bicicletas e ônibus passavam pela São Paulo. Depois de caminhar alguns quarteirões, pedi novamente informações e logo a seguir cheguei à rua que dava acesso à Vila.

Bem, para começar, estranhei porque, para o que conheço de vila esta não tinha nada. Mais me pareceu esses conjuntos de casas populares que vão sendo construídos mais afastados, mais na periferia da cidade, claro que em menores proporções. Enfim, havia chegado à Vila e comecei a caminhar pelas suas ruas, aleatoriamente, já que não conhecia nada nem ninguém. Os moradores que se encontravam nas ruas ou nas portas de suas casa me olhavam curiosos. De frente para a Vila fica a Fábrica de Redes São José, dos Filomeno Gomes. Andei até o final do muro da Fábrica, pois, logo depois, há um muro alto e após este os trilhos onde passam os trens. Lá chegando, tive grata surpresa: encontrei uma outra praça, a Praça da Vila São José. Gostei do que vi: um lugar pequeno, se comparado a outras praças, e em um formato meio triangular, mas muito limpo, com um jardim verde e florido, parquinho

de madeira para as crianças, uma boa quadra para futebol de salão, vôlei ou basquete, e bancos para os namorados ou para aqueles que gostam de uma boa conversa fiada. Em frente à Praça, em uma das casas dos moradores, uns dois barzinhos.

Na Vila São José, além das casas dos moradores e em suas próprias casas, há locadoras de filmes, outros barzinhos, pequenas vendas (biscoito, refrigerante, queijo a retalho, bombom, pirulito etc.), mercadinho, casas onde se fazem bolos e salgados, dentre outras coisas. Muitas ruas e vários tipos de casas, de estilos e tamanhos diferentes. Uma grande quantidade já reformadas às vezes só por dentro, outras por dentro e por fora, algumas de dois andares, para duas famílias, e muitas outras bem pequenas, as que ficam de frente para a fábrica. A Vila foi construída para os operários da fábrica e o tamanho da casa, na verdade, relacionava-se à função exercida pelo operário: quanto mais alto o nível, maior era a casa.

Na primeira vez que fui para à Vila São José, quando passava pela rua que ali me levaria, vi um rapaz abrindo o portão da sua casa e aproveitei para perguntar se eu estava no rumo certo para a Vila São José. Ele me explicou que sim e eu aproveitei para falar sobre a minha pesquisa e perguntei se ele gostaria de dar uma entrevista. Gustavo Braga, estudante do Curso de História da UVA, concordou e marcamos para outro dia, pois ele estava saindo para a aula. Gustavo ainda conseguiu marcar outra entrevista para o dia em que íamos nos encontrar, uma sua vizinha que disse ele ser muito interessante para conversarmos.

Gustavo, com 18 anos, e por ser estudante de História, se interessou pela pesquisa e no dia marcado e confirmado lá estava eu para o encontro. Morando há oito anos no bairro do Jacarecanga com a família, Gustavo, que antes morava no bairro do Benfica, me disse que não queria morar nesse bairro, mas, como ganharam a casa, não podiam deixar de aproveitar. A casa, pequena, e segundo ele da primeira metade do século XX, de 1935, tem 70 anos. Durante a nossa conversa, Gustavo deixou clara a sua preocupação com a questão patrimonial, pois, segundo ele, *“percebe que na cidade de Fortaleza o patrimônio é demolido para fazer estacionamento, não existem cuidados com a história da cidade [...]”*. Fico esperançosa quando vejo pessoas e, principalmente, os jovens falarem dessa preocupação. Penso, então, que ainda podemos acreditar que há possibilidades de salvar a memória e a história desta Cidade.

Destacando a importância das edificações, Gustavo disse que é fundamental a sua preservação, pois.

[...] representam o estilo de vida das pessoas e o que mudou daquele tempo para cá [...] na Avenida Francisco Sá com a Rua Adriano Martins tem duas casas que considero importantes como testemunhos da história, mas estão acabadas, pela idade, pelo tempo, pela estrutura [...] a casa do Acrísio Moreira da Rocha, também está praticamente abandonada.

Creio que o Gustavo só vem confirmar aquilo que já vinha observando desde o início deste trabalho: a cidade é a representação física dos seus moradores, ela abraça aquilo que os seus habitantes elegeram para dar feição ao grande rosto que se percorre todos os dias, mas não notam as manchas, as rugas, as cicatrizes, quase não olhando para esse rosto, apenas a sua utilidade para o movimento da vida, deixando-o em total abandono. Gustavo, como eu, porém, deu ênfase à Praça do Liceu, pois para ele tudo passa por esse lugar. Diz ele:

[...] a praça é muito movimentada [...] é o movimento do Corpo de Bombeiros, dos alunos do Liceu, dos alunos da Escola de Ensino Fundamental e Médio Juvenal Galeno, dos grupos de marinheiros que utilizam a praça durante a semana. Apesar de movimentada a Praça é muito acabada, tem muitos marginais, muitos alunos fumando. Nos finais de semana é tudo calmo e perigoso [...] à noite não tem iluminação, o centro da Praça deveria ser mais iluminado [...]

Ainda não consegui ver a Praça com esse perigo sobre o qual ele e outros falaram, mas penso que em algum momento já deve ter sido um local perigoso, talvez pela falta de zelo, limpeza e a iluminação, como diz o Gustavo. Já ouvi algumas histórias. Agora acho que melhorou. É o que eu estou vendo, a não ser no dia de domingo, quando a Praça fica erma, talvez persista o clima de perigo.

Outro aspecto interessante que ele destacou foi para o Cemitério São João Batista, que, até então, apesar de não passar despercebido à minha perspectiva, não me empolgou muito. Disse ele: “[...] o Cemitério São João Batista é muito lindo, e traz muitas histórias de vida [...]”. Ele tem razão. Por isso decidi pensar mais a respeito deste cemitério. Disse, ainda, que, na rua Adriano Martins, foram encontrados ossos humanos oriundos de um hospital de doenças contagiosas. Não sei se são invenções do imaginário coletivo.

Saí da sua casa e me dirigi para a casa da sua amiga, a Senhora Maria Julieta Grangeiro, moradora do Bairro desde 1954, e desde 1975 na casa onde estávamos. Dona Julieta, muito séria e reservada, pouco falou, mas, mesmo assim, consegui algumas informações. Relembrou do colégio onde estudou, o Rosa Gatorno, dos carros de luxo que por lá andavam, o Landau e o Galaxy, da praia que era muito freqüentada, mas que ela nunca foi, das novenas e da procissão de São Francisco, e que arranhou seu marido por aqui mesmo, na casa dos tios. Daquilo que disse, dois pontos me chamaram a atenção. Primeiro a afirmativa triste e saudosa de que “[...] atualmente não tem mais nada aqui [...]”. Para ela, me pareceu claro que o Bairro não tinha mais sentido na sua vida, como se não houvesse mais nada do seu tempo de jovem, tudo tivesse desaparecido.

O segundo ponto ao qual me refiro diz respeito às pessoas que moravam no Bairro, as quais ela dedicou especial atenção, citando nomes como: Edílson Brasil Soarez, dono do Colégio 7 de Setembro; Stenio Gomes, que foi governador do Ceará; Flávio Marcilio, que foi Vice-Governador e Presidente da Câmara Federal; Orlando Leite, Diretor do Conservatório de Música Alberto Neponuceno que por algum tempo funcionou na Praça do Liceu; Dr. Francisco Manuel Dias; João Clemente, dono da Fábrica de Alumínio Ironite, que teve seu auge nas décadas de 1960 e 70; a família Otoch. Apesar de falar com tristeza da demolição e abandono das belas casas de então, pareceu-me que o que merecia destaque para o Bairro era o fato de nele haviam morado pessoas da mais alta elite política, intelectual, social e econômica da cidade. Tudo passava pelo Jacarecanga. A cada conversa, ficava mais e mais imaginando como era esse Bairro, as pessoas, as casas e o movimento da vida ali existente. Desse ponto voltei para casa, por volta das 16h30min. Não dava para conversar com muitas pessoas em um só dia. Tinha que organizar as idéias.

São 09h00min do dia 16 de janeiro de 2006, segunda-feira, e me dirijo para a Vila São José, hoje com a intenção de conversar com alguns dos seus moradores. Segui o mesmo caminho de antes, mas ando sem endereço certo. Chegando ao início da Vila, logo na primeira rua, entro à esquerda. Ando uns duzentos metros e logo vejo uma senhora na calçada, varrendo. Dirijo-me a ela para saber se pode dispor de algum tempo para conversar comigo. Muito solícita, parou o que estava a fazer para saber exatamente o eu queria, o que expliquei e fui perfeitamente entendida. Abriu sua pequena locadora de filmes, vizinho a sua casa, e nos sentamos para conversar. Pedi-lhe que me falasse sobre a Vila e sobre o Bairro, e a deixei falar.

Meu nome é Maria de Lourdes Silva, tenho 66 anos e nasci na Vila São José, na Rua Messias Filomeno. Tenho três filhos, dois homens e uma mulher, que já morreu. Passei 14 anos na Bahia e depois voltei aqui para a Vila, e moro aqui na Rua Maria Isabel, número 15. Aqui as ruas têm os nomes das pessoas da família do Pedro Filomeno, foi ele quem quis assim. [...] Considero a Vila muito importante, pois deu condições de melhor moradia para os operários da fábrica. Claro que não é mais como antes, aqui há 23 anos atrás tinha um ônibus que circulava dentro da vila, hoje não passa mais. Havia um córrego onde a gente tomava banho, no sítio da Dona Santinha e do Seu Ribamar, a gente pagava uma taxa para tomar banho e quando dava o apito encerrava o banho das crianças e iniciava o banho dos adultos, era muito bom. Mas depois que a Empresa São Vicente de Paula foi dividida pela herança, colocaram outra empresa, como o córrego passava dentro da empresa, passou também a ser local de jogar lixo.

Havia também uma agremiação esportiva, o Lorda, onde os rapazes jogavam todo dia futebol, vôlei, futsal. Quando eu era mocinha, à noite, eu ia assistir aos jogos, era muito animado.

Os Filomenos eram muito bons, aqui na vila tinha médico duas vezes por semana, uma parteira para ajudar as mulheres dos operários no parto, enfermeiro para pequenos acidentes tanto na fábrica como aqui na Vila. As festas de Natal eram maravilhosas, tinha presentes para todas as crianças, eram brinquedos e tecidos. Outra festividade boa era o São João, no dia de São João passavam pelas ruas perguntando quem queria fogueira que eles preparavam para todos que quisessem. Havia aqui na Vila A Escola Operária São José, para

os filhos dos operários da fábrica, e lá ensinavam corte, costura, leitura, e tinha farda feita com tecido feito na fábrica, bem bonitinha.

Gosto da morada aqui na Vila, no Jacarecanga, é muito calma, e quero continuar na Vila para mostrar para alguns moradores que mancharam meu nome que eu sou do bem, vivo bem. A nossa pracinha aqui da Vila tem muito movimento à noite, os jovens jogam bola na quadra, mas antes as pessoas sentavam na calçada, hoje não sentam mais. A minha maior saudade era a comodidade de quando eu era menina e ia com as amigas para a missa das 5 horas da manhã na Igreja dos Navegantes ou na Igreja do Otávio Bonfim, e lembro também da Professora de Música, a Dona Mundinha, ela era muito boa. Gosto muito do bairro e da vila e não pretendo sair daqui para outro lugar.

Gostei da conversa com a Maria de Lourdes, simples, franca, sincera. Ainda conversamos mais um pouco e ela me indicou outras pessoas que poderiam ser boas para a minha pesquisa. Às vezes escolhemos as pessoas certas sem saber, como é o caso da Maria de Lourdes. Nesse dia não fui conversar com mais ninguém. Já eram quase 12h00min e resolvi voltar para casa, mas antes caminhei mais um pouco por outras ruas, observando o movimento e cumprimentando algumas pessoas.

Dia 18 de janeiro de 2006, quarta-feira, estou novamente me arrumando para ir a Vila São José. Saio às nove horas. Por indicação da Maria de Lourdes, hoje vou à casa da Dona Marina Vasconcelos, que mora na rua Adriano Martins número 14. Quando cheguei a sua porta ela estava sentada bem à vista, fazendo um trabalho com tiras de tecido de malha e pediu logo para eu me sentar. Não houve nenhuma hesitação quanto a falar comigo. Pelo contrário, notei uma simplicidade e um prazer só vistos em pessoas assim como era ela, que já viveu muitas dificuldades e agora acha que está tudo muito bem. Encontra-se também na pequenina sala seu neto, Renan Gomes Martins, de 16 anos, deitado numa rede, comendo biscoito de chocolate e tomando refrigerante de laranja da Indaiá. Dona Marina logo começou a falar.

Tenho 77 anos e moro aqui na Vila São José há 65 anos, meu marido tem 84 anos e é muito vaidoso. Todo dia ele se arruma bem engomado e vai pra rua conversar com os

amigos, ele trabalhava na fábrica de redes de eletricista. Tenho oito filhos, e minhas filhas estão todas casadas e moram no Conjunto Ceará. Eu morei por muito tempo no quartinho embaixo da caixa d'água da fábrica, pois não tinha onde morar, e tive meus oito filhos lá, depois consegui uma casinha da vila, pois meu marido era operário, por que as casas eram só para os operários da fábrica, depois as casas começaram a ser alugadas e agora estão sendo vendidas. Os nomes das ruas da vila são de pessoas da família e o nome das filhas: Rua Dona Maroquinha, Dona Bela, Izabel, Vera, Maria Estela, Santana etc., acho que é mais significativo na memória. Aqui é calmo, eram quatro vilas depois que ele, o Pedro, morreu aumentaram os números de casas. Mas aqui precisava de uma associação dos idosos. Eu comparo o Jacarecanga com a Tijuca, no Rio de Janeiro, o Canta Galo com o Morro do Ouro e a Rocinha com o Pirambú. Eu sou assim quando tem que dizer, eu digo, quando tem que fazer, eu faço.

O povo diz que eu sou a mulher mais inteligente da Vila, [...] é o que dizem ...Eu só gostava de andar de sapato alto, ensinada pela minha tia, mas faz três anos que tirei o salto, só uso agora em dias de festas. Sabe uma coisa que sempre gostei foi de jóias, agora não uso mais por que podem roubar.

Nesse momento Renan, seu neto, que até então se manteve calado, se manifestou e disse: *aqui na Vila é calmo, não tem assalto, roubo, nem briga e a Praça da Vila São José é o patrimônio mais importante que eu acho, para mim.*

Dona Marina interveio para me mostrar o que estava fazendo, e disse: *Olhe, minha filha, eu faço tapetes e bolsas de tiras de malha, para vender e ajudar nos gastos. Deixa eu lhe mostrar as bolsas que eu fiz, eu vendo tudo. Eu fazia salgadinho também, canudinho, pastel e outros, mas agora não faço mais.*

Marina falou muitas outras coisas da sua vida, dos netos e, especialmente, do seu neto de que mais gostava e que morreu bem jovem, com vinte e poucos anos. Seus olhos se encheram de lágrimas. Era uma saudade muito grande, enorme perda. Agora tinha o Renan, que morava com ela, que me pareceu um rapaz muito sensato. Pude observar que para Marina a vida se resumiu na vila. Não se referiu em nenhum momento a casas bonitas ou pessoas de

destaque, mas àquilo que dizia respeito a sua vida, dos filhos, do marido, dos netos, e o seu trabalho atual. O orgulho com que falou de tudo isso, porém, me agradou e posso dizer que essa é uma mulher forte, determinada e trabalhadora, e, especialmente, animada com a vida que tem, sem lamentações de coisas materiais que a vida não lhe ofereceu, apenas com os sentimentos e orgulhosa de ter morado embaixo da caixa d'água, e de ter agora essa casinha onde mora, e ver seu marido sair todo dia bem arrumado, bem engomado como disse ela, para a rua. Tenho aprendido muito com essas pessoas sobre os valores atribuídos às coisas.

Neste momento, minha pesquisa está concentrada na Vila São José, portanto, é para lá que me dirijo novamente, no dia 19 de janeiro, quinta-feira. Hoje vou à casa da Vera Lúcia Monteiro da Silva, na rua Dona Bela, número 85, que também me foi indicada pela Maria de Lourdes. Como de costume, fui recebida com muita satisfação, sem cerimônias e muita simplicidade. Sentei-me no sofá da sala em meio ao movimento da casa, um cercadinho com uma criança dentro brincando, uma amiga que passa para pegar sua filha para irem à praia, uma outra pessoa que passa com suco para o menininho. Enfim, tudo passava pela sala, mas não tirou a atenção da Vera Lúcia, que começou dizendo:

Já vieram outros pesquisadores aqui em casa para falar com a minha mãe, bateram foto, conversaram e disseram que voltariam com as fotos, mamãe esperou, morreu e eles não apareceram. É Fátima o seu nome, não é? Pois bem, eu moro aqui na Vila há 53 anos, desde que nasci, e todos os meus irmãos e irmãs, filhos de Alba de Almeida e José Monteiro da Silva, meus pais, nasceram na Vila. Eu terminei o segundo grau no Colégio Padre Champagnat e o terceiro pedagógico e hoje sou professora aposentada da Prefeitura. Tenho dois filhos, o Douglas e a Daniele, aquela que acabou de sair para a praia com uma amiga. [...] Meu marido é da Guarda Municipal.

[...]

Quando meus pais vieram morar aqui só tinha a fábrica, a Marinha e a casa deles, essa que nós estamos, que foi a primeira casa aqui da vila. Depois veio a casa onde funcionava a escola onde estudavam os filhos dos operários, o resto tudo era mato. Depois foram construindo mais casas, essa foi à primeira Rua da Vila, por isso você está achando

diferente, e é diferente mesma. As primeiras ruas são mais largas e essa nossa rua termina naquele muro alto branco, pois depois vêm os trilhos onde passam os trens. Também sempre foi mais arborizada, só que com outras árvores, aquela das bolinhas vermelhas. Agora é que é essa nova planta que tem em todo canto da cidade.

[...]

Das coisas mais importantes do bairro destaco a Igreja dos Navegantes, ao lado dos trilhos, é um símbolo desse bairro, a Igreja de São Francisco que nunca foi terminada, as casas bonitas e antigas do bairro, a fábrica de redes que com a administração dos filhos se acabou, e o Pedro Filomeno, que é um nome de destaque do bairro e da cidade de Fortaleza.

Mulher de riso franco, simpática e bonita, Vera Lúcia falou com desenvoltura e orgulho de morar ali, da sua casa ter sido a primeira da Vila e seu pai um dos primeiros funcionários da fábrica. A rua me impressionou, pois as casas em um mesmo estilo, apenas com cores diferentes, tinham frisos que davam destaque na arquitetura, e eram grandes, em vista as outras que conheci. São aqueles tipos de casas que por fora não mostram o que tem por dentro. A rua também era mais larga, arborizada, e havia alguns carros estacionados. Agradou-me, pois ali as pessoas ainda sentam na calçada.

Ainda nessa mesma manhã de quinta-feira, atravessei a rua, e fui à casa 71, da Ana Maria de Carvalho. Quando cheguei, penso que a Ana Maria não estava muito animada para a conversa, mas, mesmo assim, não desisti e entrei para conversar. Acho compreensível que as pessoas tenham esse sentimento de estranheza quando chego as suas casas para conversar. Afinal de contas, não sabem quem sou e entro em suas casas. Vamos ao que disse a Ana Maria.

Tenho 49 anos e moro aqui na Vila desde que nasci, minha filha e minha mãe moram comigo. [...] Dona Mundoca foi quem me alfabetizou, todo mundo sabe quem é. Tenho muitas lembranças boas aqui da Vila, a gente brincava muito na rua, me lembro das brincadeiras de roda na calçada, do pique-pique bandeira, dos sete pecados, do carimba, do jogo de bola, eram brincadeiras sadias que hoje dificilmente se vê. Eu me lembro que tinha uma árvore em frente de cada casa, de pau-brasil, aquela das bolinhas vermelhas, que nós

fazíamos colares e pulseiras. Eu gostava muito de fazer essas pulseiras e os colares. Agora mandaram cortar essas árvores por causa das raízes e plantaram outras.

Aqui no Jacarecanga tem muitas coisas que eu acho importantes e são memória desse bairro, algumas ainda existem, outras já se acabaram. Os casarões, por exemplo, muitos já foram demolidos para fazer prédios de apartamentos, outros ainda são conservados por que estão sendo utilizados, e o restante está em total abandono e decadência; o ônibus antigo de madeira verde que fazia a linha do Jacarecanga até a Vila deveria ter um para exposição como patrimônio do bairro; a padaria aqui da vila de um português, e agora é um mercantil; o beco da lingüiça, aonde tinha um mercado que também acabou; o campo de futebol onde agora é um prédio de apartamentos, a Brasil Oiticica, fábrica de castanhas; a Avenida Leste-Oeste; e a Igreja dos Navegantes, que é um grande patrimônio do Jacarecanga.

Existe muita gente que nasceu e continua até hoje morando no bairro, e isso é muito interessante, na medida em que mostra o apego e o afeto das pessoas em relação aos lugares onde moram, ao mesmo tempo em que mostram, a todo o momento, as dificuldades de aceitação com as transformações que vão aos poucos acabando e quase apagando com a memória e a história do bairro. Agora já é quase meio-dia e estou de volta para casa, pois é hora do almoço.

Dia 20 de janeiro, sexta-feira. São nove horas e me dirijo mais uma vez para a Vila São José. Hoje a conversa é com a família do Sr. Francisco Pereira Lima, que faleceu, moradores dos mais antigos da Vila. Chegando lá, encontrei com a mulher e com o filho do Sr. Francisco, o José Milton Lima, que se mostrou muito interessado em conversar sobre o Bairro e a Vila. A casa do José Milton fica em frente a uma outra Praça da Vila, que ainda não está arrumada e é pequena, mas me pareceu gostosa. Sua mãe fez um pequeno jardim em frente a sua casa e o resto é só areia e as árvores maiores. Acredito que ficará muito boa, quando fizerem um jardim em toda a pracinha.

Tenho 42 anos e moro na Vila desde que nasci, e minha mãe tem 85 anos e vim morar aqui quando tinha 10 anos. O Pedro Filomeno foi o fundador da Vila, e meu pai

começou a trabalhar na fábrica com dois anos que a fábrica havia começado. Aqui no bairro do Jacarecanga tem muito patrimônio e na Vila também. Um patrimônio da vila era a caixa d'água que havia em cima de um barzinho, parecia um balão, a primeira caixa d'água que serviu aos moradores da Vila, foi demolida há dois anos a pedido dos moradores com medo que caísse. N Rua Maria Luiza com a Rua Adriano Martins, na esquina, tem um prédio abandonado que servia de clube para os moradores da Vila, tinha time de futebol, o São José Futebol Clube. Tinha festa com partido azul e vermelho para a escolha da rainha, esse prédio podia ser restaurado para moradia para o pessoal mais antigo da Vila. É um patrimônio, pois é um prédio desde que começou a Vila.

[...]

Eu trabalhei na associação mais antiga dos moradores da Vila, mas deixei quando parte da associação conseguiu mudar a encanação e a iluminação. Quem plantou tudo na Praça da Vila foi o João, por que gosta, não ganhou nada por isso. Outro patrimônio é a casa do Acrísio Moreira da Rocha; tinha também o riacho Jacarecanga, onde eu tomava banho por volta de 1960, havia uma ponte de madeira sobre o riacho, ao lado do muro da fábrica, o riacho começava no mercado São Sebastião; outra coisa boa era o ônibus de madeira de uma porta, do Oscar Pedreira, que fazia a rota da Vila, há mais ou menos 30 anos parou de passar aqui na Vila e no Jacarecanga; tem também o prédio da padaria, de um português, a primeira padaria aqui da vila, a gente só comprava o pão se comprasse o leite, se não tivesse o dinheiro para o leite não comprava o pão. Minhas recordações da Vila só são boas; eu batalhei muito para trazer melhorias para a Vila, organizava festas, time de futebol, festival de quadrilha, bingo, pic-nic em praias distantes. Não existe roubo do povo da Vila, só dos que vem de fora.

[...]

Lembro-me que às seis horas da noite todo mundo tomava banho para ir para a calçada, agora poucas pessoas sentam na calçada. [...] A primeira televisão aqui da Vila foi na casa da Dona Eliezita e do seu Monteiro, todo mundo ia assistir televisão lá tomado banho e cheiroso, o dono da casa verificava se estavam todos cheirosos e mandava entrar.

[...] Havia também um mercado no beco da lingüiça, meu pai tinha um bar São Francisco, vendia frutas, o Pedro Filomeno pediu para fazer um supermercado, mas nunca fez por que havia um depósito de fazer lingüiça, por isso o nome beco da lingüiça. [...] Mas o patrimônio maior para mim é a Igreja dos Navegantes, e isso ninguém nunca vai tirar de lá. [...]

O José Milton demonstrou muita afetividade com o Bairro e, especialmente, com a Vila, seu lugar de história de vida, mas também me pareceu meio desmotivado para continuar procurando melhorias para a Vila, haja vista que quem está na Associação agora é uma outra pessoa e que me pareceu não ser da sua amizade. O José, porém, como muitos outros, está me mostrando que os valores culturais estão ligados diretamente com suas histórias de vida e que tudo tem valor. E são valores que tem relação com sentimentos, com aquilo que fica na memória individual e ao mesmo tempo com a lembrança de muitos e forma a memória coletiva. Terminada a minha conversa com o José, saí caminhando para ir embora, mas, quando ia passando numa esquina, vi uma senhora e resolvi conversar com ela também. Na verdade, ela, a Maria Gomes Pinheiro, não se mostrou nem um pouco interessada, mas eu fui conversando devagarzinho e, embora não tenha me falado muita coisa, o que disse foi significativo. A Maria Gomes não mora nessa casa, pois usa a casa para uma vendinha, do tipo bodega, onde vende refrigerante, bombons, pão, queijo, biscoito, sabão, alho e outras mercadorias, e vende fiado também. Ela mora com o filho em outra casa da Vila, umas que chamam de apartamento, pois há uma casa no térreo e outra em cima, mas são pequenas também.

Tenho 74 anos de idade e vim para a Vila São José com 16 anos, moro aqui desde 1948. Não tenho muita coisa para dizer não, aqui está tudo muito diferente, ninguém liga mais para nada. Na rua da avenida – Rua Maria Luiza – tem asfalto, a praça é bem cuidada, tem jardim, boa iluminação, brinquedo para as crianças, o resto é todo mal cuidado. [...] Antigamente a Vila era toda murada, só tinha uma entrada, de frente para a fábrica, era tudo limpo e bem cuidado, enquanto o Pedro Filomeno era vivo, ele gostava de tudo organizado. A fábrica agora está falida, pagam os operários com almofadas e redes para que os operários vendam e apurem o dinheiro. O mais importante do bairro mesmo é a Igreja dos Navegantes, A Marinha e o Cemitério São João Batista, esses nunca vão sair daqui.

Veja-se que a Maria Gomes foi muito breve na sua fala, mas ressaltou coisas que outras pessoas já anunciaram como memória desse Bairro. Depois dessa pequena conversa ela descontraíu e conversamos sobre outras coisas, coisas de família e coisas pessoais que aqui não cabe, mas ao fim descobrimos, eu e Maria Gomes, que tínhamos uma ligação: a sua filha, Edna Gomes Pinheiro, é minha amiga e colega da Universidade Federal do Ceará, somos professoras do mesmo departamento. A partir desse momento, a Maria Gomes só foi agrado, me ofereceu refrigerante, biscoito, e ainda me deu um pedaço de queijo-coalho dos mais gostosos para levar para casa. Ao meio dia, me despedi, sem que ela quisesse me deixar ir, com mais uma amiga. Foi muito bom e fiquei de voltar por lá.

Descobri que no prédio onde estou, há um neto da minha madrinha, antiga moradora do bairro e já falecida. Conversando com ele, pedi os telefones da sua mãe, Eleonor, e dos seus dois tios, Caio e Tibério, gêmeos. Imediatamente, marquei uma hora com eles. Agora estou numa quarta-feira, dia 26 de abril de 2006, com entrevista marcada com o Professor Tibério. Dirijo-me para o endereço anotado, rua Professor Nogueira 356 – Parque Araxá, e na hora marcada, às 09h00min, estou em sua porta. Tibério me recebeu com muita satisfação, falamos um pouco sobre a família e logo passamos a falar sobre a minha pesquisa. Então, passei a palavra para ele.

Meu nome é Tibério Lóssio Botelho, tenho 73 anos, portanto minha memória não está mais muito boa, falha muito. Nasci no Juazeiro do Norte e em 1936 vim para Fortaleza direto para morar no Bairro do Jacarecanga. Morei 22 anos aqui, mas em 1958 casei e me mudei, mas minha infância e juventude foram no Jacarecanga. Estudei no Liceu e fui professor do Liceu por 40 anos, de geografia e história. Portanto, continuei a transitar pelo Bairro, não só por que trabalhava como também por que meus pais continuavam a morar lá. [...] Naquela época professor tinha um grande status, pois a educação era tudo, se valorizava o ensino. Quando meu pai ensinava no Liceu ser professor era igual a um cargo de desembargador, era tudo muito diferente. Muitos professores do Liceu saíram de lá para dar aulas na Universidade Federal do Ceará, pra você ver como era outro nível de ensino. Hoje, infelizmente, o Liceu não é mais o mesmo, o ensino caiu de qualidade, os professores não se dedicam mais como antes, mas também o salário não é mais o mesmo, na verdade o salário é uma vergonha. [...] Nessa época foram professores do Liceu Boanerges Farias, Hugo Lopes

(Biologia), Carlos Soares (engenheiro agrônomo), César Campelo, Osvaldo Cavalcante, Deoclecio Ferro, Monsenhor Quinderé, Parsifal Barroso. [...] Tinha professor da Escola de Aprendizizes de Marinheiros que era professor da Universidade. Professor era uma profissão muito respeitada e melhor remunerada

[...]

O Jacarecanga era um bairro tão bom que muitas pessoas, de todas as elites de Fortaleza, moravam lá, nomes como Dr. Pedro Sampaio; Carlos Picanço (engenheiro da Coelce, na época não era com esse nome); Desembargador Leite Albuquerque; Desembargador João Fontenele; Dr. Jurandir Picanço; João de Deus; Stenio Gomes; Acrísio Moreira da Rocha; o sociólogo Jader de Carvalho; a família dos Morais Correia; Thomas Pompeu Sobrinho; Ricardo Pamplona; a família Paracampos; a família do Sergio Salgado, fundador do primeiro mercantil na 24 de Maio; Dr. João Hipólito, diretor da Escola Normal, que depois passou a ser o Justiniano de Serpa como ainda é até hoje [...]

Das coisas boas e importantes do Jacarecanga, aquelas que podemos considerar símbolos para a cidade de Fortaleza, ainda temos algumas delas: o Corpo de Bombeiros onde esteve muita gente que foi preso político, o Fidelis Silva, por exemplo, não lembro de outros nomes, é como lhe disse a memória está fraca; o Colégio Liceu do Ceará; a Escola de Aprendizizes de Marinheiros; a Capela Jesus Maria José; a Igreja do Bom Pastor; a Praça Gustavo Barroso, teve uma época que era tudo areia e só tinha os Bombeiros e o Liceu. [...] Na Praça era muito bom, tinha retreta dia de sábado e os jovens iam para lá [...] Teve também comícios à noite, uma vez do Carlos Prestes e outra do Getúlio Vargas, era uma época de muita movimentação [...] Nós tínhamos também um clube, o Lorda, onde os jovens jogavam futebol e vôlei, à noite, e o Clube do Chorinho, ali na Rua Padre Mororó. Hoje está tudo muito diferente, o que é normal, mas podia ser melhor, conservar mais aquilo que fala da história da cidade. [...]

Depois de ouvir o Tibério sobre o Jacarecanga, ainda conversei outros assuntos, sobre a sua vida, seus problemas de saúde, a memória que está muito fraca. Mostrou-me a casa e as fotos da mulher, Anelita, falecida. Não tendo filhos hoje, mora só com sua

secretária, que vive em sua casa há muitos anos. Falei sobre a minha família, também, e terminamos nossa conversa. Despedimos-nos alegremente.

Dia 10 de maio e um belo e ensolarado dia de quarta-feira. Gosto do mês de maio, aliás, é o mês de que mais gosto, juntamente com o mês de dezembro, talvez por ser o mês do meu aniversário. Tenho encontro com Eleonor Lóssio Botelho, Leonorzinha, como chamava sua mãe, às 15h00min, na rua Conselheiro Estelita, 325. Foi um agradável encontro, pelo carinho e atenção com que me recebeu, as conversas de família que foram colocadas em dia e, especialmente, as conversas sobre o Jacarecanga sobre o que falou com tanto entusiasmo. Trago, portanto, muito da sua memória.

Meu nome é Eleonor, nasci nesse bairro, passei minha infância, minha juventude e hoje sinto uma diferença muito grande do Jacarecanga da minha infância, era um bairro mais íntimo, ou seja, você conhecia os vizinhos, você era amiga daquelas pessoas. Todos se conheciam, se visitavam, então eu como criança tinha uma liberdade que hoje as crianças não tem, por que nós passeávamos de bicicleta na praça, no quarteirão, a gente andava de patins o dia todo e não tinha aquela preocupação que existe hoje, por causa da tranqüilidade. Hoje nós não podemos contar com ela, nossos filhos são trancados.

Esse bairro para mim tem uma força muito grande, por que eu fui feliz aqui, [...] casei e fui morar fora, voltei e quis ficar aqui [...] essa casa aqui era perto da casa da minha mãe [...] terminei comprando a casa e continuo aqui. Meu marido que não é cearense é apaixonado pela casa.

É uma bela e aconchegante casa antiga, com um gostoso terraço, arcadas na frente e jardim, mas agora com muros altos, portão eletrônico, diferente dos originais, observei eu. Leonorzinha foi descrevendo tudo o que a sua memória podia lembrar, como a desenhar o que não mais existia. Estou cortando algumas coisas da sua fala, mas a vontade era de colocar cada palavra, cada pausa, cada sorriso, cada tristeza, cada saudade expressa pelo seu belo rosto de olhos azuis. Eu me senti com vontade de ter vivido nesse Bairro e senti saudade de morar em uma casa. É muito mais gostoso.

Aqui na esquina tinha aquela fábrica do sabão Asseptol, mas foram para o Distrito Industrial [...] a fábrica de redes já era mais perto dos trilhos [...] a população mais elitista ficava em torno da Rua Guilherme Rocha que é a rua principal. Eu me lembro que na Francisco Sá, que é a continuação da Guilherme Rocha, tinha na esquina o pai da Luiza Távora, o Moraes Corrêa, onde hoje é a SEFAZ [...] aonde hoje é o Edifício Carajás era a casa dos Vidal, uma casa belíssima que deu pena quando derrubaram para fazer o Carajás, uma casa que as janelas e as portas eram de cristal besuntado [...] parecia casa de cinema [...] tinha uma vila, se não me engano, eram quatro casas, conjugadas no meio e dos lados tinha entrada, na primeira morava o Dr. Livino Pinheiro que em segundas núpcias casou com a filha do Moraes Corrêa, que era irmã da mulher do Virgílio Távora, a Luiza Távora. [...] na esquina de lá era a casa do Pedro Filomeno, um industrial, a maior fortuna da época [...] a casa era muito recuada, não tinha uma arquitetura que marcasse, como a casa vizinha, do Brasil Pinheiro, advogado muito conceituado, foi Chefe do Gabinete do Interventor Menezes Pimentel, mais pra lá tinha a casa do Cordeiro Neto. Adentrando pela Francisco Sá tinha o Dr. Olinto Oliveira. Nessa vila do Pedro Filomeno, que é uma vila que as casas são lindas, onde hoje tem um salão de beleza, a vizinha dela morava o desembargador Leite Albuquerque e mais adiante a casa do Zé Pinto um cara que era industrial. Então isso aí centralizava aquelas cabeças pensantes. Estênio Gomes que foi governador, Flávio Marcílio morou naquela casa que é parecida com a Reitoria da UFC, na Rua São Paulo.

Na esquina da Rua Padre Mororó, vindo de lá para cá no lado direito tinha a casa dos Hortêncio Aguiar, médico, que agora está acabada e toda fechada de tijolo nas janelas. Tinha, também, a casa dos Acioly, o famoso interventor por 16 anos do Ceará, uma casa histórica, inclusive o Acioly quando veio a revolução de 12 a revolta, apeou o Acioly daqui, ele ficou acuado pelas tropas e se escondeu aí na casa antes de fugir, é uma casa histórica e linda, todo o beiral da casa era trabalhado. Foi destruída acerca de uns 3 a 4 anos, em oito dias derrubaram e tiraram todos os tijolos [...] nessa casa funcionou por muito tempo a Secretaria de Educação [...] acho triste nos cearenses é que ele não zela pela sua história.

Havia algum movimento político na Praça do Liceu? Não lembro, mas uma coisa que nunca esqueci foi o último bonde. Eu devia ter de 7 para 8 anos e ia todo dia com meu

pai na casa do meu avô, que era diabético, para papai aplicar a insulina e nesse dia nós estávamos indo na esquina da Filomeno Gomes quando ia passando o último bonde, e os alunos do Liceu, sempre brincalhões, amarraram umas fitas na frente do bonde, uma vela, e iam tudo atrás chorando [...] eu acho que era por volta de 1948. Lembro-me também das músicas que os alunos do Liceu faziam, por que nós tínhamos uma linha de ônibus que era do Oscar Pedreira que fazia a linha do Jacarecanga [...] os alunos implicavam muito por que, como ele era dono da empresa, subia as passagens de ônibus e isso prejudicava os alunos menos abastados, então eles faziam muita coisa, quebravam os ônibus, faziam chacota. Tinha até uma música de carnaval muito em moda que eles adaptaram “ô jardineira por que estais tão triste [...]”, e eles cantavam “ô Pedreirinha por que estais tão triste, o que foi que te aconteceu, foi a canalha lá do Liceu que quebrou teus ônibus e depois correu, vem Pedreirinha, vem carequinha, não fique triste que este mundo é todo teu [...]”, o resto não me lembro. [...]

Mas o ônibus do Oscar Pedreira é uma coisa interessante da gente resgatar como eram os ônibus daquele tempo, por que hoje você anda nesses ônibus todos muito chiques, altos, janelas de vidro, naquele tempo eram tudo de madeira, com as janelinhas de persianas e aí quando chovia tinha de fechar, era uma beleza. Fazia ponto na Praça do Ferreira, atrás do ônibus do Benfica, quando eu ia pra aula, no Dorotéias, eu tomava o Jacarecanga, descia e tomava o Joaquim Távora. Era muito bom.

*Me diz uma coisa: tinha clube? Aqui na Guilherme Rocha tinha a casa do Doutor João de Deus Cavalcante que era o dono do cartório, ele tinha muitos filhos rapazes e depois que se mudaram fizeram uma banda, não era um grupo de chorinho não, às vezes eles se reuniam e faziam uma sessão de dança, mas tudo muito simples e foi por pouco tempo, era como um clube. Outro clube eu não lembro. E esse clube de chorinho? É aqui na Padre Mororó, mas é coisa mais recente, não sei qual a época. **E cinema, tinha algum?** Aqui no bairro não tinha, o cinema era o Diogo, e a sessão preferida era das 4 horas da tarde, a mais chique, e todo mundo ia com a roupa melhor, mas era muita gente mesmo, tinha empurrão, não dava para ninguém se virar. Tinha gente que perdia sapato, pulseira etc. Quando inaugurou o São Luiz, não tem a nada a ver com o Jacarecanga, mas é uma coisa que você deve saber como cearense, foi uma coisa linda, foi um mês de festival, todo dia um filme*

diferente. Para você ver a moral da época, eu e minha tia queríamos ir todos os dias, e mamãe dizia: vocês vão ficar faladas [...] Se ela visse como as coisas estão hoje.

Havia aqui algum encontro político na Praça do Liceu? Tinha, dos estudantes, naquele tempo eles eram muito mais atuantes do que os de hoje. Eles faziam passeatas, manifestação contra alta de preço de ônibus, contra tudo, acho que o que fez os alunos do Liceu se calarem como são hoje [...] Foi a revolução, que não é revolução, foi golpe de Estado, acabou com os movimentos estudantis do Liceu. Antes eles eram atuantes, foram muitos presos e outra coisa é que essa dita revolução foi o maior estrago que causou no Brasil [...] acabou com as lideranças, não tem mais, tem essas porcarias que estão por aí.

Havia carnaval aqui no bairro? Assim muito pouco, carnaval nunca foi o forte de Fortaleza, tinha o curso na Dom Manuel. Mas tinha algumas coisas interessantes que era bom resgatarmos. Os tipos de rua, como uma louca que se chamava Ferrugem, conhecida de todo mundo aqui [...] a cabeça dela era toda raspada, só tinha uma faixa de cabelo bem aqui no meio assim, os meninos do Liceu começavam a aperriar, ela tirava a roupa todinha, ficava totalmente despida, aí os bombeiros vinham e enrolavam ela num lençol e levavam pro quartel e a Ferrugem ia embora. Tinha outros mas a que mais marcou foi ela [...] às vezes ela ia pra calçada lá de casa, na Otto de Alencar e o papai botava ela pra dentro e dava comida enquanto os meninos se esqueciam dela. Isso era por volta de que época? Isso em fins de 40 começo de 50, eu acho até um pouco mais ela viveu por aí.

Foi mais ou menos em 1950 que as pessoas começaram a sair do Jacarecanga? O Bairro deixou de ser elitizado? E as pessoas foram para a Aldeota? Foi mais ou menos nessa época, mas foi mais ainda, por volta de 1964, quando meu pai morreu, o Doutor Olinto ainda morava aqui, o Chico Filomeno e o Desembargador Leite. Algumas pessoas continuaram aqui, mas, quando a elite econômica e social foi comprando seus imóveis, se mudaram para a Aldeota? É, mas muitos ficaram aqui, por exemplo, o Dr. Turbay Barreira que era médico, que morava aqui na nossa esquina, e a mulher dele tanto fez para que saíssem que dizem que ele se mudou num dia e na manhã do outro dia ele teve um infarto e morreu. O Dr. Turbay Barreira dizia para meu marido: " Ah, não vamos sair daqui por que nós somos os guardiões do Jacarecanga". Tinha o Dr. Chico Olavo, advogado, morava ali na esquina, vizinho ao

Fabiano [Bar do Fabiano, na rua Oto de Alencar com Guilherme Rocha]. Antigamente as casas eram todas suntuosas, mesmo as mais simples eram bonitas, você ainda pode ver alguns resquícios delas pelo bairro. A sua casa era uma das casas boas e bonitas do Bairro. Eu me lembrei quando entrei aqui por causa das arcadas, o terraço era todo circundado por essas arcadas, a parede meio acinzentada, com pedra ao redor das arcadas. Também havia umas meias-colunas com jardineiras sempre floridas. Apesar das poucas vezes que estive lá, não me esqueci, acho que é por que gosto de casa, não sei. Outra coisa que mudou aqui foram os muros das casas, subiram todos. Por exemplo, este portão não combina com o estilo da sua casa. Ele era baixo e era lindo, mas nós fomos forçados a subir o muro, por que todo mundo era assaltado aí fora. E a gente pra continuar morando aqui tem que se adaptar.

Aqui tinha uma capelinha Jesus Maria José onde no mês de maio, às sete horas da noite, tinham as novenas, que eram concorridíssimas, a igreja era cheia. Era uma grande família esse bairro, no mês de junho tinha as novenas do Coração Sagrado de Jesus, a missa do galo também era muito concorrida. Muito importante também, eram os colégios, tinha o colégio do Dr. Domingos Barroso, o Instituto Monsenhor Tabosa, foi onde eu estudei e me alfabetizei, que era conhecido por que ele era professor do Liceu, e naquela época o homem era mais valorizado, mas quem dirigia o colégio era Da. Rita, sua mulher, uma grande educadora. Aqui a gente era muito bem provido de colégios, por que tinha o Liceu, o Juvenal Galeno, o Instituto Monsenhor Tabosa, o Rosa Gatorno, o Nossa Senhora de Lourdes.

Ouvi dizer que aqui existia uma vila muito conhecida. Isso aí é do tempo dos Salgado, a Chácara dos Salgado, era a Vila Itapuca, a casa era linda, um quarteirão todo, ficava ali entre a Rua Princesa Isabel e Teresa Cristina, onde hoje é um prédio da Secretaria da Educação. Na década de 50 a família loteou tudo e fizeram muitas casas boas, mas hoje esta tudo acabado. Aqui também tinha uma lagoa, onde hoje é a Francisco Sá, onde as pessoas passeavam até de barquinho. Você chegou a ver essa lagoa? Não, não cheguei a ver por que isso foi em 12, é difícil alguém que tenha visto, por que quem tem cem anos não está com a mente muito boa para contar. Houve uma época, também, que fizeram um projeto para colocar em cada rua a história e os dados da pessoa, por exemplo, a Rua Guilherme Rocha é por causa do Guilherme Rocha que foi prefeito da cidade de Fortaleza, seria muito interessante que isso fosse feito, com uma boa pesquisa se descobria todo esse pessoal. Mas

eu gostaria de fazer um movimento pra que o nome das ruas do centro voltassem a ser os originais. Era lindo, Rua Formosa, a Barão do Rio Branco, no Recife tem essa qualidade, ainda hoje se você andar no centro do Recife tem o beco da mijada, que acho muito interessante. Por hora é o que me lembro, qualquer coisa importante que me venha à memória eu lhe aviso.

Às vezes penso que estou trazendo muito da fala dos meus entrevistados, mas é que acho tudo tão valioso, tão significativo, pois elas vão mostrando aos poucos todos os aspectos da formação da cidade de Fortaleza e de seus moradores, seus comportamentos e o afeto presente em suas falas, e com isso, o desenho da história do bairro do Jacarecanga.

Estou numa quinta-feira, dia 18 de maio de 2006, e hoje vou conversar com uma pessoa muito especial, que conheço há aproximadamente quinze anos e só soube que morava aqui no Jacarecanga quando iniciei o doutorado e reunimos algumas pessoas para discutir sobre o Bairro para, quem sabe, reavivar a Sociedade Amigos da Jacarecanga, da qual já falei no início deste trabalho, e ela é uma das mais interessadas. Acho que ela é uma pessoa muito envolvida com movimentos sociais. São 17h00min e acabo de chegar a sua casa. Com a simplicidade que lhe é peculiar, recebeu-me com alegria e um forte abraço. Conversamos algumas amenidades e logo iniciamos a falar sobre o Jacarecanga. Como sempre faço, explico sobre a pesquisa e depois me mantenho mais na escuta, algumas poucas intervenções, quero sempre que a pessoa com quem converso se sinta bem à vontade para falar, e o resultado é sempre muito bom, tenho gostado.

Meu nome é Maria Quintela de Almeida e moro no Jacarecanga há 25 anos. Estudei no Liceu, mas morava no Sítio São José do Tatu Mundé, onde hoje é a estrada da Urucutaba. Os líderes estudantis freqüentavam a minha casa e faziam muitos almoços do Centro Estudantil Cearense do movimento estudantil político por volta de 1952, o morador do sítio era o Manuel Lima Soares. Lembro-me que iam a Eneide Façanha, o Otávio Santiago (cantor), o Aquiles Perez Mota, Argos, tinha poucas moças, mas tinha poetas, que declamavam poesias de Castro Alves, cantavam. Tinha estudantes do Liceu, do Direito, da Medicina, da política. Conheci Jacarecanga através deles. Eu vim estudar em Fortaleza no Colégio Maria Goreti para ganhar uma bolsa até a faculdade, mas fiz um concurso de

redação para a Embaixada de Portugal e fui premiada no Liceu, deixei a bolsa do Maria Goreti e fiquei no Liceu estudando de Graça. Fiz o clássico em 1964.

Passaram pelo Liceu antes do golpe militar de 1964 vários grupos: o JOC – Juventude Operária Católica, o JUC – Juventude Universitária Católica, o JEC – Juventude Estudantil Católica, o Movimento Secundarista, o Partido Comunista, e o programa de rádio com o Matos Dourado, era um programa de calouros que terminava com festa, coral e entrega de medalhas. Era muito legal.

Em 1960 eu morava em Parangaba, depois fui para o Pirambu, e por essa época rompi com a igreja e me voltei para o partido comunista. Morei também na Vila São José, e era muito bom, a vila tinha autonomia, tinha bares, lojinhas, e havia um glamour nas festas. Eu usava o meu vestido verde-água de bolinhas brancas, era lindo, mas eu só tinha esse vestido para ir às festinhas. Mas havia na Vila São José um sentimento de excluídos, um sentimento de não pertencimento ao grupo elitizado que morava no bairro, já que os moradores da Vila eram os operários da Fábrica de Redes São José e não foi escolha deles morar ali, mas, sim a oportunidade de morar sem custos e perto do trabalho, enquanto os outros moradores do Bairro eram médicos, advogados, professores, políticos, empresários, dentre outros, e suas trajetórias de vida muitos diferentes.

Nós tínhamos muitas coisas boas aqui nesse bairro. Os grandes professores dessa cidade passaram pelo Liceu. Em 1964 tinha o Museu de história Natural, era uma beleza e muito bom para o aprendizado dos estudantes e da comunidade em geral. Havia também a Cooperativa, que comprava material para vender mais barato para os alunos, foi o Auto Filho o idealizador dessa cooperativa. Nessa época homens e mulheres estudavam em turnos diferentes, manhã e noite eram os homens, e à tarde as mulheres.

Quintela, aqui no Jacarecanga havia algum clube? Ah, sim, tinha o Santa Cruz Esporte Clube, onde além do esporte se realizavam matinês, encontros literários, era um local muito forte pelas reflexões trazidas pelos textos literários, e que todos sabemos trazia embutido em seu conteúdo aspectos da política, da filosofia e da estrutura social.

Parece-me, por tudo o que já ouvi de você, que aqui havia uma preocupação com o movimento político e os problemas sociais? *Aqui foi palco de muitas coisas. Eu assisti à invasão do exército no Liceu do Ceará, foi horrível. Eles levaram livros, bandeiras, quadros e as coisas das salas, não se incomodavam com nada. E fecharam o CLEC⁴², não lembro exatamente o significado da sigla, mas era um centro de reunião dos alunos. Depois da invasão os alunos voltaram a se reunir, tentaram reabrir o centro, mas não conseguiram. O Liceu era o centro do movimento de tudo, as passeatas saíam da Praça do Liceu e se juntava a outros grupos até o Centro. Havia uma ocupação da Praça para muitas coisas, inclusive para namorar e conversar, e ir lanchar no Bom Pastor, que era uma coisa muito boa.*

Você foi a primeira pessoa que fez referência a esse momento horrível de perseguição militar a todos os militantes políticos de esquerda. Isso é muito interessante, até porque você também fazia parte desses movimentos; mas que outros movimentos havia aqui no Bairro para trabalhar o aspecto cultural? *Bem, em 1985 e 1986 havia a feirinha, com comidas típicas e outras barracas com coisas artesanais feitas pelos moradores do bairro. Tínhamos o bloco de carnaval “Jacaré na praça”, em 1990, com boné e camiseta com jacaré com desenho do Garfil. Tínhamos também a Sociedade Amigos do Jacarecanga, criada para defender o patrimônio e sensibilizar as pessoas sobre a riqueza que existia no Bairro, além de mostrar os talentos que ali residiam. A Sociedade, como já afirmei, tinha camiseta e tudo. Vou dar uma camiseta para você e uma para o Zito, ainda tenho algumas guardadas. Foi uma pena não ter tido continuidade, pois talvez tivéssemos salvaguardado mais as memórias patrimoniais desse bairro.*

Por volta de 1990, no primeiro governo do Juraci, tinha um programa na Praça, o Domingueira na Praça, era uma maravilha. Colocavam muitas faixas, boladas pelo Carlos Paiva, para chamar a atenção da população. A intenção desse programa era muito boa, pois era para falar da história do bairro, resgatar as brincadeiras e os brinquedos tradicionais, pião, currupio, peteca, cara de gato, perna de pau, dama, xadrez etc. Tinha esporte também, as comidas típicas e um sebo de livros e discos. Era tudo de bom para que pudéssemos

preservar a história do bairro e passar para os mais jovens e para a cidade de Fortaleza a importância desse bairro na construção da cidade.

Quintela, e dessas memórias de que você falou, o que considera patrimônio hoje? *O Liceu; os Bombeiros; o Colégio Juvenal Galeno; o vento carinhoso e suave característico da Praça por volta da 19h00min às 19h40min horas; o caminho permanente para diversas direções e o passar de gente das mais diferentes. Lamento que o mito das casas bonitas, famílias poderosas não está sendo passado para as novas gerações, e que o mito do bairro mãe da cidade de Fortaleza esteja esquecido, pois faz parte da nossa história.*

Ouvir a Quintela é muito bom, porque ela fala de tudo com muita intimidade e entusiasmo, mas, também, com saudade, pelas coisas boas e instigantes que ali viveu, e com tristeza pela falta de cuidados dirigidos ao Bairro Mãe da cidade de Fortaleza, sua memória e o que resta do seu patrimônio, na medida em que ela foi uma das pessoas que lutou pela Sociedade Amigos da Jacarecanga, que colaborou na feirinha e no programa Domingueira na Praça, e viu tudo ir se perdendo no tempo, sem que outras pessoas se preocupassem com esse lugar e a sua história.

Agora estamos em uma sexta-feira, 20 de maio de 2006, às 09h00min da manhã, na casa do Caio Lóssio Botelho, na rua Oto de Alencar, número, casa onde moraram seus pais e meus padrinhos. A casa é grande, com jardim, grande terraço, e arcadas ao redor de todo o terraço. Os muros agora estão altos. São as necessidades dos tempos atuais de segurança e privacidade, mas ainda conserva no seu interior o traçado original e algum mobiliário. Creio que são as memórias daqueles que por ali passaram que continuam presentes para lembrar a sua história.

Caio é professor de Geografia e tem vários livros publicados. Expliquei a ele sobre a minha pesquisa e, como sempre, deixei-o à vontade para falar, sem muitas perguntas ou quase nenhuma. Caio procurou falar um pouco de tudo, aspectos gerais, os indultos culturais, o contexto social, o lazer e alguma coisa de política, sempre enaltecendo a importância do Bairro e da cidade de Fortaleza. Vamos ver o que ele tem a dizer.

Eu não nasci aqui no Jacarecanga, nasci no Juazeiro do Norte, mas vim morar aqui em 1935, foi uma marca para mim, jovem adolescente, pois captei todas as nuances do processo evolutivo da cidade. Fortaleza em 1910 era sem alternativa. Até 1910 e começo de 1920 o Estado mais pobre da Federação era o Ceará, começou a melhorar em fins de 10 e começo de 20, pois o sertão do Ceará era semi-árido, até então a atividade econômica era o criatório do gado, com o suplemento do ciclo do açúcar. Por essa época a liderança econômica ficava em Pernambuco, com o açúcar, depois Recife perde a liderança econômica para Salvador.

Fortaleza, em minha opinião, cresceu como decorrência, concomitante, de alguns elementos, e dentre eles destaco o Porto do Mucuripe, a Universidade Federal do Ceará criando lideranças intelectuais, econômicas e humanísticas em busca de um ideal, a cidade então começou a deslanchar, começou uma organização demográfica, a construção da hidrovía na Barra do Ceará – hidroporto, construção da fábrica de locomotivas da REFGSA na Francisco Sá, a bonita Estação João Filipe, de 1873, cearense idealizador da rede ferroviária do nordeste na década de 20 e 30, o Porto das Dragas, onde se faziam o embarque e desembarque de mercadorias naquele tempo, e tudo isso provocou uma polarização social, econômica e cultural muito grande na cidade de Fortaleza. O bairro da Aldeota no passado era o Jacarecanga.

Não consigo gostar, embora tenha morado toda a minha vida na Aldeota, quando fazem essa comparação. Em minha opinião, não podemos comparar um bairro que trouxe os primeiros indultos culturais, como afirmou o Caio, as primeiras fábricas, as casas mais antigas e mais bonitas com materiais vindos da Europa, onde ocorreram embates de movimentos políticos, e tantas outras coisas que contribuíram para a construção da cidade de Fortaleza, não podem ser comparadas a um bairro novo só por conta de um modo “chic” de ser. Na verdade, o bairro da Aldeota, quando da migração das pessoas de outros lugares para lá, não oferecia nenhuma infraestrutura para seus moradores. Não havia rede de esgoto nem de água, não havia transporte coletivo, tampouco infraestrutura de comércio. Só muito depois é que o bairro foi ganhando alguns pontos de apoio para seus moradores. Vamos ao relato de Caio.

No rol dos indultos culturais do Jacarecanga destaco em primeiro lugar o Colégio Liceu do Ceará, marco fundante da educação da cidade de Fortaleza, estudar no Liceu era ponto crucial para assumir uma liderança; o Corpo de Bombeiros, ícone de segurança e respeito da cidade, tinham colégio noturno e curso primário; o Colégio Juvenal Galeno. A cidade foi metrópole com o bairro. O Jacarecanga tem papel histórico para consolidação da cidade com líderes políticos: governador Stenio Gomes, prefeito Acrísio Moreira da Rocha, diretor da Faculdade de Direito Otávio Lobo, médico Pedro Sampaio, Prof. Martins Aguiar (português), advogados João de Deus Cavalcante e Olinto de Oliveira, Dr. Wandik Pontes (psiquiatra), Dr. Brasil Pinheiro, engenheiro Carlos Morais Picanço, Dr. Jurandir Picanço, Fernando Leite, Dr. Tomás Pompeu Sobrinho, e outros mais.

Você sabe, Fátima, grande parte dos governantes morou no Jacarecanga naquela época, e saíram grandes líderes nacionais, como Tomás Pompeu Sobrinho, Fernandes Távora e o Senador Odorico de Moraes. Foi aqui no Jacarecanga a primeira fábrica de tecidos, a primeira fábrica de redes, a empresa de ônibus Oscar Pedreira, e foi da época áurea desse bairro que se deu a quebra da polarização do Recife sobre o Ceará, com as exportações que se expandiram, em especial o algodão e as frutas regionais.

Bem, agora vejamos, no lazer nós tínhamos o cinema Nazaré e o Rex, que eram perto do bairro, portanto serviam aos moradores, o Clube Santa Cruz na Rua São Paulo com Padre Mororó, freqüentado pela classe média e baixa. Tinha também as retretas na Praça da Lagoinha que eram uma maravilha. O melhor hotel da época era o Hotel Excelsior. Nós tínhamos muitas casas bonitas e suntuosas, a Vila Itapuca – residência do Cel. Salgado, pai do Luciano Salgado, tudo foi vindo da Inglaterra, mas o palacete do Tomás Pompeu é o mais antigo, a Vila São José surgiu como decorrência da fábrica de redes e tecidos Filomeno Gomes, mas agora quase tudo está acabado aqui no Jacarecanga, não se conservou quase nada, foram transformando tudo em prédios muito diferentes daquelas casas bonitas e as pessoas foram saindo aos poucos Nos anos de 30 e 40 os comícios políticos eram na Praça José de Alencar ou na Praça do Liceu. Enfim, tudo passava pelo Bairro do Jacarecanga, política, educação, lazer, economia, e não podemos nos esquecer disso.

A cada encontro e a cada conversa, vou descobrindo o retrato do Jacarecanga que não tive a oportunidade de conhecer, e tentando cruzar as conversas para ver o que há em comum com as diferentes falas que estou ouvindo, o que existe de memória coletiva nessas falas.

Desde que comecei esta pesquisa, olho para o casarão, como chamam a casa do Tomás Pompeu Sobrinho, que fica na Francisco Sá, pertinho da esquina da Praça do Liceu com a Filomeno Gomes. É uma casa suntuosa, com escadaria na entrada principal e hoje está pintada de amarelo com detalhes em branco. É nessa casa que hoje funciona a Escola de Artes e Ofícios Thomas Pompeu Sobrinho. Boa utilidade está sendo dada para ela, com alunos que foram selecionados entre 2500 candidatos. A Escola oferece cursos de Xilogravura, Arte em Couro, Brinquedos e Restauração (portas, janelas, prédios). A estrutura da casa foi toda recuperada, procurando manter suas características originais, pisos que são diferentes nos diversos ambientes, portas, escadas internas, sótão, porão, jardim e a parte dos fundos, tudo está muito bem cuidado. A casa, ao meu olhar de quem gosta das casas antigas, é maravilhosa. Fico encantada quando entro por lá ou então quando fico olhando do alto do apartamento que me possibilita uma boa visibilidade da casa, pois, é imponente e ao mesmo tempo acolhedora. É difícil para eu descrever exatamente o sentimento e o entusiasmo que me envolvem quando me encontro nesses lugares. É um misto de admiração, nostalgia, vontade de ter vivido ali. Não sei explicar ...



Palacete Tomás Pompeu, onde está a Escola de Artes e Ofícios do Estado do Ceará



Escada para o primeiro pavimento com madeira original e pintura das paredes restauradas



Fundos da casa hoje espaço de aula e apresentações artísticas

Estou numa sexta-feira, 18 de agosto de 2006. São 15h00min, e vou conversar com a família do Tomás Pompeu Sobrinho. Marquei encontro com os irmãos Alice Pinheiro Pompeu e José Maria Pinheiro Pompeu, ambos netos do Tomás Pompeu. O encontro se deu na casa da Alice, na rua Senador Catunda, número 363, perto do *Shopping Benfica*. Iniciei minha conversa, portanto, com Alice.

Nasci em Quixadá, onde meu avô tinha uma fazenda, em 1936, estou com 70 anos. Vim para o Jacarecanga em 1954, aos 24 anos de idade. Morei por 52 anos lá no bairro. Quando eu morava no Jacarecanga o que eu mais gostava era daquelas casas antigas, eram muito bonitas, das minhas amigas que moravam lá, do meu avô e da minha avó. Eu estudava no Colégio Lourenço Filho e o bairro era muito calmo. Moravam no bairro prefeitos, o governador Stenio Gomes; na casa onde hoje é a SEFAZ moravam os Moraes Correia, a casa tinha uma linda escada de ferro; na casas da vila do Pedro Filomeno, na Francisco Sá, vizinho a casa do meu avô, moravam o Virgílio Távora, o José Vidal, Otoch e outros mais; o

Dr. Adriano Martins, magnata do sal, morava na Francisco Sá. Minha maior lembrança do Jacarecanga é o Liceu e o momento em que me encontrava com as minhas amigas na Praça.

Nesse momento Alice sugeriu que seu irmão, José Maria, começasse também a falar, e assim foi feito. Deixei-o à vontade.

*Nasci e morei por mais de 40 anos no bairro (aproximadamente 42 anos). Sai de lá em 1997, a casa era muito grande para tomar conta além da manutenção que era muito alta. O bairro do Jacarecanga a princípio era de chácaras, sitiantes, depois é que virou bairro nobre. A casa do vovô começou em 1924 e terminou em 1929. A casa tinha 36 compartimentos e 5 pavimentos – um porão, um andar intermediário, um segundo piso onde ficava a biblioteca, e o sótão com dois pavimentos. O mais interessante é que uma casa tão grande, com 15 quartos, só tinha dois banheiros. O material do casarão, como era chamado, veio todo de fora: as portas de cedro e o piso de sucupira vieram do Pará; o cimento, o mosaico e os azulejos vieram de Portugal; o mármore veio da Inglaterra; os lustres vieram da França, em estilo **art nouveau**; a casa saiu por cento e um contos de réis. Tem uma casa igual em Portugal, na Galícia. Mas a casa mais bonita era a da família Por Deus que ficava na praça.*

Um dia o Parsifal Barroso perguntou ao meu avô, Tomás Pompeu de Sousa Brasil Sobrinho, por que uma casa tão grande. Meu avô respondeu: primeiro para abrigar os dez mil volumes da minha biblioteca, segundo por que quando fico fatigado gosto de passear pela casa, e terceiro por que gosto de olhar o mar. Mas meu avô nunca ficava fatigado, era incansável, uma vez passou seis meses viajando pelo Ceará pesquisando sobre os índios, ele era antropólogo. Meu avô só teve um filho, meu pai, José Pompeu de Sousa Brasil, que, por sua vez, teve nove filhos, e eu sou o segundo, Alice é a mais velha, eu tenho 62 anos. O meu avô nasceu em 09 de novembro de 1880 e morreu em 16 de novembro de 1967, com 87 anos. Era um homem simples, dócil, bom, recebeu a Primeira Medalha da Abolição na gestão do Virgílio Távora e como reitor o Martins Filho.

A origem do nome da família vem de Pinto de Mesquita de Portugal da Vila de Sousa; da admiração que tinha pelo imperador romano Pompeu; e Brasil por amor a pátria, portanto ficou Tomás Pompeu de Sousa Brasil. Ele nasceu em Santa Quitéria e casou com

Telismina Carolina Filgueiras, e como era padre pediu licença ao Papa Luis III para casar, e teve quatro filhos.

Foi muita travessura naquela casa, momentos muito felizes, muito leite, muito queijo, muita fartura. Saímos da casa por que era muito grande e não tinha condições de cuidar. A biblioteca do meu avô foi doada para o Instituto do Ceará. O vovô fazia Manual de Antropologia, fazia pesquisa sobre os índios, e quando os índios vinham do Maranhão se hospedavam no casarão, no porão.

No Jacarecanga tinha o SAPS, lugar o pessoal da indústria almoçava, hoje é a escola dos bombeiros; tinha cultura e como tinha; os maiores médicos; os mais ricos moravam lá; as indústrias: de rede - do Pedro Filomeno, de refrigerante e de sabão – do José Pinto do Carmo, a empresa de ônibus – do Oscar Pedreira, Colégio do Liceu, o Corpo de Bombeiros, e moravam no bairro Alberto Silva, Flávio Marcílio, Pedro Filomeno, Olinto Oliveira (advogado) que morava em frente ao casarão, como era chamada a casa do meu avô. Tinha a vila do Pedro Filomeno que foi construída a pedido de D. Maroquinha, sua mulher, e ficam do lado do casarão, uma do lado esquerdo e a outra do lado direito e em estilos diferentes.

A cultura do povo que morava no Jacarecanga era a mais importante, tinha festa de São João, festa de Natal, tinha movimento dos políticos por que os políticos moravam lá, Cordeiro Neto, Flávio Marcílio, Stenio Gomes, Virgílio Távora e outros. Tinha o Lorda Sport Clube, na Coronel Filomeno Gomes, o Ponte Preta, o Jacarecanga e outro que não lembro o nome. No Jacarecanga tinha muita coisa importante para a cidade de Fortaleza, o Lar Torres de Melo, instituição de grande utilidade para a cidade, o Serviço Nacional da Indústria – SENAI, instituição que ainda hoje continua no bairro e atende a uma boa parcela da população com cursos profissionalizantes, Educandário São Domingos, conhecido como o colégio do Domiguinhos), do seu Domingos e da D. Rita. Mas o mais importante era o Liceu, a maioria dos homens de destaque da cidade estudaram no Liceu: Livino Pinheiro, Castelo Branco, Virgílio Távora, Parsifal Barroso, Pedro Borges, Pedro Sampaio e muitos outros.

Na época das férias o Pedro Filomeno abria as portas da sua casa para o pessoal jovem do Jacarecanga tomar banho de piscina, jogar e lanchar, ele era muito querido. O bairro do Jacarecanga ia da Praia dos navegantes, hoje leste-oeste, até o Jardim Japonês, aonde hoje é o Pão de Açúcar, era um jardim grande dos Fujita, e ia do trilho, do lado da Francisco Sá até a Praça da Lagoinha.

Gostei muito da fala do José Maria, pelo entusiasmo com que falou sobre todas as coisas, a alegria de lembrar das suas brincadeiras no casarão, do leite tirado do peito da vaca, do queijo feito em casa mesmo, dos passeios para a fazenda no Quixadá, de uma grande saudade do tempo vivido no Jacarecanga. Creio que deve ter sido muito bom mesmo, fazendo muitas travessuras, sem medo de nada, como me disse ele, numa casa grande e maravilhosa, um tempo em que mais coisas eram permitidas às crianças, tinham mais liberdade para ir e vir, pois os perigos eram menores. A família Tomás Pompeu pode dar um grande estudo.

Estou em setembro de 2006, dia primeiro, uma manhã de sexta-feira. Resolvi fazer um percurso, começando no início da avenida Bezerra de Menezes em direção à Praça do Liceu, porque, aliás, todos os meus percursos começam ou terminam na Praça. Saí a caminhar e em primeiro lugar passei no SENAI, instituição que vem ao longo dos anos prestando um trabalho de grande valor para a sociedade cearense. O Senai-CE foi a primeira delegacia da região Norte e Nordeste, ligada aos Estados do Amazonas, Pará, Maranhão, Piauí, Rio Grande do Norte e Paraíba. Hoje cada Estado tem federação própria.

Na verdade, o ensino de ofícios no Ceará data de 1856, através da Lei Provincial de número 759, quando foi criado o Colégio dos Educandos, destinado mais a receber meninos desamparados do que ensinar técnicas das profissões manuais dentro da classe operária.

A história do SENAI começou quando, em 1941, o Presidente da República Getúlio Vargas incumbiu o Presidente da Confederação Nacional da Indústria, Euvaldo Lodi, e ao Presidente da Federação das Indústrias de São Paulo, Roberto Simonsen, e ao industrial Valentin Bouças, de encontrarem uma solução para o ensino profissionalizante dos aprendizes nos estabelecimentos fabris. Em 22 de janeiro de 1942, foi criado, pelo Decreto-Lei de

número 4048, o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – SENAI. No Ceará, o SENAI inicia com o engenheiro Antonio Urbano de Almeida, primeiro diretor regional, em 1943, e funcionou por algum tempo, em seu começo, no Grupo Escolar Arraial Moura Brasil. A partir de 1944, o SENAI-CE, com 63 anos de existência, funciona na atual sede, próximo ao Colégio Liceu do Ceará. O SENAI oferece muitos cursos, nas áreas de metal-mecânica, refrigeração, gráfica, turismo, costura industrial, cursos de educação à distância e unidades móveis de ensino. Atende em vários municípios, como Juazeiro do Norte, Crato, Cedro. O SENAI é uma instituição que tem formado muitos profissionais que hoje possuem as próprias empresas, e é de grande utilidade na formação profissional de muitos jovens no Ceará.

Saindo do SENAI dirigi-me ao Lar Torres de Melo, associação civil de direito privado sem fins lucrativos, de caráter exclusivo de assistência social e promoção humana. Fundado em 10 de agosto de 1905, têm como finalidade prestar assistência integral a pessoas idosas carentes, de ambos os sexos, considerando os dispositivos constitucionais – Lei 10.741 de 01 de outubro de 2003, Estatuto do Idoso, e da Lei 8742 de 07 de dezembro de 1993, Lei Orgânica de Assistência Social. O Lar Torres de Melo abriga 240 idosos e desenvolve vários projetos: Projeto Conviver; Projeto Reviver, que promove bazar, farmácia viva, forró viva bem, feiras e atividades promocionais; Projeto Idoso Cidadão, que estabelece parcerias com escolas, universidades e empresas no programa de responsabilidade social; e o Projeto Voluntário, que conta com a colaboração de quantos desejam se engajar nesse trabalho. O prédio do Lar Torres de Melo data de 1905, é um belo lugar.

Depois que saí do Lar, fui para o Mercado São Sebastião, lugar que considero dos melhores para alimentos frescos. Conversei com o José Moreira Sobrinho, de 60 anos, que trabalha há 40 anos ali, e foi o primeiro Presidente do Sindicato do Comércio Varejista de Frutas e Verduras de Fortaleza; foi, por 18 anos, Conselheiro do SESC, e hoje é o delegado representante do sindicato e Diretor da Federal do Comércio do Estado do Ceará. O atual prédio do Mercado foi inaugurado no dia 20 de outubro de 1997, mas só se mudaram em 05 de dezembro do mesmo ano. No dia 20 de janeiro, dia de São Sebastião, sempre há festa no Mercado, com missa, café da manhã, jogo de futsal no SESC, com uma equipe do São Sebastião. Tem um santuário com o santo São Sebastião, padroeiro do lugar. Disse o Senhor José Moreira que “ *é um mercado popular que traz tudo de boa qualidade, gera 10 mil*

empregos diretos e indiretos [...] temos 400 boxes e cada um paga uma taxa por seu box [...] a gestora é a prefeitura, o sindicato faz a administração [...] o dinheiro do estacionamento é gasto na manutenção [...] aproximadamente 2000 pessoas circulam por dia, pessoas de todos os níveis sociais, de todos os bairros, estrangeiros [...] da antiga estrutura do Mercado tem uma parte na Aerolândia (frente do mercado) e a outra no Mercado dos Pinhões [...] aqui nós fazemos curso de atendimento e de relações humanas para aprimorar o atendimento do mercado [...] o que eu considero mais importante no Bairro é o Liceu e o Arquivo do Município, as outras coisas tem valor, mas não como essas.

O Mercado, na verdade, tem muito mais do que frutas e verduras, carnes, peixes, frango, boi, porco, muitos boxes de material elétrico, panelas, vassouras, fogareiros, churrasqueiras, e todo utensílio doméstico de que mais se precisa, com os preços sempre muito melhores. Tem, inclusive, um jardim para venda de mudas. Sou freqüentadora do Mercado para comprar queijo, cajuína, polpa de fruta, castanha etc. Agradei ao José Moreira e me dirige ao SESC, que é vizinho ao Mercado.

O Serviço Social do Comércio – SESC é uma instituição que atua em programas de Educação, Saúde, Assistência, Esporte, Lazer e Cultura e atende aos trabalhadores do comércio de bens e serviços e seus dependentes e a comunidade em geral.

Na parte da tarde desse mesmo dia, resolvi sair para tentar conversar com a moradora de uma bela casa cor de rosa, na Francisco Sá, 1903, esquina com a Oscar Pedreira. Arrumei-me no ponto de fazer um Cooper. Eram 16h00min, e me dirigi ao local. Tive dificuldade para conseguir que me ouvissem bater palmas, já que a casa não tem campainha, mas, afinal, fui atendida pela Senhora. Hércia Coelho, que me recebeu de maneira muito simpática. Sentamos-nos, expliquei o motivo da minha visita e deixei que ela falasse.

Eu moro no bairro aproximadamente há 18 anos ... Sou professora, ensinei no Juvenal Galeno, no colégio Monsenhor Hélio Campos, no Eduardo Campos ... Tenho cinco filhos, quatro homens e uma mulher ..., a minha filha mora aqui no Jacarecanga também, nessa casa aqui em frente da minha. Eu moro aqui com um neto e uma neta.

Essa casa que nós estamos já tem 60 anos, é da família Guilhon, da Teresa Guilhon, eu moro aqui de aluguel, eles pedem para eu não sair daqui, por que eu cuido da casa, você está vendo. Eu adoro esse bairro, é calmo, embora aqui e acolá tenha assalto, na verdade falta segurança. Aqui sempre foi muito bom, existe paz entre os vizinhos, afetividade, amizade. A gente sentava na calçada quando eu tinha todos os filhos morando em casa. Há uns dez anos atrás fazia gosto andar na praça, tinha feirinha, as famílias iam muito ... Toda sexta-feira, sábado e domingo eu ia para a praça, tinha banda de música, [...] agora nem comércio tem mais, falta infra-estrutura de comércio. [...] O que eu considero de mais importante aqui desse bairro são os casarões, que os donos estão deixando se acabar. Veja aí a casa do Chico Filomeno Gomes, da Dona Beatriz, esta toda acabada, agora ela deixou uma família morando lá só para não roubarem o resto das coisas, portas, janelas, lustres. A do Pedro Filomeno, pai do Chico, há muito derrubaram para fazer aquele prédio, ninguém se preocupa em conservar e preservar a memória desse bairro, que está nas casas aqui construídas e nas pessoas que nelas moraram e moram. A Praça do Liceu é outro patrimônio, é o centro do bairro; e o Colégio Liceu do Ceará de onde saíram todas as pessoas ilustres dessa cidade daquela época, médicos, advogados, governadores, prefeitos, sem contar que além de estudarem no Liceu, moraram no bairro também. O Jacarecanga era tudo de melhor que existia em Fortaleza. Não quero morar em outro lugar.

Bem, andar por essas casas é conhecer o passado, é conhecer como viviam as pessoas e seus valores sociais. Essa casa da qual a Hércia acabou de falar é muito bonita, é uma casa alta que tem porão; as casas antigas na sua maioria tinham porão. Eu gostaria de ter morado em uma casa com porão, mas não tive essa sorte, acho uma coisa curiosa, até o fim deste trabalho, quero entrar em um porão de uma dessas casas. Acho que vai ser bom, pois é uma vontade de criança ter brincado em porões. Vamos ver como será.

Essa casa cor de rosa com frisos brancos tem pouco jardim, mas como de costume tem escada para que se possa entrar. Penso que havia um gosto por escadarias, tanto externas como internas, já que muitas das casas eram de sobrado, como se chamava antigamente. Muitas portas e janelas; as portas todas muito altas, largas e de madeira fornida, e janelas, muitas janelas, com vidros, e outra por dentro que impedia a visibilidade externa quando se fechava toda. Na divisão interna da casa, em um único quarto tem, às vezes, até três portas, é

tudo interligado e se passa de um cômodo para o outro por essas portas. O piso utilizado na casa é tábua corrida na sala e quartos e mosaico no restante da casa, aquele mosaico antigo que se não fosse muito bem sentado não dava certo, os desenhos tinham que se encontrar, sem contar que a qualidade desses pisos é a melhor possível, casas com até cem anos ainda tem o piso muito bom, só tem que encerar. A sala de jantar além do piso de mosaico, tem meia parede de azulejo branco e um friso verde no acabamento de cima. A casa onde morei na rua Silva Paulet era de mosaico preto e branco na copa e na cozinha e os quartos eram de taco.



Casa na Oscar Pedreira, esquina com a Francisco Sá

O mais interessante é que as casas assim como essas, com vários quartos, só tinham um banheiro. Essa da qual falo também só tinha um banheiro que, infelizmente, foi modificado. Os alunos da Escola de Artes e Ofícios Thomas Pompeu já estão visitando essas casas para ver o que pode ser feito para restaurar e conservar algumas coisas, o que é muito bom. Há também outra coisa que acho interessante: a garagem é bem delimitada, guarda realmente o carro, mas apenas um, se tivesse outro não sei onde guardavam. Pude olhar toda a casa e observar como os móveis agora utilizados destoam da arquitetura harmoniosa da casa.

Deixei para fazer algumas fotos da casa no dia seguinte, pois as baterias da máquina descarregaram. Agradei a Hércia e sai.

Como pretendia fazer uma caminhada, retornei pela Francisco Sá e logo me vi em frente a uma das chamadas vilas do Pedro Filomeno. Olhei e vi algumas pessoas sentadas em frente a uma casa. Resolvi tentar uma conversa. Ainda se pode sentar na calçada nesse lugar e é gostoso porque, apesar de se morar na avenida, pois o endereço é da avenida, não se fica em meio ao movimento de carros, tampouco exposto aos perigos da rua. Dirigi-me ao grupo que lá se encontrava e expliquei o motivo da minha presença. Já eram quase 18h00min, e fui aceita para conversar. A pessoa que se dispôs a conversar comigo foi a Mônica Vitória Pereira de Sá, com endereço na avenida Francisco Sá, 1823 B. Assim é o endereço de quem mora nessa vila; na verdade, não gostam que se chame de vila, pelo menos foi o que notei em sua fala.

Eu nasci no Rio de Janeiro e vim para Fortaleza com cinco anos de idade, e vim direto para o Bairro do Jacarecanga. Tenho 40 anos de idade, portanto já moro aqui no Jacarecanga há 35 anos. Essas casas aqui têm um estilo americano moderno, são da década de 40, em concreto. [...] Aquela casa ali é a que eu moro, e foi nela que morou o Virgílio Távora, ainda tem o mesmo lustre lindo da época em que ele morou lá, o piso de tábua corrida, a escadaria que vai para o segundo andar [...] Depois eu vou te mostrar, já vi que você vai achar tudo lindo. [...] Eu adoro esse bairro, é perto da Praia de Iracema, tem o Mercado São Sebastião, é central, tudo que eu preciso tem aqui no bairro ou perto do bairro.

Eu me lembro de algumas coisas boas da minha infância, eu ia brincar de peixinho no Riacho Jacarecanga na São Paulo, e levava o meu carneirinho para comer capim, era muito bom e tenho boas lembranças da minha infância aqui no bairro. Me lembro que o padeiro vinha deixar o pão na minha casa, todos os dias [...]

Agora para mim, embora a gente tenha o Liceu, o Juvenal Galeno, o Corpo de Bombeiros, a Escola da Marinha e outras coisas mais, não tem patrimônio maior no Jacarecanga do que os casarões, eles com seus moradores é que fazem a história do Jacarecanga e de Fortaleza, na medida em que as pessoas de destaque, quer na área política

na área educacional, na área cultural ou na área econômica, ou moraram ou estudaram nesse bairro, portanto, o Jacarecanga é lugar de destaque na história da cidade de Fortaleza.

Ouvindo a Mônica Vitória falar, fui me lembrando de algumas coisas da minha infância e recordo-me muito bem de que, na época, o padeiro também ia deixar o pão lá em casa todos os dias, sem contar que ainda passavam na porta de casa o cuscuz paulista, a tapioca com coco e o homem com a tábua de pirulito. Todos passavam a pé com seu cesto ou caixa ou tábua de produtos, anunciando a mercadoria em voz bem alta, gritando mesmo, sempre na mesma hora em que todos já esperavam. Aqui no Jacarecanga outro dia, por volta das 05h00min da manhã, vi uma bicicleta passar com dois cestos grandes de pão, um na frente da bicicleta, outro atrás, cobertos com um plástico preto. Ainda se pode ver esses costumes em alguns lugares, sem contar que ainda há o freguês do peixe, do fígado, do cheiro-verde, que passam batendo na sua caixa de madeira. Vez por outra, é visto esse comércio, especialmente no espaço do segmento social menos favorecido.

Fui para a Praça e fiz meu Cooper. Quando terminei, a Praça já era toda movimento. Encontrei com meu namorado-marido, que foi para casa. Eu fiquei, agora para conversar com a mulher do churrasquinho, aquela de quem pela primeira vez falei, ainda usando uma pequenina churrasqueira e um cachorro como acompanhante. Hoje sua infraestrutura, como já disse, é outra.

Meu nome é Maria Lucineide e moro há dez anos no bairro, e tem cinco aos que vendo churrasco, custa R\$1,00 (um real), mas é bom. Onde anda seu cachorro? A carrocinha passou e levou o cachorro, eu não vi. [...] O que eu acho mais importante aqui é a Praça do Liceu mesmo, tudo passa por aqui [...] tem os casarões também, é o que eu acho ...

Foi muito pouco o que a Lucineide falou, muito objetiva, mas considero que para ela a Praça seja mesmo tudo, pois é onde ela ganha seu dinheiro.

Dia 02, sábado, saio por volta das 10h00min da manhã. Vou novamente para a rua Oscar Pedreira, número 25, agora para uma casa azul e branca que eu achei realmente linda.

Parece uma casa de ilustrações de alguns livros. Vou conversar com Edna Fernandes, a dona da casa.

Eu moro há 34 anos aqui no Jacarecanga, mas todo o tempo não foi nessa casa, porque eu morei um tempo em Portugal; meu marido é português. Essa casa tem aproximadamente uns 70 anos, e agora os alunos da Escola de Artes e Ofícios Thomas Pompeu já vieram olhar para fazer as restaurações necessárias. [...] Essa casa é em estilo chulé e têm, entre portas e janelas, 25 aberturas de comunicação internas e externas e sofreu algumas modificações. O piso de mosaico, tábuas corridas em duas cores, portas e janelas exteriores ainda são originais. Foi mudado o piso da sala da frente que agora é cerâmica e o banheiro que agora está se pensando em reconstituir. Mas eu gasto muito para manter as coisas nesse estado de conservação. [...] Na cozinha os azulejos brancos ainda são os originais, eu coloquei esses poucos armários na parede para não ficar muito agressivo ao estilo da casa, pois antigamente não se colocavam esses armários modernos. [...] Eu tento deixar as coisas como eram, mas é muito difícil por que é tudo grande, alto e gasta mais para conservar. Venha ver aqui atrás, tem essa garagem, esses dois quatinhos, tudo como era antes, tem porão, onde a gente guardava algumas tralhas, agora mandei deixar fechado.

Eu adoro coisas antigas, você sabe antigo é diferente de velho. Coisa velha é o que não serve mais, é aquilo que não tem valor, e coisa antiga é tudo que tem valor, quer seja como memória ou como patrimônio de uma época, de uma história, ou valor comercial, e ainda valor sentimental, são coisas das quais não queremos nos desfazer ou modificar. [...] O Jacarecanga é um dos bairros mais tradicionais de Fortaleza, e o maior patrimônio do Bairro são os casarões, que alguns ainda são conservados. Para mim desses casarões o maior patrimônio do bairro hoje é a casa do Thomas Pompeu Sobrinho, é uma beleza de casa.



Casa azul e branca na rua Oscar Pedreira



A primeira vez que vi essa casa azul e branca fiquei encantada. Como sempre, na entrada principal, uma pequena escada com jarros de flores nas laterais, um pequeno jardim, não que não houvesse espaço para mais; acho que era o estilo utilizado. Na entrada do lado esquerdo, tem acesso para o carro ir até a garagem, que fica no fim do terreno. Desse mesmo lado, há uma entrada para a casa que se tem acesso por uma escada, também com jarros de flores coloridas, um corrimão em alvenaria, trazendo um contorno mais bonito para a escada, e chegamos ao pequeno terraço. Essa casa, também, com um mobiliário que considero desproporcional para a estrutura da casa, muito alta, apenas algumas peças antigas. Bati algumas fotos e me dirigi à casa vizinha, a da Hércia, para fazer a mesma coisa, já que no dia anterior isso não foi possível. Terminado, ainda andei mais um pouco na Oscar Pedreira, fui até o final e registrei também a casa onde funciona o Colégio Olinto Studart, muito bonita, também em estilo chalé, hoje pintada de um verde muito forte. Olhei o relógio, 13h00min. Voltei para casa novamente pelo Francisco Sá, parando ainda na casa do Chico Filomeno para tirar algumas fotos do interior da casa, mas não consigo, o morador não se encontra, volto outro dia.



Colégio Olinto Studart na Rua Oscar Pedreira

Dia 10 de outubro, 11h00min, uma terça-feira, saio para fazer algumas fotos de algumas casas. É preciso registrar o que ainda resta. Dirigi-me primeiro para à casa da Mônica, pois já havia conversado com ela e fiquei de voltar para fazer algumas fotos da casa onde o Virgílio Távora morou. Lá chegando, encontrei sua irmã Marta que, muito entusiasmada, me mostrou toda a casa e ainda me levou para ver a casa da frente que hoje é do Sindicato da Petrobrás - SINDPETRO. As duas casa tem a mesma arquitetura, as mesmas divisões internas, mas a pintura das paredes tem diferenças. São casas grandes de dois pavimentos. O terceiro é um terraço, e para ter acesso a ele, tem uma escada muito interessante. É muito característico da época em que foram construídas essas casas o gosto por arquiteturas de mais de um andar; quase todas são assim. Fiz algumas fotos, dos lustres que ainda são originais, das paredes que ainda conservam o mesmo tipo de pintura. São muitas portas, muitas janelas, vidros de cristal, pisos diferentes de mosaico, de taco e de tábua corrida. Muitos detalhes em tudo. Creio que viver nessas casas não é fácil, muita coisa para limpar, umas casas de custo muito alto para conservar e limpar. Quando cheguei a essa casa, a Marta estava limpando alguns cômodos; é muito trabalho mesmo. Conversamos muito; ela é muito interessada também nas histórias do Bairro.



Casa onde morou Governador Virgílio Távora



Detalhe do teto, lustre e portas. Tudo original

Saindo de lá, logo em frente, fiz algumas fotos da casa do filho do Pedro Filomeno, o Chico Filomeno. A casa está muito acabada, mas ainda é uma bela casa, mas não consegui entrar, pois os ocupantes estão sempre fora, quando lá apareço.



Casa do Chico Filomeno Gomes, filho do Pedro Filomeno

Nesse momento voltei à casa do Thomas Pompeu. Queria fazer algumas fotos do interior da casa. Fui até o porão, uma imensidão. É inacreditável o número de compartimentos; é uma outra casa. Fiquei satisfeita, pois precisava dessas fotos. Quando estava no terceiro pavimento, avistei a casa de Acrísio Moreira da Rocha. Estão pintando, pois lá vai funcionar a Delegacia Anti-Seqüestros. Já era mais de meio dia, mas resolvi ir lá também.



Porão da casa de Tomás Pompeu, onde ficavam os índios por ocasião das suas pesquisas antropológicas

Lá chegando, bati e não apareceu ninguém, mexi no portão e vi que poderia abrir, abri. Encontrei um menino brincando e pedi para entrar e fazer umas fotos. Ele relutou, mas disse que podia. Continuou com a sua brincadeira e eu fui fazendo algumas fotos. Numa mistura de estilos, a casa me pareceu mais um templo romano do que uma casa residencial. Fiquei surpresa com a suntuosidade. Sempre olhei do alto e passando pela frente da casa, que não dá para ver nada por causa dos muros altos. Desta feita, estava podendo observar tudo. Uma grande área, entre área coberta e área livre, muito espaço para jardim, embora agora esteja apenas na areia batida, mas ainda estão arrumando. Espero ver por lá um bonito jardim. Como na maioria das casas daquela época, na entrada principal há uma escada; é uma bela fachada e na lateral esquerda há uma grande puxada com muitas colunas, trabalhadas no topo e no chão, formando um terraço em baixo e outro no andar de cima, pois a casa é de dois andares, como era costume se fazer naquele período. Logo após o terraço, há uma grande piscina, em azulejos brancos, mas agora muito suja, que acredito devia ter uma água linda

quando estava sendo utilizada. Após a piscina, tem uma capela, agora não mais com essa função, pois está sendo ocupada com colchões, cadeiras e outros materiais, certamente, da polícia.



Fachada da casa de Acrísio Moreira da Rocha. Abaixo vista da piscina e capela.



Sala de estar, mostrando detalhes do teto, paredes, portas e janelas, tudo muito trabalhado e o lustre de cristal

Agora compreendo por que as pessoas não saíam muito. Tudo era feito em casa mesmo. Nessa, por exemplo, tem a piscina, a capela, muito espaço para jardim, espaço para jogar, correr, plantar ... Dona Leda Cordeiro - ainda vou falar dela - me contou que no terreno dessa casa de Acrísio, havia muitas fruteiras, portanto, até fruta se comia tirando do pé. Graças a Deus, em algumas casas, ainda se pode ter árvores frutíferas para consumo familiar.

Entrei na casa pela lateral do terraço. Tudo muito amplo, claro: piso preto-e-branco no terraço, uma cozinha em azulejos brancos, uma dispensa, uma copa, duas salas muito grandes, creio que uma sala de jantar e outra de visitas, com piso em mármore, lustres grandes de cristal, e, na sala de jantar, uma linda escadaria em mármore que dá para o segundo andar, onde ficam os quartos. Estava muito envolvida em olhar para tudo e já ia subir para ver a parte de cima, os quartos, os banheiros com banheiras, que não dei conta de que chegou alguém da polícia. Entre preocupado e assustado, me perguntou o que eu estava fazendo ali. Bem, expliquei direitinho sobre a pesquisa, mas isso não o satisfaz, pois, segundo ele, eu não poderia estar ali; o delegado não iria gostar dessa minha estada. Para minha decepção, não me permitiu subir. Disse a ele que gostaria de falar com o delegado para que me permitisse subir, mas infelizmente ele estava viajando. Agradei e fiquei de voltar na outra semana.

Não sei se nessa casa houve muitas festas, muita música, gente bonita indo e vindo, garçons bem vestidos e educados servindo os convidados, mas minha imaginação alçou vôo e, enquanto andava pela casa, imaginava como seria a vida naquele templo romano. Com certeza muitos criados para limpar, arrumar e cozinhar, móveis de madeira fornida, grandes mesas na copa e na sala de jantar, sofás macios de veludo, e quem sabe, até na cor vermelha ... Vou voltar para ver o segundo andar e continuar a minha narrativa. Voltei para casa já eram quase duas horas da tarde.

Chegando em casa, tentei marcar alguns encontros, pois ainda não estou satisfeita com o que colhi. Espero que com mais esses encontros eu encerre minhas conversas, não porque queira, mas porque é preciso. Tenho que terminar esta tese. Falei com Lourdinha Figueiredo, Beatriz Filomeno Gomes, Maria Luiza, Leda Cordeiro. Consegui marcar com Dona Leda para amanhã, por volta das 13h30min, as outras ainda não consegui.

Dia 11 de outubro, quarta-feira, bato na porta de Dona Leda Cordeira à 13h30min, conforme combinado. Ela já estava me esperando. Eu já havia estado em sua casa, mas ela não se encontrava, portanto conversei com sua prima Clara. Dona Leda me apresentou suas netas que moram lá desde que nasceram, algumas fotos da família e sentou-se para falarmos sobre o que eu queria.



Dona Leda Cordeiro

Meu nome é Maria Arisleda Cordeiro Gondim, mas sou mais conhecida como Leda Cordeiro. Nasci em 30 de agosto de 1927, portanto tenho 79 anos de idade. Moro aqui no Jacarecanga há 64 anos, pois vim para esse bairro com 15 anos de idade. [...] Passava minhas férias sempre em Russas, era muito bom. Eu me casei em 1951, com Arilo Nogueira Gondim, coronel dentista da polícia [...] eu tive quatro filhos, todos em casa com uma parteira que trabalhava no Hospital e Maternidade César Cals, a Maria Jucá, um homem que é militar da marinha, e mais três filhas, mas uma morreu de câncer.

Eu sou filha do Manoel Cordeiro Neto, que foi Chefe de Polícia aqui em Fortaleza no tempo da Ditadura Militar, [...] na época o interventor era o Menezes Pimentel. Meu pai contava que uma vez teve que prender o filho do Menezes Pimentel que, segundo ele, estava fazendo arruaça na cidade, e chamou o seu pai para entregar o rapaz, e isso foi mais ou menos por volta de 1930 e poucos. [...] Mas meu pai foi expulso do exército em 1922 [...] resolveu fazer Faculdade de Direito e terminou em 1926. Depois, quando o Raul Barbosa foi o interventor chamou meu pai de volta para o cargo de Chefe de Polícia, pois ele estava morando em Manaus. Meu pai disse para ele que só aceitaria se ele tivesse autonomia, não fosse para ser mandado por políticos [...] O Raul concordou e ele voltou [...] voltou para o exército no posto de tenente. Na época da construção da Igreja de São Francisco em frente à Marinha, aquela que não foi terminada, por volta de 1959/60, foi feita pelos presos [...] meu pai pegava os presos e como castigo colocava para ajudar na construção [...] meu pai era chamado “o homem da lata” por causa disso.

Aqui no bairro sempre foi muito tranqüilo [...] eu ainda peguei o bonde e a linha de ônibus do Oscar Pedreira [...] tinha também uns esmoles muito conhecido da gente – a Maria dorme sol, a Juana e outros, era muito boa a brincadeira com eles [...] nós nunca saímos muito, as festas aqui só nas nossas casas, no Natal, nos aniversários, e as de São João que tinha no Lorda, [...] nunca fui para a Praça do Liceu, não passeava por lá, minhas netas também não vão [...] bem, é isso que posso dizer para você.

Às vezes fico pensando como tem gente que não gosta ou não quer falar muito da sua vida, das suas memórias. Penso que Dona Leda talvez tivesse muito mais coisa de que pudesse falar, mas não falou, ou então eu não soube conduzir a sua fala. Na verdade eu gosto sempre de deixar os protagonistas desta história muito à vontade para falarem; ao final, saberei se foi bom.

São 14h35min, despeço-me da Dona Leda e me dirijo para a Praça do Liceu. Em lá chegando, encontro com alguns jovens estudantes do Liceu, fico olhando o movimento do grupo e depois de algum tempo me aproximo para conversar. Todos alegres, me receberam muito bem, mas curiosos para descobrir o que eu queria, e eu, querendo muito mais informações do que eles. Como sempre, falei sobre a pesquisa e perguntei quem gostaria de

conversar um pouco comigo sobre o Bairro. Das seis pessoas que ali se encontravam três se mostraram interessadas na conversa. Marta, João e Francisco, assim se apresentaram⁴³. Pedilhes, então, que me falassem sobre o Bairro e o que de mais significativo havia para eles ali de memória e pudesse mostrar a cara do Jacarecanga como patrimônio do Bairro e de Fortaleza. Olharam-se como a perguntar o que dizer, mas não se intimidaram. Então João falou:

Eu sou o João, tenho 18 anos e nasci aqui. Gosto de tudo aqui do bairro, dos amigos, do colégio, da paisagem e da Praça. [...] Aqui tem muitas coisas que por si só podem representar o Bairro do Jacarecanga. A Marinha e o Corpo de Bombeiros são duas instituições que eu respeito muito, e tenho até vontade de fazer parte dessas corporações, os Bombeiros principalmente [...] Tem também essas casas bonitas que agora estão muito estragadas, mas minha avó dizia que eram todas muito bonitas, eu acho que eram mesmo por que a minha avó falava muito. [...] o Palacete eu acho a mais bonita, não sei se é por que esta toda arrumada, pois lá é uma escola muito legal [...] a praia podia ser mais bonita, mas o povo suja, não cuida e parece que tem algumas pessoas que não são muito legais [...] gosto mesmo é daqui da Praça do Liceu [...] aqui professora a gente se encontra com os colegas, a gente paquera, joga na quadra de futebol de areia, faz lanche, tem muitas árvores, tem também aqui perto a Igreja do Bom Pastor, tem outras igrejas, como a Igreja dos Navegantes, mas eu vou a essa, é mais animada [...] agora a cara do Jacarecanga mesmo é o Liceu que já tem bem 100 anos de existência [...] é isso professora, se fosse a minha avó ia falar muito mais, mas eu não conheço as histórias das pessoas daqui, só sei que morou muita gente rica, agora não tem mais [...]

Agora sou eu professora. Meu nome é Marta, tenho 17 anos e nasci aqui no Jacarecanga também. Acho o bicho o Corpo de Bombeiros, eles fazem muita coisa legal para a comunidade, além de salvar as pessoas do perigo, aqui na Praça tem aula de ginástica às seis horas manhã dada pelos bombeiros, dizem que é para o pessoal da terceira idade, mas tem muita gente mais nova que faz, a minha mãe faz. A Igreja dos Navegantes é muito linda, parece igreja de interior, e é muito antiga também [...] tem muita coisa boa aqui no bairro, tem o SESC e o SENAI que oferece muitos cursos, lazer e prática esportiva, o Mercado São

⁴³

Esses nomes são ficção, pois não quiseram se identificar e eu respeitei a decisão.

Sebastião a minha mãe fala que é ótimo, tem de tudo e é muito antigo [...] o Palacete eu também acho lindo, agora com essa escola que funciona lá tem até shwo nos dias de quinta-feira [...] agora o Liceu e essa Praça para mim é tudo, é a cara do bairro [...] você ta vendo não é professora a gente quando quer conversar antes ou depois da aula se senta por aqui, nos bancos ou nas mesas de ping-pong [...] aqui no bairro já tem até faculdade, a FAMETRO, e outros curso de especialização em enfermagem ali na Rua São Paulo se não me engano [...] eu acho que não vou querer morar em outro bairro [...] é só.

Bem professora, eu me chamo Francisco, tenho 19 anos, mas não nasci aqui, vim morar no Jacarecanga quando tinha três anos de idade, de acordo com a minha mãe. Eu gosto muito deste bairro, estudo aqui, jogo bola aqui nesta Praça, meus amigos a maioria mora aqui, e pra mim a cidade é o Jacarecanga [...] é claro que vou a outros lugares, outros bairros, ao cinema, mas o meu dia a dia é aqui mesmo, só não vou muito à praia, primeiro por que não gosto muito e segundo por que acho essa praia daqui perigosa [...] Enquanto os dois falavam, a Marta e João, eu fiquei pensando sobre essa questão que a senhora colocou para nós e quero dizer que esses casarões bonitos que as pessoas falam que tinha, hoje não existe quase nada, a não ser o palacete onde funciona a Escola de Artes e Ofícios e aquela casa ali quase da esquina que parece um chalé, as outras estão muito acabadas [...] agora tem muitas outras coisas que eu acho importantes aqui no bairro e também para a cidade, tem a Marinha, o Corpo de Bombeiros, o colégio do Corpo de Bombeiros, o Liceu, essa escola ao lado do Corpo de Bombeiros, a Igreja do Bom Pastor e a dos Navegantes [...] e essa praça com o Liceu que eu acho muito boa, pó melhor de tudo [...] como disse o João rola uma paquera, jogo de bola, muita conversa, nossos encontros são marcados sempre aqui, não tem jeito, essa praça é o bicho [...] das pessoas que moraram aqui não posso dizer nada [...]

Já eram 17h00min, quando terminamos nosso encontro. Foi uma conversa interessante. Ao final, o grupo todo dava opinião, que combinava com o que já havia sido dito pelo João, a Marta e o Francisco. Agradei e me despedi daquele grupo que dava ao lugar uma alegria e um colorido próprio, muito agradáveis aos olhos de quem por ali passa. Continuei na Praça e sentei na Grande Barraca para tomar uma água de coco e observar mais um pouco o movimento. Cinco e trinta e já começa o movimento. Algumas pessoas

caminhando, outras sentando para comer alguma coisa ou tomar uma cerveja, os alunos retornando das aulas. É a Praça agora ganhando mais vida. Olho ao meu redor a procurar mais alguém para conversar. Dirijo-me a um casal que está em uma mesa ao meu lado. Algumas pessoas parecem ter mais dificuldades de conversar com quem não conhecem, mas, depois dos primeiros momentos fica tudo mais fácil. Foi o caso da Dona Marli e do Senhor Raimundo⁴⁴. Conversamos por alguns momentos para eu poder explicar o trabalho que estava fazendo e só então começamos a entrevista. Dizem que mulher gosta de falar, mas desta vez quem quis mesmo falar foi o seu Raimundo. Comecei por ele.

Eu tenho 77 anos, sou aposentado, e moro aqui no Jacarecanga quase a vida toda, por que quando eu vim para cá não dei conta, pois era muito pequeno, tinha apenas dois anos, segundo a minha mãe. Daí pra frente só vivi aqui, e gosto muito, a cidade de Fortaleza para mim é este bairro, sei que a cidade cresceu muito e já andei muitas vezes por outros lados, mas pra morar mesmo é aqui [...] Bem, o que você - eu posso lhe chamar assim não é professora?- está esperando dessa conversa eu não sei, mas o que eu considero mesmo memória deste bairro, que pode representar o bairro, é esta praça junto com o Liceu e os Bombeiros [...] desculpe professora, mas eu sempre me emociono quando falo das coisas que vivi e tenho saudade, meu pai e minha mãe viveram e morreram aqui e meu irmão e minhas irmãs também moram aqui, a nossa vida foi toda neste bairro [...] Aqui eu conheci a Marli, casei com ela aqui na Igreja dos Navegantes, aquela igreja pequena do lado dos trilhos que também é outra coisa importante, aqui nasceu o José e o Paulo, meus dois filhos [...] não quero dizer que não tem outras coisas, tem muita coisa, mas o que bate no meu coração são essas [...] agora tem o palacete do Tomás Pompeu, a Marinha, o Bom Pastor, o Cemitério São João Batista, as casas bonitas que agora estão quase todas acabadas, com exceção do palacete, o chalé ai da Filomeno Gomes, a que funciona o Colégio Olinto Oliveira, a casa azul e a cor de rosa na Rua Oscar Pedreira e outras mais, muito pouco para tudo que aqui já construíram [...] mas tem uma coisa que é mais importante do que tudo isso, são as pessoas que aqui viveram e muitas delas se encontram no São João Batista [...] podem até destruir as casas, aparecer novos prédios que nem bonitos são, mas nunca vão poder apagar a memória

dos que viveram aqui [...] bem, eu acho que é só professora [...] vou deixar a Marli falar também.

Eu tenho 72 anos e moro aqui desde que nasci, só teve um período que vivi fora daqui, dos 10 aos 14 anos de idade, pois fui morar em Quixadá por causa do trabalho do meu pai, mas não gostei. [...] tudo que o Raimundinho falou é muito verdade, eu também acho que essas coisas todas são a cara do Jacarecanga, embora o centro de tudo gire em torno desta praça, aqui é muito bom para todo mundo, já ouve um época em que havia perigo, mas já tem algum tempo que está muito bom ficar aqui e olhar o movimento [...] tem gente mais velha assim como nós, casais mais novos, muitos jovens e crianças, dá pra todo mundo, pois o espaço é grande [...] mas eu ainda acho que tem mais coisas que é a cara do Jacarecanga [...] a Igreja dos Navegantes, não por que eu me casei nela, mas por que essa igreja está aí faz muito tempo e faz parte desse lugar e da vida de muita gente; a Igreja do Bom Pastor também é importante para o bairro por que o trabalho que as freiras vêm desenvolvendo aqui ajuda a população de menos condições para estudar e aprender um ofício, por que lá tem aula do ensino das escolas, mas tem também outras coisas, tem aula de violão, de bordado, de artesanato [...] agora tem também uma coisa professora que eu acho muito importante falar é da Vila São José, do Pedro Filomeno o dono da Fábrica de Redes São José, não sei se você já foi por lá, mas se não foi devia ir [...] essa vila tem muita importância para este bairro, eu acho que é a primeira vila operária de Fortaleza [...] brinquei muito na vila, pois tinha uma amiga que morava lá e era muito bom, tudo muito organizado, agora está tudo diferente, não parece mais a vila do Pedro Filomeno que o povo de lá gostava muito [...] agora a Praça da Vila São José é muito boa também e agora está bem cuidada com jardim e uma boa iluminação [...] sabe uma coisa que eu ia esquecendo de falar é sobre o Mercado São Sebastião, tem tudo nesse mercado e também faz parte da história de Fortaleza [...] eu gosto de história por isso presto atenção a essas coisas [...]

Foram quase duas horas de conversa, e podia ser mais, no entanto, não quis mais atrapalhar o lanche do casal. Terminamos nossa conversa. Agradei e me despedi. Voltei para a minha mesa e continuei a olhar o movimento. Sentia-me motivada para conversar com alguém mais. Aguardei um pouco, observei, e me dirigi a um rapaz sentado em um banco da Praça. Apresentei-me e ele, muito extrovertido, não colocou nem um obstáculo para

conversar, mas não quis dizer o nome, e eu respeitei, afinal o nome não é o mais importante nesta história e sim o que vem das pessoas com quem converso. Deixei-o falar.

Eu não pretendo falar muito sabe, professora, porque também não me ligo muito nessas coisas [...] Eu tenho 18 anos e moro aqui faz apenas dois anos, portanto não conheço muito a história do bairro. O que eu considero característico deste bairro é esta praça aonde eu jogo bola, onde encontro os amigos e venho olhar as gatas, e o Colégio Liceu que é onde eu estudo. As outras coisas eu acho até que são importantes – os Bombeiros, a Marinha e outras coisas -, mas não tenho nenhuma relação mais próxima com elas para poder falar alguma coisa. Mas aqui na praça eu venho todos os dias, e acontece de tudo, todos os meus encontros eu marco aqui na praça, faço lanche dia de sábado ou domingo, e às vezes eu até estudo com alguns colegas aqui na praça, naquelas mesas grandes embaixo das árvores, por que tem horas que aqui é muito calmo e dá para estudar. Eu acho que é só professora, espero que sirva para alguma coisa, pois é só o que eu posso dizer [...] foi um prazer lhe conhecer.

Assim como há pessoas atentas a tudo o que acontece no lugar onde moram, outras se ligam em algumas coisas e o restante faz apenas parte da paisagem, não lhe diz respeito nem dela faz uso no seu cotidiano. É o caso desse rapaz que acaba de falar. Embora saiba que existem outras coisas ao seu redor, liga-se apenas naquelas que mais de perto se encontra no seu dia-a-dia, sem contar que ainda é muito jovem e às vezes os jovens não se dão conta das pessoas nem de outros aspectos necessários para o movimento da vida. Terminamos essa conversa por volta das vinte e trinta. Ainda continuei mais um pouco olhando o vaivém das pessoas que chegavam. Fiquei satisfeita por esse dia e voltei para casa. Por essas alturas eu já havia formado o quadro daquilo que de mais significativo representava esse bairro, ou melhor, eu tinha dois quadros. Um que foi se construindo aos poucos pelas falas que ouvi, e outro que eu formei do que observei e do que ouvi. Vou agora apresentá-los nas minhas palavras finais.

6

PALAVRAS FINAIS

O Que faz do Jacarecanga um Patrimônio

Poderia dizer que o Jacarecanga é mais um espaço dos que se multiplicam pelas inúmeras cidades de países diferentes, o que por si só já teria muito significado, já que considero os espaços de vivência cotidiana uma tessitura de saberes e fazeres do construto social dos mais valiosos, na medida em que trazem no traçado das suas ruas, na arquitetura das suas moradas, nos costumes e nas tradições culturais, a história e a memória da vida de seus moradores e da vida da sua cidade.

Portanto, falar que o Jacarecanga é mais um bairro de Fortaleza é muito pouco para mim, para esta pesquisa e para a história da Capital. Para avaliar a importância deste Bairro, fui fazer minha colheita naquilo que, ao longo de aproximadamente 87 anos, deu os contornos para o Bairro e a Cidade. Na verdade, a análise baseou-se nas diferentes representações daquilo que se mostra no bairro do Jacarecanga, por meio das instituições denotativas de civilidade ali instituídas, da arquitetura rebuscada das casas, do movimento cotidiano das pessoas que por ali passam ou moram e, especialmente, mediante as falas das pessoas que foram, aos poucos, trazendo o que de mais significativo mostra a feição do Jacarecanga.

Chamam a esta parte do trabalho de conclusão. Resolvi chamar de Palavras Finais e usar um subtítulo, na medida em que não considero ter concluído nada, apenas trazido algumas reflexões que a mim me pareceram significativas. Na verdade, quanto mais caminhei à procura das respostas para as minhas indagações, mais tive a certeza de quão enorme é esse universo. Não posso dizer que me satisfiz com o que colhi, pois com certeza, ainda há muito mais para ver e ouvir, mas acredito também que pude trazer aquilo que de mais significativo pude ver com a visão e o que apareceu na fala das pessoas, o que sempre foi o meu intento.

O bairro do Jacarecanga, hoje, tem como moradores, em sua maioria, o segmento social de classe média-média, o segmento dos menos favorecidos e, alguns poucos, com poder aquisitivo mais alto. Apesar de o Bairro há muito não despontar na lista dos mais cotados no mercado imobiliário, tampouco no gosto do segmento social economicamente mais bem situado da população de Fortaleza, ainda continua sendo residencial, muito bom para muitas famílias, e, para algumas pessoas, um lugar especial e único em suas vidas.

Diferente de como começou o antigo bairro residencial, com chácaras, sítios, passeios de barco no riacho Jacarecanga, hoje o Bairro perdeu muito da estrutura física que o tornou o bairro *chic* dos anos 40 e 50 do século imediatamente passado, bem como pessoas de destaque na sociedade fortalezense da elite social, letrada, política e econômica, que deram a esse lugar uma feição e um movimento que o tornaram destaque na história da Cidade. Ainda continua sendo, no entanto, um bairro residencial, embora com maior comércio, mais escolas, mais casas de lanches e restaurantes, além de outros signos urbanos tidos como modernos, tais como as locadoras de filmes e as *lans houses*. Surgiram igrejas e outras se solidificaram. Alargaram-se as ruas. A praia é muito freqüentada por banhistas e surfistas e existem muitas barracas ao longo da praia que aos sábados e domingos têm grande movimento. O caminho que vai da Praça do Liceu pela rua Francisco Sá, até a praia, tem sempre na sua paisagem homens, mulheres, crianças, pessoas de todas as idades, mas especialmente os jovens que descem para a praia e dão os ares de alegria com suas roupas, sempre muito coloridas e sumárias, de quem vai para o lazer. Alguns passam a pé mesmo, sempre em grupo, outros de bicicletas e de motos. São moradores do Bairro e das redondezas. Talvez pelo pouco poder aquisitivo de grande parte da população local, há um aproveitamento geral de todos os espaços públicos ofertados, quer sejam praças, igrejas, praia, calçadas, quadras e ruas. Há um pulsar de vida manifesto por todos os lados, de formas diferentes, carregadas de cores, de múltiplos sons, de variados sonhos que se encontram e desencontram a todo momento.

Na estrutura física que hoje existe no Jacarecanga, pude ver o antigo, se assim posso chamar, e o novo, que vem aos poucos ocupando espaço e dando outros contornos para o lugar. Não vivi o Jacarecanga de antes, mas posso dizer que o que vi ainda mostra o lugar por intermédio do que chamei de antigo. São ruas, praças, casas e instituições que dizem a todo instante que ali é o Jacarecanga, que ali mora uma nesga da história de Fortaleza. E o que vi, e me realçou aos olhos, muitas coisas encontrei nas falas das pessoas com quem conversei. À esta estrutura física peculiar deste Bairro, vieram juntar-se as pessoas que fizeram este lugar tomar a feição de Jacarecanga.

Trago, portanto, a colheita de tudo o que pude apreender e do que me foi dito, e pode, ou deveria, ser reconhecido como memória e patrimônio do Bairro e de Fortaleza. Conversei com muitas pessoas, aproximadamente umas setenta, e trago aqui o resultado

dessas falas que representam o universo pesquisado naquilo que de mais significativo pode apresentar e representar o Jacarecanga.

Infelizmente, na lista dos bens tombados como patrimônio cultural de Fortaleza, não encontrei nada do que vi no Jacarecanga. Uma cidade, rica em memória da história desta cidade, deixa a descoberto ícones dos mais significativos que foram ao longo dos anos compondo o cenário que proporcionou a este lugar os contornos de civilidade e desenvolvimento.

Independentemente do que sob o ponto de vista oficial está tombado, encontrei, nesta pesquisa, aquilo que espontaneamente foi eleito e considerado como memória e patrimônio do Jacarecanga. Primeiramente vou apresentar o quadro colhido dentre as setenta pessoas, aqui representados por 23 falas, que mostram o conjunto por eles considerado bem patrimonial e característico do Bairro do Jacarecanga.

Começo, então, com a colheita indicada pelas pessoas com quem conversei, apresentando as instituições que ali se encontram e são ícones do Bairro que, além de valorizar, proporcionam um grande orgulho em seus moradores ou ex-moradores, sentimento expresso na maneira de falar e no brilho do olhar, que só pode ser confirmado por quem possui a oportunidade de com essas pessoas conversar. Na relação das instituições aqui apresentadas, não existe ordem de prioridade e foram escolhidas pelo valor simbólico e de utilidade que têm para a Cidade e para o Bairro, mas, especialmente, para as pessoas que ali moraram por muito tempo e as que ainda residem por aqueles lados, além de apresentarem a arquitetura de uma época de crescimento de Fortaleza: Escola de Aprendizes de Marinheiros; Corpo de Bombeiros do Estado do Ceará; Colégio Estadual Liceu do Ceará; Igreja dos Navegantes; Cemitério São João Batista; Instituto Bom Pastor; a praia. Foram indicadas algumas casas, aquelas que conseguiram se conservar, e se destacam no cenário do bairro: a casa do Tomás Pompeu, o Palacete, onde hoje funciona a Escola de Artes e Ofícios; a casa do Brasil Pinheiro que está exposta à venda; a casa do Acrísio Moreira da Rocha, onde recentemente começou a funcionar a Delegacia de Anti-Sequestros. A Praça Gustavo Barroso, mais conhecida como Praça do Liceu, e a Praça da Vila São José.

No que se refere às pessoas que moraram no Bairro creio que a figura mais citada foi a do Pedro Filomeno Gomes, que apareceu na fala dos moradores da Vila São José, sempre com muita admiração. Além dele vieram outros nomes: Stênio Gomes, que foi governador do Ceará; Acrísio Moreira da Rocha, que foi prefeito de Fortaleza; Oscar Pedreira, dono da empresa de ônibus Oscar Pedreira.

Hoje o segmento educacional apresenta: a Escola de 1º Grau Juvenal Galeno, hoje Escola de Ensino Fundamental e Médio Juvenal Galeno, em 1924; o Colégio Liceu do Ceará; o Colégio Rosa Gatorno e o Colégio Nossa Senhora de Lourdes que agora se uniram; a FAMETRO – Faculdade Metropolitana e o Colégio dos Bombeiros são os que mais se destacam.

Ao assistir aos festejos juninos na Praça da Vila São José, realizados durante três dias com um concurso de quadrilhas, umas vinte e quatro quadrilhas aproximadamente, maçã do amor, pipoca, churrasco, vatapá com arroz etc., pude ver o quanto isso tem significado para os seus moradores, construindo um grande patrimônio cultural do Bairro.



Quadrilha que se apresentou no dia 23 de junho de 2006



Quadra de esporte da Vila São José, enfeitada de são joão para o concurso de quadrilhas com comissão julgadora



Maçã do amor, milho cozido, churrasco de queijo-coalho e de lingüiça.

Além do que foi expresso há pouco e pode ser visto por quem queira, há coisas no Jacarecanga que só alguns conseguem ver ou sentir. Por exemplo, a Quintela disse que a brisa que vem do mar ao entardecer não pode ser esquecida, e eu concordo com ela, pois é muito gostoso ficar sentada em um dos bancos da Praça sentindo a brisa tocar o seu rosto; é preciso sentir para saber. O Padre Mirton Lavor, além da Igreja dos Navegantes, realçou como patrimônio o mar; ele também tem razão.

Ainda, porém, considero que existem mais coisas no Jacarecanga que merecem entrar para o conjunto que forma o patrimônio cultural e é memória da cidade de Fortaleza. Portanto, peço licença para trazer também a minha apreciação. Quero dizer mais e, mesmo assim, ainda não acredito que possa trazer tudo, mas apenas descrever o que os meus sentidos puderam encontrar, pois, afinal de contas, estudar as culturas que se desenvolvem nos lugares é uma tarefa complexa, na medida em que, mesmo usando de toda a objetividade que me foi possível, existe um componente nesse processo, que é pessoal - os meus acervos, constituídos

ao longo dos anos, e que vão permitir e influir na minha visão e audição, na minha sinestesia, e encontrar o que de mais significativo pude perceber.

Começo, então, concordando com o que foi elencado há pouco, mas quero dizer que pude observar outras coisas, ou melhor, me parece que tudo ou quase tudo que me chegou aos sentidos é muito próprio do Jacarecanga e dos seus moradores. Acrescento, portanto, outras instituições que são da maior importância para a cidade de Fortaleza e, especialmente, para o Jacarecanga. Saindo do começo da avenida Bezerra de Menezes encontrei o Mercado São Sebastião, um lugar onde se pode comprar quase de tudo e que serve não só aos moradores das redondezas, mas para a cidade inteira, pois vem gente de todo lugar para lá comprar; há também o SESC e o SENAI, duas instituições que servem à comunidade fortalezense com cursos dos mais diversos, ensejando a todos uma profissão e um trabalho, além das oportunidades de lazer para as diferentes idades que o SESC promove; outra instituição relevante é o Lar Torres de Melo, que atende ao segmento da terceira idade abandonado pelas famílias e os que realmente não têm outros membros familiares e necessitam de um lugar para morar. Há ainda a Academia de Ballet Goretti Quintela, uma das melhores da cidade.

Comecei este estudo, elegendo a Praça do Liceu como núcleo da pesquisa, e quero dizer que foi a escolha acertada, pois a Praça é realmente a alma do Bairro, tudo passa por lá: encontros de amigos, namorados, paqueras, trabalho, lazer, almoço, jantar, esporte, mendigos, alguns marginais, de banda de música, e palco para os candidatos a vereadores fazerem pregações. Enfim, tudo acontece por lá e para todas as idades. Ainda há o trilho por onde passam os trens. Creio que isso jamais deve sair de lá, assim como saíram os bondes elétricos e os ônibus de madeira que circulavam no Jacarecanga. Penso que tudo isso é patrimônio e que não se pode perder esses espaços, pois são lócus de edificação da vida, onde se tecem os fios que dão sustentação ao existir.

Penso, também, que a Vila São José é relevante para o Bairro, já que foi a primeira vila operária de Fortaleza e tem muitas histórias de vida para contar, haja vista que muitas das falas aqui apresentadas são de pessoas que lá habitam, e com as quais me sinto feliz de ter conversado e entrado em seus lares, sendo atendida de forma tão solícita. Precisaria que mais

se registrasse sobre essas pessoas que, orgulhosas, têm muitas histórias interessantes para contar.

Por fim, me despeço, ciente de que ainda há muito por fazer, mas, também, do muito que aprendi com a rua e com as pessoas com as quais tive a oportunidade única de conversar, e a simplicidade com que conduzem suas vidas.

7

REFERÊNCIAS

ARGAN, Giulio Carlo. **História da arte como história da cidade**. Tradução de Pier Luigi Cabra. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

ARANTES, Antonio A. A Guerra dos lugares: sobre fronteiras simbólicas e limiaridades no espaço urbano. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Cidades, n. 23, 1994.

BARTHES, Roland. **A Aventura semiológica**. Lisboa: Edições 70, 1987.

BOKBAM, Dora G. Cerdas. Sobre história cultural, vida cotidiana e mentalidades. **Revista de História**, Costa Rica, n. especial, 1996.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembrança de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

BRASIL. Leis, decretos. **Decreto-lei nº 25/37**, que organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional.

BURKE, Peter. **A Escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense, 1982.

CALVINO, Ítalo. **Cidades invisíveis**. Tradução de Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo: UNESP, 1999.

CAMPELO, Glauco. Patrimônio e cidade, cidade e patrimônio. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Cidade, n. 23, 1994.

CAMPELLO, Bernadete Santos; CENDÓN, Beatriz Valadaro; KREMER, Jeannete Marguerite (Orgs.). **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

CANCLINI, Néstor Garcia. O Patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 23, 1994.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. **Juventudes e cidades educadoras**. Petrópolis: Vozes, 2003. 180 p.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994. 2 v.
_____. Andando na cidade. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Cidade n. 23, 1994.

CHARTIER, Roger. **A História cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

_____. A Visão do historiador modernista. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.
CONSTITUIÇÃO da República Federativa do Brasil, 1988.

CUNHA, Maria Noélia Rodrigues. **Praças de Fortaleza**. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará, 1990.

DIREITO à memória: patrimônio histórico e cidadania. São Paulo: Dep. Patrimônio Histórico, 1992.

FENTRESS, James; WICKHAM, Chris. **Memória social**: novas perspectivas sobre o passado. Lisboa: Teorema, 1992.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GURGEL, Felipe. Memória edificada. **O Povo**, Fortaleza, 8 jan. 2006. Vida e Arte, p. 1.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória coletiva**. Campinas: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

HESS, Remi. Momento do diário e diário do momento. In: SOUZA, Elizeu Clementino; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. (Orgs.). **Tempos, narrativas e ficções**: a invenção de si. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006. p. 89-104.

HOBSBAWM, Eric. **Pessoas extraordinárias**: resistência, rebelião e jazz. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. **Verso e reverso do perfil urbano de Fortaleza (1945-1960)**. Fortaleza: AnnaBlume, 2000.

LE GOFF, Jacques. **Por amor às cidades**: conversações com Jean Lebrun. Tradução de Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: UNESP, 1988.

_____. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão. 3. ed. Campinas/SP: UNICAMP, 1994.

LEMOS, Carlos A. C. **O Que é patrimônio histórico**. 5.ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

LICEU EM AÇÃO. Edição especial em homenagem aos 160 anos do Liceu do Ceará. Ano 5, n. 3, out. 2005.

LOVISOLO, Hugo. A Memória e a formação dos homens. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989. p. 16-28.

MACEDO, Silvio Soares e ROBBA, Fábio. **Praças brasileiras**. São Paulo: Edusp, 2002.

MUMFORD, Lewis. **A Cidade na história**: suas origens, transformações e perspectivas. Tradução de Neil R. da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2004. 741 p.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, v. 10, n. 10, dez.1993.

ORIÁ, Ricardo. Memória e ensino de história. In: ALMEIDA, Adriana Mortara (Org.). **O Saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1997.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos** (Teoria e história), Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992. p. 200-212.

PONTE, Sebastião Rogério. **Fortaleza Belle Époque**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1995.

RYKWERT, Joseph. **A Sedução do lugar**: a história e o futuro da cidade. São Paulo: Martins Fontes, 2004.399 p.

RODRIGUES, Marly. Por que vocês querem preservar o patrimônio? **História**, São Paulo, v. 15, 1996.

ROSSI, Aldo. **A Arquitetura da cidade**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995. 281p.

SILVA, Armando. **Imaginários urbanos**. São Paulo: Perspectiva, 2001. 247 p.

SILVA FILHO, Antonio Luis Macedo. **Fortaleza**: imagens da cidade. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura e Desporto, 2001.

SILVA, Luis Roberto do Nascimento e. A Escrita das cidades. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Cidade, n. 23, 1994.

VASCONCELOS, José Gerardo; ADAD, Shara Jane Holanda Costa. Coisas, fendas e inefabilidades nas ruas da cidade ou simplesmente uma apresentação. In: _____. **Coisas da cidade**. Fortaleza: Editora UFC, 2005. p. 13.

8

ANEXOS



Panorâmica da Francisco Sá – vila Pedro Filomeno e casa Tomas Pompeu



Panorâmica lado oeste, tendo ao fundo o mar, no centro casa de Acrísio Moreira da Rocha



Panorâmica para o lado leste tendo ao fundo o mar e os prédios da Beira Mar



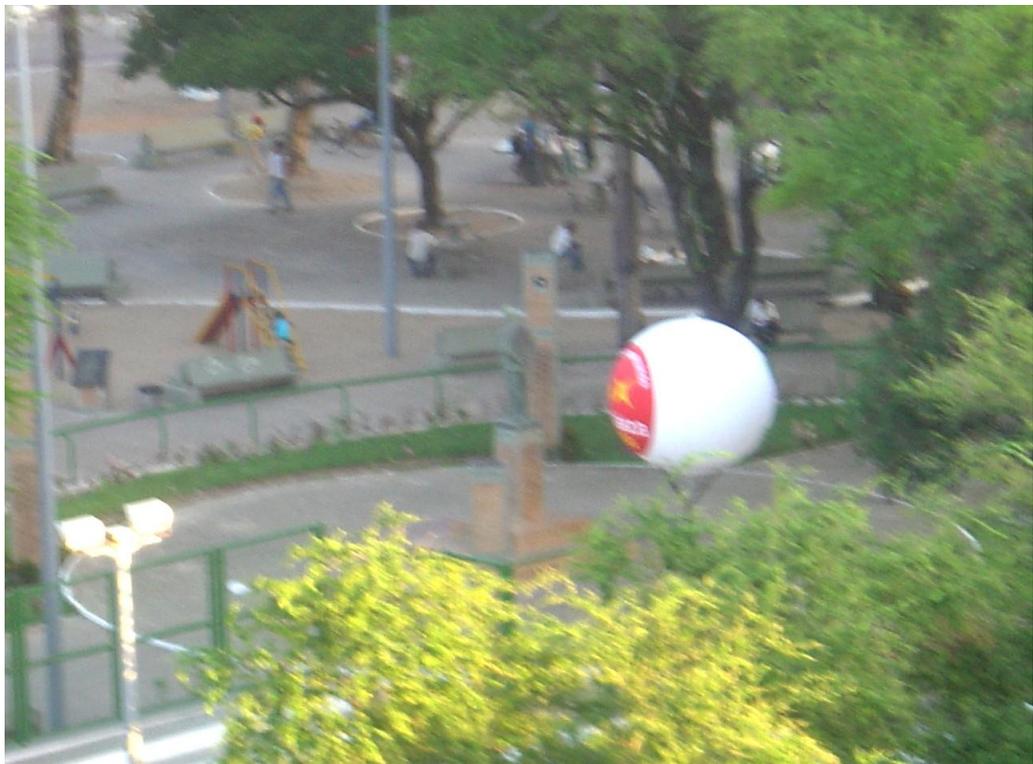
Panorâmica Praça do Liceu pegando a Guilherme Rocha



Panorâmica pelo lado da Francisco Sá



Idem



Parte interna da Praça do Liceu



Show de chorinho na Praça do Liceu



Público ouvindo chorinho



Idem



Casas da vila do Pedro Filomeno – Francisco Sá



Casas da segunda vila Pedro Filomeno – Francisco Sá



Pequenas casas de sobrado do lado da Praça do Liceu



Lojas na Guilherme Rocha em frente a Praça do Liceu



Farmácia 13 de maio, na esquina da Guilherme Rocha com Filomeno Gomes



Aky Lanches e pensão onde se hospedam os marinheiros, na Guilherme Rocha, de frente para a praça.



Casas antigas na Oto de Alencar em frente a Praça do Liceu



Bar do Fabiano na Oto de Alencar com Guilherme Rocha



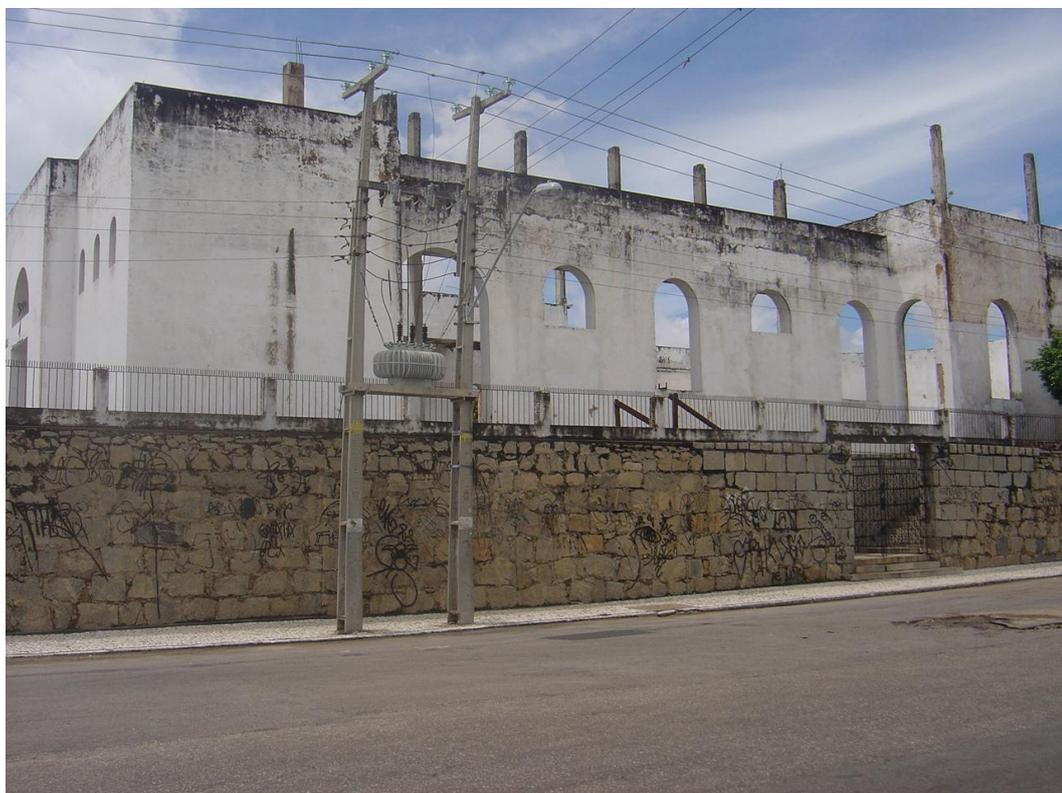
Lojinhas que ficam na Guilherme Rocha com Oto de Alencar



Parte interna da Praça do Liceu – mesas de ping-pong, bancos ao fundo



Esquina da Guilherme Rocha com Filomeno Gomes – a Praça do Liceu



Paróquia de São Francisco



Lateral Liceu e ao fundo os Bombeiros



Avenida Filomeno Gomes na descida para a praia e vista do mar



Paróquia de São Francisco que nunca foi terminada tendo ao fundo, em verde a capela de Santa Eduwiges



Casa Brasil Pinheiro na Filomeno Gomes quase na esquina da praça do Liceu



Panorâmica casa Acrísio Moreira da Rocha



Panorâmica da Praça do Liceu

Imagens da Festa de São João













Turma do Ballet Goretti Quintela



Centro da praça dom estátua do Gustavo Barroso



Escola de Aprendizes Marinheiros do Ceará



Colégio Liceu do Ceará com Corpo de Bombeiros ao fundo